

PONTE CULTURAL

Caminho para intensificar intercâmbio
com universidades japonesas

Organizador

Atílio Avancini

Colaboradores

Célia Maria de Moraes Dias

Dilma de Melo Silva

Felisberto Sabino da Costa

Ivan Siqueira

Joel La Laina Sene

José Luiz Proença

Marco Garaude Giannotti

ECA-USP

São Paulo, Brasil, 2016

eca50 ANOS
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

© 2016 by organizador Atílio Avancini

Projeto (2006-2015)

ECA - Escola de Comunicações e Artes

USP - Universidade de São Paulo

DELB - Departamento de Estudos Luso-Brasileiros

KUFS - Kyoto University of Foreign Studies

Organização: Atílio Avancini

Fotografias de capa e miolo: Joel La Laina Sene

Colaboradores: Célia Maria de Moraes Dias, Dilma de Melo Silva, Felisberto Sabino da Costa, Ivan Siqueira, Joel La Laina Sene, José Luiz Proença e Marco Garaude Giannotti

Preparação de originais e revisão de texto: Maria Eugênia Gouveia e Marisa Aparecida Bento

Projeto gráfico: Susana Narimatsu

Capa: Bruna Sanjar Mazzilli e Susana Narimatsu

Diagramação/arte final: Bruna Sanjar Mazzilli

Normalização bibliográfica: Walter Teixeira Lustosa

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria, proibindo qualquer uso para fins comerciais.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

P813a Ponte cultural : caminho para intensificar
 intercâmbio com universidades japonesas /
 organizador Atílio Avancini ; colaboradores Célia Maria
 de Moraes Dias ... [et al.] - São Paulo: ECA-USP, 2016.
 144 p.

ISBN 978-85-7205-162-0

1. Ensino superior - Brasil 2. Ensino superior - Japão
3. Universidades - Brasil 4. Universidades - Japão 5. Escola
de Comunicações e Artes/USP 6. Kyoto University of Foreign
Studies I. Avancini, Atílio II. Dias, Célia Maria de Moraes.

CDD 21.ed. - 378

SUMÁRIO

	Prefácio	7
	<i>Margarida Maria Krohling Kunsch</i>	
	Apresentação	13
	<i>Shiro Iyanaga</i>	
	Introdução	21
	<i>Atílio Avancini</i>	
I.	Imagens sonoras em Kyoto	25
	<i>Atílio Avancini</i>	
II.	Itinerários em Kyoto	41
	<i>Dilma de Melo Silva</i>	
III.	Olhar Paulistano - a ponte é somente para atravessar... ou como chegar ao Japão	55
	<i>Joel La Laina Sene</i>	
IV.	Retorno de Saturno no País do Sol Nascente	69
	<i>Célia Maria de Moraes Dias</i>	
V.	Um <i>tsunami</i> no jardim zen	89
	<i>Marco Garaude Giannotti</i>	
VI.	O avesso do mundo	99
	<i>José Luiz Proença</i>	
VII.	Eu, um pedaço do mundo: recortes de uma experiência no Japão	113
	<i>Felisberto Sabino da Costa</i>	
VIII.	Descobrimdo o Japão...	129
	<i>Ivan Siqueira</i>	
	Índice iconográfico	140
	<i>Joel La Laina Sene</i>	



Prefácio

Margarida Maria Krohling Kunsch

O lançamento do livro *Ponte Cultural: caminho para intensificar intercâmbio com universidades japonesas* faz parte das comemorações dos 50 anos (1966-2016) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Esta obra reflete o desenvolvimento da internacionalização das atividades docentes e confirma o lugar conquistado pela ECA no meio acadêmico nacional e internacional. Na complexa integração de áreas diversas nos campos das Comunicações e Artes, há uma habilidade em nosso corpo docente de conjugar pontes com outras culturas, oferecendo condições para a troca de experiência internacional nas três dimensões acadêmicas: ensino, pesquisa, cultura e extensão universitária.

As atividades pedagógicas dos oito professores da ECA, que participaram desse convênio com a Kyoto University of Foreign Studies (KUFS), foram na direção de difundir a cultura brasileira e a língua portuguesa, oferecendo meios para que os estudantes japoneses respondessem de forma positiva e criativa. Um exemplo a ser seguido pela USP como projeto interdisciplinar. E que legitima a ECA como instituição de ponta nos campos das Comunicações e Artes.

ごあいさつ

本書『文化の架け橋』はサンパウロ大学 (USP) 情報芸術学部 (ECA) 創立50周年 (1966 - 2016) 記念事業の一環として刊行の運びとなりました。本書は同学部教員諸氏の活動が国際的に展開された結果を反映したものであり、同時に国内外における学術分野で ECA が達成した地位の証であります。情報および芸術にかかわる様々な分野が複雑に一体化されたなかで、学部教員は教育、研究、大学の知とその社会還元という3領域における国際的経験の共有を目的とした諸条件を提供し、他文化との連繋に手腕を発揮しました。

京都外国語大学との学術協定に参加した本情報芸術学部所属の8名の教員による教育活動はブラジル文化ならびにポルトガル語の普及を目的とし、これによって日本人学生諸君に積極的かつ創造的な反応を呼び起こすべくさまざまな方策を講じました。一例をあげればサンパウロ大学側の行った学際的プロジェクトがあります。これは情報・芸術分野において先端的な学術機関である ECA の存在意義を示すものです。

日本においてそれぞれの教員が用いた種々の教育方法については、各教員が執筆した8章にわたる報告に述べられており、これらの報告書では日本の学生諸君がより高い能力を獲得できるよう、教育的特質の範囲内でバランスの良い理論と実践のありかたを明らかにしています。これらの報告は各教員の京都外国語大学における滞在年度順に収録されています。招聘教授として派遣された教員は以下のとおりです。¹

アティリオ・アヴァンシーニ (ジャーナリズム・編集 — CJE – 2006/2007)

ディルマ・デ・メーロ・シルヴァ (情報・芸術 — CCA – 2008/2009)

ジョエル・ラ・セーネ (映画・ラジオ・テレビ — CTR – 2009/2010)

セリア・マリーア・デ・モラエス・ディーアス (広報・宣伝・観光 — CRP – 2010/2011)

マルコ・ガラウーデ・ジアンノッティ (造形美術 — CAP – 2011/2012)

1. CJE (Departamento de Jornalismo e Editoração), CCA (Departamento de Comunicações e Artes), CTR (Departamento de Cinema, Rádio e Televisão), CRP (Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo), CAP (Departamento de Artes Plásticas), CAC (Departamento de Artes Cênicas), CBD (Departamento de Informação e Cultura).

As diferentes abordagens didático-pedagógicas utilizadas por cada professor da ECA no Japão, que estão descritas em seus respectivos relatos nos oito capítulos, evidenciam o equilíbrio entre teoria e prática dentro de parâmetros educacionais que levaram o estudante japonês a aprimorar e adquirir competências. Os oito relatos do livro seguem a ordem cronológica de estadia dos docentes em Kyoto. Os professores visitantes, com seus respectivos departamentos e períodos, foram: Atílio Avancini (Jornalismo e Editoração - CJE - 2006/2007); Dilma de Melo Silva (Comunicações e Artes - CCA - 2008/2009); Joel La Laina Sene (Cinema, Rádio e TV - CTR - 2009/2010); Célia Maria de Moraes Dias (Relações Públicas, Propaganda e Turismo - CRP - 2010/2011); Marco Garaude Giannotti (Artes Plásticas - CAP - 2011/2012); José Luiz Proença (Jornalismo e Editoração - CJE - 2012/2013); Felisberto Sabino da Costa (Artes Cênicas - CAC - 2013/2014); Ivan Siqueira (Informação e Cultura - CBD - 2014/2015).

Vem daí a importância do apoio cultural deste livro como incentivo e inspiração para futuras parcerias da USP com outras instituições nacionais e internacionais. Há um destaque para as imagens fotográficas selecionadas, bem como na edição, diagramação e projeto gráfico deste livro para melhor integrar este objeto cultural com a arte e comunicação japonesa.

MARGARIDA MARIA KROHLING KUNSCH

Diretora da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo

Margarida Maria Krohling Kunsch

ジョゼー・ルイス・プロエンサ（ジャーナリズム・編集 — CJE – 2012/2013）

フェリズベルト・サビーノ・ダ・コスタ（舞台芸術 — CAC – 2013/2014）

イヴァン・シケイラ（情報・文化 — CBD – 2014/2015）

したがって本書は、将来サンパウロ大学が内外の諸大学との交流を考える上でインセンティブとなりインスピレーションを与え、文化的に重要な役割を果たすに違いありません。また本書のために精選された写真をはじめ編集、割付および図版作成により、こうした文化的目的と日本の芸術・情報とを最も良い方法で統合させている点も注目いただきたい点と思います。

サンパウロ大学

情報芸術学部

学部長 マルガリーダ・マリーア・クローリン・クンシ



ごあいさつ

京都外国語大学における日伯交流は1967年、ブラジルポルトガル語学科の創設とともに本格化しました。ブラジルとの交流は2006年に初めてサンパウロ大学情報芸術学部 (ECA-USP) の客員教授を迎えて一層緊密なものとなります。サンパウロ大学より客員教授として京都外国語大学で教鞭をとられたのは以下の先生方です。

2006-2007 アティリオ・アヴァンシーニ Atílio Avancini (ECA - USP)

2007-2008 ガブリエル・アラウージョ Gabriel Araújo (FFLCH - USP)¹

2008-2009 デイルマ・デ・メーロ・シルヴァ Dilma de Melo Silva (ECA - USP)

2009-2010 ジョエル・ラ・ライナ・セーネ Joel La Laina Sene (ECA - USP)

2010-2011 セリア・マリーア・デ・モラエス・ディーアス Célia Maria de Moraes Dias (ECA - USP)

2011-2012 マルコ・ガラウーデ・ジアノッティ Marco Garaude Giannotti (ECA - USP)

2012-2013 ジョゼー・ルイス・プロエンサ José Luiz Proença (ECA - USP)

2013-2014 フェリズベルト・サビーノ・ダ・コスタ Felisberto Sabino da Costa (ECA - USP)

2014-2015 イヴァン・シケイラ Ivan Siqueira (ECA - USP)

この特別な学術協定によって、サンパウロ大学と京都外国語大学の両者は同じ理念にもとづき、学科の枠を超えた相方向の交流という特徴ある学際性を模索しつつ、既存のモデルから距離をおく試みを行うおこなうこととなりました。そのためには今までにない学問・研究の体系化が求められましたが、それは言語学の専門家と情報学・芸術の専門家のあいだの学際的關係が京都外国語大学の教員・学生の質的強化に資するもので必要である、ということがごく容易に理解されたからです。

このたび『文化の架け橋 ― サンパウロ大学情報芸術学部と日本の諸大学との交流活性化の道』の出版に際し

1. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Apresentação

Shiro Iyanaga

O intercâmbio nipo-brasileiro começou, em 1967, com a criação do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros (DELB), da Kyoto University of Foreign Studies (KUFS). As relações entre os dois países aprofundaram-se, a partir de 2006, com a chegada ao DELB do primeiro professor doutor visitante da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP). Os professores-visitantes da USP, com os seus respectivos anos letivos, foram os seguintes: Atílio Avancini (ECA) em 2006-2007; Gabriel Araújo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH) em 2007-2008; Dilma de Melo Silva (ECA) em 2008-2009; Joel La Laina Sene (ECA) em 2009-2010; Célia Maria de Moraes Dias (ECA) em 2010-2011; Marco Garaude Giannotti (ECA) em 2011-2012 José Luiz Proença (ECA) em 2012-2013; Felisberto Sabino da Costa (ECA) em 2013-2014; Ivan Siqueira (ECA) em 2014-2015.

Com este convênio, a KUFS experimentou se distanciar do modelo departamental em busca da interdisciplinaridade caracterizada pela interação entre pares, como a USP, com ideias e posturas semelhantes. Para isso foi necessário a adoção de novas formas de organização de disciplinas e pesquisas já que a relação interdisciplinar entre linguistas e comunicadores e/ou artistas conseguiu se entender com certa facilidade, gerando enriquecimento ao corpo docente e discente da KUFS.

て、アヴァンシーニ先生より緒言の執筆依頼を受け、日本人教員のひとりとして日本側から見た個人的な記録とはいえ一文を寄せる機会を得たことを大変に有り難く名誉なこととお引き受けした次第です。じじつ私自身、個人的にはサンパウロ大学の客員教授の先生方からもっとも多大なる恩恵を受けた教員のひとりではなかったかと思っております。サンパウロ大学の先生方との交流は私にとってはとりわけ実りの多いもので、お陰さまで知識を広め、実際にいくつもの学問的、芸術的な成果を得ることができました。

アヴァンシーニ先生には音楽活動を通じてご厚誼を頂きました。先生の魅力的な歌詞で鍵盤上で練り上げたメロディーに命を吹き込んでいただき、この10年間に15の作品をまとめることができました。なかでも2007年にはこうした活動の結果5曲の楽曲を収め「Ventos Tenros」（そよ風）と題する音楽CDにまとめたことはよい思い出です。物理的には互いに地球の反対側に離れて暮らしてはおりますが最新の情報テクノロジーのさらなる発達により音楽活動は継続できることと思っています。

またアラウージョ先生とも運良く協力関係を築く機会を得て、同僚のペドロ・アイレス先生(DELB)も交えてポルトガル語の音韻論に関する著作を音声資料とともに上梓することが出来ました。²

メーロ・シルヴァ先生には文学、芸術、音楽、衣装、食文化などアフリカ文化のさまざまな重要な面についてご教示いただきました。またセーネ先生とディーアス先生は、折からポルトガル語のジェスチュア研究にかんしてロドリゲス先生と共同研究を行っていたところ、このプロジェクトに参加いただけることになりました。このプロジェクトはジョゼー・ジュリオ・ロドリゲス先生(DELB)、アイレス先生のほかポルトガル在住の研究者の協力も得て進行中でしたが、ディーアス先生にはヨーロッパ版をもとにブラジルの文化事情を背景としたブラジル版を書直して頂くことになり、研究の中身は実質的に倍増しました。ジェスチュアの撮影は両先生の率いる撮影グループによってサンパウロで行われて2013年にビデオの編集が完了しました。この分野では類のないヨーロッパとブラジルにまたがる網羅的ジェスチュア研究を刊行できたのはひとえに両先生のご協力によるものです。³

2. 彌永史郎, 村松英理子 (2015) PCで学ぶポルトガル語の発音.

3. Iyanaga, S. & Rodrigues, J. J.(2015) ポルトガル語のジェスチュア：ポルトガル・ブラジル Gestos em Português — Portugal & Brasil. Kyoto: Seitosha, 2015. 第4版。(コインブラ版、サンパウロ版各30本、京都版約50本、合計100本以上のビデオ資料を含む)。

Tendo recebido do professor Avancini (ECA) o convite para esta apresentação no livro *Ponte Cultural – caminho para intensificar intercâmbio com universidades japonesas*, um testemunho pessoal visto do lado de um docente japonês, aceitei prontamente com honra e prazer. Afinal, considero-me docente privilegiado da KUFS que recebeu grande benefício pela passagem destes professores da USP por cá. De fato, a minha convivência com os professores da USP foram particularmente produtivas, ampliando conhecimentos e resultando em vários trabalhos de pesquisa acadêmica ou artística.

O professor Avancini teve a gentileza de manter uma relação amigável comigo através das atividades musicais. A sua poesia fascinante dá vida a 15 melodias por mim elaboradas ao piano. Vale destacar que publicamos, em 2007, o CD musical intitulado *Ventos Tenros*, com 5 canções resultantes dessa parceria. Embora separados por longa distância física, a nossa colaboração na arte musical tem continuidade, aproveitando-se das novas tecnologias da comunicação.

Tive, por outro lado, o feliz ensejo de ter a colaboração do professor Araújo (FFLCH), em conjunto com o professor Pedro Aires (DELB), na edição de um trabalho científico de fonologia do português, bem como acompanhado de material sonoro: IYANAGA, S. & MURAMATSU, E. *Pronúncia do português para computador*. Kyoto, 2015. 5ª edição aumentada. Material sonoro “Portufone – Pronúncia”.

A professora Melo Silva (ECA) trouxe aspectos valiosos da cultura africana: literatura, arte, música, vestuário, culinária. Os professores Sene e Dias (ECA) tiveram a amabilidade de colaborar oportunamente conosco no projeto de estudo de gestos do curso de português. A pesquisa desenvolvida com o professor José Júlio Rodrigues (DELB), outro colega português, além do professor Aires, foi substancialmente enriquecida, duplicando os diálogos adaptados aos gestos no domínio do contexto brasileiro. As filmagens dos gestos foram realizadas em São Paulo com equipe organizada pelos dois professores, tendo terminada a edição dos vídeos em 2013. Criou-se, graças à colaboração brasileira, um material didático inédito na área: IYANAGA, S. & RODRIGUES, J. J.

またジアンロッティ先生には、このジェスチュアの本の校正段階で著者としては見逃していたことですが、挿絵の写真の品質の悪さについて鋭い指摘をいただきました。そこでビデオからスチル写真を起こすことを断念し挿絵を描き起こす方法に改め、最終版では大きく挿絵の品質を改善することができました。いっぽうこの本のブラジル版テキストの完成にはプロエンサ先生のご教示に大きく負っております。ブラジルから届いた標準口語的テキストと実際の自然なダイアローグの口語とのあいだにある乖離に気づき、解決方法に悩んでいた著者に明快な解決方法を示して下さいなのがプロエンサ先生でした。

コスタ先生にも長年抱えていたブラジルの戯曲の解釈に関しては貴重なご教示を得ました。カンヌ映画祭でパームドール賞を獲得した唯一のブラジル映画として知られる『聖女バルバラへの誓い』(1962)の原作を授業で扱ってきましたが、原作者ディーアス・ゴメスの描く舞台の様子がコスタ先生のお陰でようやくはっきりと像を結ぶようになったのです。⁴ やはり演劇論がご専門の先生ならではの説明でした。

ブラジル現代大衆音楽(MPB)に関する造詣の深いシケイラ先生にも多くのことをご教示いただきました。先生の演奏活動に対する熱意には並々ならぬものがあり、2014年のブラジルポルトガル週間では共演する事になりました。最初は気が乗らなかったのですが、意を決して7年ぶりに楽器を取り出して演奏する事になりました。ベースギターは2007年にアヴァンシーニ先生、フェルナンダ・マガリャンイス先生、高橋亮太氏と「Ventos Tenros」(そよ風)のグループ名のもとに演奏して以来ケースにしまったままになっていました。緊張を伴うとはいえ面白い体験で、最後は面映い気持ちで学生諸君の喝采を浴びた思い出があります。

このように、サンパウロ大学情報芸術学部の諸先生の生き証言を綴った本書は先生方にとってみれば遠い未知の国における教育体験の正真正銘の証言なのです。先生方の忠実な記録の刊行には心よりお喜び申し上げたく存じます。本書には招聘教授の先生方が日本人学生の心を理解するため試みた教育上のさまざまな実践が詳細に述べられています。これらの報告内容が同時代の読者と共有されているあいだは、おそらく本書の真価がそれほど容易に理解されないかも知れません。しかしながらこれから数十年後の将来、当地京都で過ごされたブラジルの諸先生の手

4. Gomes, Alfredo Dias (1961) O Pagador de Promessas, Agir, Rio de Janeiro. 映画は Anselmo Duarte 監督「O Pagador de Promessas」(1962). フランス語版タイトルは「La Parole donnée」. 第35回アカデミー賞 (1963年) 受賞. 日本では1965年に『サンタ・バルバラの誓い』のタイトルで公開されたという記録がある (映画.com: eiga.com/movie/66022/ 2016年6月9日取得).

Gestos em português - Portugal & Brasil. Kyoto: Seitosha, 2015. 4ª edição. O usuário do livro dispõe de acesso a cerca de 100 vídeos de gestos em português. Dentre eles, figuram 30 gestos brasileiros na edição de São Paulo, bem como cerca de 20 gestos na edição de Kyoto, e o restante com os gestos vindos de Portugal.

Quanto à qualidade das ilustrações do livro dos gestos, devo muito ao professor Giannotti (ECA) que, certo dia, apontou francamente a baixa qualidade das fotografias e desenhos, algo que não havia reparado. A sua observação colaborou muito para melhorar as edições posteriores, surgindo daí alternativas criativas para as imagens do livro. Vale destacar que o professor Proença (ECA) esclareceu dúvidas sobre o coloquialismo brasileiro, definindo o diálogo espontâneo dos gestos filmados pela equipe em São Paulo com um projeto gráfico mais convencional e adequado para a sua articulação.

A intervenção do professor Costa (ECA) também foi significativa. Quando, em sala de aula, comecei a citar uma obra do dramaturgo brasileiro Alfredo Dias Gomes, esclareceu-me, sob o ponto de vista da sua área de especialização, as percepções sutis de encenação no palco teatral de *O Pagador de Promessas* (1961).

O conhecimento profundo dos gêneros musicais da Música Popular Brasileira - MPB do professor Siqueira (ECA) foi de fato elucidativo. Ainda hoje guardo com ternura as conversas que tivemos enquanto ouvíamos música. O seu carinho pela música propiciou a oportunidade de tocarmos juntos em um concerto programado para a Semana Cultural do Brasil em 2014. Hesitante no primeiro momento, acabei decidindo tocar o baixo, cujo estojó havia fechado há sete anos quando havia atuado no grupo Ventos Tenros (quarteto constituído pelos músicos Atílio Avancini, Fernanda Magalhães, Ryota Takahashi e Shiro Iyanaga). Foi uma experiência de certo modo difícil, e também engraçada, e ao final ovacionada pelos nossos estudantes.

Deste modo, um livro com os depoimentos dos professores brasileiros da ECA-USP constitui um autêntico testemunho das vivências didáticas numa terra tão longínqua

Shiro Iyanaga

になる文章が、必ずや今とは異なる一層明確な解釈を得ることでしょう。それは21世紀の初頭、サンパウロ (USP) と京都 (KUFS) の学術協定をつうじて認識論的な基礎を踏まえた学際的な挑戦が存在したということです。こうした交流が、質・量の両面でさらに充実して行くことを願って止みません。

2016年7月記す

京都外国語大学

ブラジルポルトガル語学科

学科長 彌永史郎

e estranha. Congratulo-me sinceramente com os registros fiéis de cada professor convidado, que faz detalhar a tentativa pedagógica de se aproximar dos alunos japoneses. Enquanto estes relatos são compartilhados por leitores contemporâneos, o seu verdadeiro significado não será porventura tão facilmente perceptível. Talvez algumas décadas no futuro e os textos escritos pelos professores brasileiros que por cá andaram terão uma outra leitura mais evidente: a de que existiu no início do século XXI um desafio à interdisciplinaridade, com base epistemológica, pelo laço acadêmico entre São Paulo (USP) e Kyoto (KUFS). Oxalá a sua qualidade e quantidade possam aumentar cada vez mais.

SHIRO IYANAGA

*Diretor do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros
da Kyoto University of Foreign Studies (KUFS)*



Introdução

Atílio Avancini

Formar cidadãos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária é a meta do professor de universidade pública. Educação, portanto, exige comprometimento e dedicação. A Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), representada neste projeto, é um exemplo que se distancia do modelo departamental e está direcionado em busca da internacionalização. O tripé ensino-pesquisa-extensão está também atrelado a questões externas à universidade, ou seja, à demanda de parceria com universidades estrangeiras.

Este livro *Ponte Cultural – caminho para intensificar intercâmbio com universidades japonesas* contempla oito ensaios. São relatos de experiências didático-pedagógicas de oito professores doutores da ECA, que estiveram em Kyoto para atender o convite do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros (DELB) da Kyoto University of Foreign Studies (KUFS), entre 2006 e 2015, quando lecionaram disciplinas de “Língua Portuguesa” e “Cultura Brasileira” para estudantes do curso de português. Estes professores representaram o Brasil no Japão.

O que esta experiência evidencia, mais importante que assinar convênios, é a realização de pesquisas conjuntas. Pois é a partir da internacionalização de atividades universi-

tárias que se pode estabelecer parâmetros para o trabalho de pesquisadores brasileiros, evitando o regionalismo. Num mundo conectado, em que o caráter estratégico de circulação e difusão de conteúdos digitais amplia conceitos e práticas, não há mais sentido pensar apenas em termos locais. A cooperação internacional é ponte ou via de passagem – no sentido do diálogo – para ampliar conhecimentos.

É com orgulho, portanto, que este livro é apoiado culturalmente pela ECA dentro das homenagens dos seus 50 anos de fundação, ocorrido em 16 de junho de 2016. Cabe aqui o nosso sincero agradecimento pelo empenho da direção da ECA, em nome da professora Margarida Maria Krohling Kunsch. Também vale ressaltar que este projeto foi contemplado pelo Programa dos Editais da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária PRCEU (edição 2013) na área de Difusão e Intercâmbio Cultural e Científico.

O convênio entre a USP e a KUFS foi assinado no ano de 1996, entre o reitor da USP, professor Flávio Fava de Moraes, e o presidente da KUFS, professor Yoshikazu Morita. Mas é a partir de 2006 que se implementou produtivo intercâmbio de professores da ECA. Com isso, formalizou-se um edital anual na ECA para receber as inscrições e nortear a escolha dos professores interessados e habilitados a atender os requisitos demandados ao professor-visitante. O docente selecionado deveria ministrar intensa atividade pedagógica no curso de português dos programas de Graduação e Pós-Graduação da DELB-KUFS, além de organizar o exame de proficiência em língua portuguesa patrocinado pelo governo brasileiro, realizado a cada ano e coordenado pelo INEP-MEC (Celpe-Bras). No Japão essa avaliação é oferecida nas dependências da KUFS, e desde 2006 vem havendo o apoio e a participação dos professores-visitantes da ECA.

Este livro se propõe a promover o diálogo entre as linguagens verbal e não verbal, tendo como referência a estética das culturas brasileira e japonesa. O objetivo desta obra é documentar o conhecimento das ações de intercâmbio internacional da USP na área pedagógica; difundir a cultura brasileira e japonesa; fomentar as atividades acadêmicas para ampliar a integração e a internacionalização da USP com universidades estran-

geiras; desenvolver ações de interesse cultural e interdisciplinar com diferentes abordagens artísticas dentro das características da ECA. E, finalmente, construir instrumentos concretos de difusão cultural e extensão universitária pela conjugação da experiência de professores da USP, na concepção de pontes para ampliar o entrelaçamento entre o Brasil e o Japão.

O livro trabalha com a linguagem imagética ao acolher as fotografias do professor Joel La Laina Sene. Portanto utiliza abordagem que faz incorporar novos olhares e práticas no diálogo Brasil-Japão, deixando de lado o esquadro do clichê simplificador, incapaz de apreender outras instâncias menos óbvias.

O constante processo de transformação no ensino, modernização nas pesquisas científicas, atividades multidisciplinares e tecnologia avançada têm feito com que as unidades da USP busquem se aprimorar. Sabe-se que a ECA se destaca entre as 50 melhores escolas do mundo na área de concentração Comunicação e Estudos Midiáticos. Esta obra busca transmitir a diversidade de possibilidade de abordagem que a multidisciplinaridade dos docentes da ECA podem oferecer, um retrato que faz celebrar esta efeméride.

Em nome da ECA-USP, agradeço sinceramente aos professores do DELB que muito colaboraram para a presença dos docentes brasileiros em Kyoto ter sido bem-sucedida: Akihito Ito, Eduardo Kol de Carvalho, Ellen Nakamizu, Ikunori Sumida, José Júlio Rodrigues, Luís Canales, Kiyokatsu Tadokoro, Moisés Kirk de Carvalho Filho, Pedro Aires, Shiro Iyanaga, Tadaaki Hirose, Toshimi Ueda.

ATÍLIO AVANCINI

***Professor Doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Organizador deste livro Ponte Cultural.***



I. Imagens sonoras em Kyoto

Atílio Avancini

“Fotógrafo jamais nega convite de viagem”. A resposta dada a um colega e professor, em setembro de 2005, me faz lançar um desafio inusitado: ir ao Japão como professor-visitante para ministrar “Língua Portuguesa” e “Cultura Brasileira”. Fotografar a vida é acolher – instantaneamente – as suas oportunidades. E o acaso traz em si a força vivaz do encontro.

Manhã ensolarada da primavera, quando o toc-toc-toc ressoante na porta da sala 17, do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE), quebra o silêncio da Cidade Universitária. Oriento um estudante de Serra Negra (SP) para o seu Trabalho de Conclusão de Curso em Editoração. É o chefe do Departamento, professor José Coelho Sobrinho, quem me solicita ajudá-lo a recepcionar o professor Ikunori Sumida da KUFS.

No encontro formal, sou a pessoa certa para destravar uma câmera fotográfica, garantindo a simpatia com o gesto solidário – sabe-se que o Japão e a fotografia falam a mesma língua. Depois de dialogar em português com a comitiva japonesa, o professor Coelho lança a máxima: “Você gostaria de ir ao Japão?”.

Para a seleção envio meu Currículo Lattes e faço duas entrevistas. Na primeira, encontro Irene Tomita, secretária da Reitoria da USP e na época a pessoa responsável pelo convênio USP/KUFS. E na segunda, falo ao telefone com o professor Sumida, então diretor do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros (DELB). Manifesto desejo pela viagem. Sou sabedor que o Brasil abriga o maior contingente de imigrantes japoneses do mundo com cerca de 1,5 milhão de *nikkei* (japoneses e seus descendentes). E o bairro da Liberdade, em São Paulo, é o centro do processo com histórias de luta, trabalho dedicado e expressão artística.

Conhecer a terra de gente especial, como o escritor Yasunari Kawabata, o poeta de *haikai* Matsuo Bashō, o cineasta Akira Kurosawa e o dançarino de *butoh* Kazuo Ono, cria fascínio e curiosidade. Constato que consideram como positivas as viagens de intercâmbio estudantil, por mim realizadas, nos Estados Unidos da América e França.

Sabedora de meu apreço pela música, Irene Tomita me incentiva a levar o violão. “O estudante japonês tende a ser disperso e a bossa nova pode ajudar a prender a sua atenção”¹. Tomita enfatiza haver diferenças na rotina de formalidades da sociedade japonesa. Uma delas é a dualidade *honne-tatemae*. A primeira voltada ao universo interior e a segunda ao comportamento exterior. Na convivência social, a falta de sinceridade para não ofender e magoar o outro é atitude polida regida pelo *tatemae*. Mas que pode gerar conflito com a expressão não manifesta do sentimento do coração (*honne*). E o brasileiro está pouco acostumado a essa dicotomia.

Tomita conta detalhes da assinatura do convênio em 1996, quando estive em Kyoto com o reitor da USP, professor Flávio Fava de Moraes. Ela fala de seu apreço e compromisso pela internacionalização da USP:

1. Irene Tomita: depoimento ao professor Atilio Avancini em janeiro de 2006. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

Desejo que esse movimento dê certo como ponto de honra institucional e pessoal, por isso me esforço para passar o maior número de informações do cotidiano japonês a você como o primeiro professor-visitante do convênio.²

INOVAÇÕES NA DIDÁTICA PEDAGÓGICA

A vivência de um ano em Kyoto começa em 1º de abril de 2006 – parece até mentira – em voo com destino ao aeroporto de Kansai, em Osaka, via Frankfurt. Chegar em plena primavera é como marcar encontro com as floridas cerejeiras *sakura*. E me inspiro na transformação rápida das flores: “abril é abrir-se” (AVANCINI, 2008, p. 18).

A KUFS é voltada à formação em Letras, cuja divisa é *Pax Mundi per Linguas*. É universidade particular, fundada em 1947, contando com 5 mil alunos, dos quais 5% cursam português. Por outro lado, a USP, fundada em 1934, é gigante e pública com 92 mil estudantes e considerada uma das mais conceituadas universidades da América Latina. No Japão, *sensei* (professor) tem brio e é tratado com admiração e respeito. Vestir-se formalmente, com cores neutras, e falar português em sala de aula é questão-chave para ministrar disciplinas para seis turmas de Graduação e uma de Pós-Graduação.

Desenvolvo amizade com a professora Fernanda Torres Magalhães, da Handai Osaka University. O nosso ponto de encontro é o bar Caipirinha em Honmachi (Osaka), onde no terceiro sábado de cada mês há o *Canta Brasil*, em que o samba é tocado ao vivo por músicos japoneses. A professora Fernanda percebe a língua como instrumento vivo e dinâmico, sofrendo influências culturais constantes. “Não podemos deixar de pensar que, ao aprender uma segunda língua, ou uma língua estrangeira, automaticamente, aprendemos uma segunda cultura”.³

2. Irene Tomita: depoimento ao professor Atílio Avancini em janeiro de 2006. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

3. Fernanda Torres Magalhães: depoimento ao professor Atílio Avancini em janeiro de 2014. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

Elaboro um programa generalista para dar cabo do desafio pedagógico e responder satisfatoriamente às exigências do mundo contemporâneo. Qual o caminho a seguir? As opções definidas para este objetivo são três áreas: literatura, cinema e fotografia. Evidentemente, como primeiro professor-visitante do convênio USP/KUFS, não é tarefa simples definir quais dos três objetos seriam os mais adequados aos estudantes japoneses.

Inicialmente, o ensino em Kyoto fica aquém das expectativas. E nenhuma das áreas apresentadas mostra bom resultado. Terminada a última aula de maio para a melhor turma, a luz baixa da sala (para projetar fotografias) é convite ao sono. Trato de comunicar aos alunos que me preparo desde o Brasil para melhor atendê-los. Esforços em vão?

À noite em meu apartamento, localizado na mesma Avenida Shijo (*Shijō-dōri*) da KUFS, avalio que o problema é o educador, não o educando. Entretanto, ideias começam a criar formas assimétricas enquanto reparo meu violão acústico no canto da sala. E aquele objeto de madeira faz ressoar imaginações.

Semana seguinte, assumo ser estrangeiro – e brasileiro – ao adentrar a classe com o citado instrumento musical. Sou surpreendido com sonoro e coletivo “Oh”. No processo de tirar o violão do case, cumpro ritual como abrir caixa de brinquedos. Noto que a experiência interior começa a surtir efeito. E ofereço aos alunos um leque da cultura brasileira: sons para aflorar sentimentos, palavras para enriquecer o vocabulário, imagens portadoras de significados. A ação interacional, voltada à comunicação e arte musical, deixa de ser aquilo que se faz e passa a ser o como se faz.

A proposta pedagógica é como adentrar o sagrado *torii* (portal de madeira), que demarca um lugar sagrado. O *torii* é um pórtico composto de dois pilares suportando duas traves (superior e inferior), geralmente pintado de vermelho escarlata. O *torii* sugere o Japão. E sua etimologia do século X é marcada pela polissemia, significando “lugar ou residência dos pássaros” (BONNIN, 2014, p. 504). Ou seja, a ligação de *torii* ao verbo *toru* (atravessar ou adentrar); e uma imersão que trabalha na atração pela sonoridade do “Canto dos Pássaros”.

Dedilho ao violão, repetidamente, em ritmo cheio de suingue e fascínio, o movimento de abertura do clássico *Garota de Ipanema* (1962), de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Descrevo, harmoniosamente, o passo da jovem de biquíni no caminho solitário em direção ao mar: os alunos ficam atentos e os olhos das alunas brilham, se imaginando sob o sol tropical do Rio de Janeiro.

O ano escolar começa atrasado. Mas agora dentro da dinâmica do diálogo e da comunicação. Em ritmo de música popular brasileira, criam-se asas à capacidade de atenção e abstração. Com isso, a possibilidade concreta de vencer a barreira do estranhamento cultural para adentrar o portal da dimensão poética do cotidiano. Chega a ser natural a atração dos jovens japoneses pela bossa nova com sua cadência calma, romântica, leve, discreta, ritmada, onírica e intimista.

DISSONÂNCIA MELÓDICA APLICADA

Luis Tatit explica que o gênero musical bossa nova é a

reiteração de motivos embebidos na acentuação do samba, sutilmente deslocados de suas rotas pela ação desengate/engate dos acordes alterados. Essa solução revelou-se altamente econômica e fecunda a ponto de criar um modo de composição até hoje retomado e imitado em todo o mundo (TATIT, 2012, p. 166).

Por que surte efeito esta metodologia para o ensino da língua portuguesa para estrangeiros? Gostaria de ensaiar algumas respostas.

Primeiro, o encantamento sonoro ao tocar a sensibilidade direcionada à beleza. Segundo, o trabalho não se volta especificamente à estética da bossa nova, mas evidencia que refletir é mais eficiente que repetir. Terceiro, a fluência da paisagem sonora conduz à memorização e visualização de palavras, cuja dimensão da letra das canções se faz mais compreensível.

O segmento melódico e o encadeamento harmônico da bossa nova permitem conduzir prazerosamente os ouvintes ao estado de vazio universal no sentido da eliminação do sujeito cultural. Ou, como afirma Roland Barthes (2007, p. 5), na “perda de sentido que o *zen* chama de *satori*”. O vocábulo *Ma*, que sintetiza o processo de criação na cultura japonesa, traduz o princípio do vazio como entremeio. Ou seja, compreende-se o termo *Ma* como a vivência do lugar fronteiro ou intervalar isento de ideologia e juízo de valor.

Em sala de aula, os estudantes recebem um escopo significativo de canções para trabalharem a construção sonora, o ritmo literário, o plano visual, as práticas cotidianas. O método se fundamenta na harmonia da bossa nova para a construção de efeitos conhecidos e desconhecidos (do tipo dissonante) não só da música, mas também da cultura brasileira.

Vale ressaltar que este gênero musical – o mais expressivo da história da música popular brasileira – surge, no final dos anos 1950, na zona sul do Rio de Janeiro por compositores que se apresentam em casas noturnas nos bairros de Copacabana e Ipanema. Há uma evidente ligação com o *jazz*, mas João Gilberto pede que chamem a sua música de samba. O autor baiano consegue de maneira pioneira explorar a percussão da voz com o ritmo.

A cantora carioca Nara Leão explica. “O João chegou até a ser chamado de desafinado. O violão, sozinho, parece uma orquestra. Com a boca faz uma bateria” (LEÃO, 1994, p. 30). Há fascínio por parte dos japoneses pela sonoridade criativa. Após o lançamento de *Chega de Saudade* (1959), de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, veio *Desafinado* (1959), de Tom Jobim e Newton Mendonça, que é a resposta da interpretação de João Gilberto à crítica sobre a simplicidade da letra, batida do violão e entonação vocal natural e discreta. “No Japão, diz-se que não possuir o *Ma* na música pode transformar a bela voz em algo inaudível, e que aqueles que sabem construir o *Ma*, podem tornar bela uma voz feia” (OKANO, 2012, p. 35).

O som – elemento narrativo e dramático – é essencial para a reconstrução do clima tropical. Os recursos sonoros utilizados em sala de aula abrangem vozes, ruídos, efeitos,

silêncios, melodias e tempos rítmicos. A intenção não é isolar a presença sonora, uma vez que a palavra e a imagem estão dialeticamente relacionadas. Tampouco adotar uma ação essencialmente literária ou imagética, na qual o universo musical é suplemento.

“É preciso que o canto fale”, afirma Roland Barthes (1982, p. 241) sobre a expressão da voz. Na canção, a parceria entre o dito (letra) e o não dito (processo melódico) é princípio. No modelo harmônico da bossa nova o vocal se impõe, mas desliza fluente como interface da fala cotidiana. A dicção do vocalista e a modalização do arranjo musical buscam fundir os limiares entre o falar e o cantar. O procedimento nasce nos sambas do compositor Noel Rosa, na década de 1930, como cronista bem-humorado do dia a dia carioca.

SONHO PRIMAVERIL

Conheço o professor Shiro Iyanaga no espetáculo *Miyako Odori* (dança feminina da antiga capital). Ele é elo vivo entre o Monte Fuji e o Pão de Açúcar: pianista identificado com a bossa nova e professor de português da KUFS. O professor Shiro (ou Xiro) é autodidata, quando estudante tocava piano num trio jazzístico na noite de Tokyo.

Como compositor, o estilo de suas criações melódicas para o violão é bastante flutuante na tonalidade ao utilizar acordes típicos em sétima aumentada e *jazz* demarcado por *blue notes*. Fazendo parte da geração de artistas identificados com culturas estrangeiras – uma rejeição ao sentimento nacionalista do costume japonês –, seu domínio na língua portuguesa lhe propicia uma posição que possibilita articular o Japão e o Brasil em “duplo enfoque” (NAKAGAWA, 2008, p. 11). Xiro consegue ser independente e desenvolver seu talento, respeitando a uniformidade e o tecido social hierarquizado da sociedade japonesa.

Entre um café ou um *matcha*⁴, Xiro me apresenta a sua melodia *Sonho Primavera* (2006), de ritmo bem familiar ao universo da música popular brasileira. A musicalidade apresenta um traço peculiar, como se o Japão aparecesse iluminado e aquecido pela luz

4. *Matcha* é um chá verde em pó ou moído de alta qualidade com a cremosidade próxima ao café (Nota do autor).

tropical. Faço a letra inspirada na força promovida pela estação das flores: “tocar qualquer amanhecer ao som / despontar do amanhã reluzir alvorecer encantar / romper o dia de seu próprio ser / transformar o esboço sem medo florescer”.

Ainda no Japão, surge a oportunidade para escrever *Só em Kyoto* (2007): “a noite chegou / e Ponto Cho se transpareceu aberto para mim / um abraço em Kyoto é flutuar / em presentes eternos nas luzes do luar / ir devagar vou”. Iyanaga conta que a inspiração para esta melodia surge no reencontro com o seu violão no outono de 2006.

Naquela altura, praticava com bastante assiduidade o instrumento para atuar no recital do grupo Ventos Tenros dentro do festival acadêmico da KUFS. A combinação de acordes é um pouco parecida com a canção *Cabelos Brancos* (1948), de Herivelto Martins e Marino Pinto. Porém a canção é essencialmente balada jazzística.⁵

O amigo e violonista João Heredia afirma que Iyanaga sabe muito bem lidar com a linguagem da bossa nova. Suas harmonias refletem longos anos ouvindo e admirando o estilo musical.

Mas elas não repetem os (não poucos) caminhos já feitos por tantos autores. Nas canções de Xiro sempre há um trecho em que uma janela (ou mais) inesperada se abre e dá um frescor ou cor diferente e inédita à música.⁶

Entre 2006 e 2016, esta dupla nipo-brasileira já produziu 16 canções, que serão gravadas em CD musical no Japão. Elas vão neste ritmo de prazer e brincadeira. A começar pelo verão tropical da bossa nova *Brisatlântica* (2008), cuja letra é inspirada na geografia esculpida da Baía de São Vicente, simbiose entre a natureza e a cidade. Ou as sutilezas

5. Shiro Iyanaga: depoimento ao professor Atilio Avancini em agosto de 2007. Kyoto, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

6. João Henrique Heredia: depoimento ao professor Atilio Avancini em dezembro de 2013. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

do coração no samba *Frio do Vento* (2009), que sugere o romantismo indolente na linha do cantor Nelson Gonçalves. E o voo leve da bossa nova *Cristal Flutuar* (2010), inspirada nas imagens da nevada Genève (Suiça), habitada pelo meu filho Moari e pelo escritor argentino Jorge Luís Borges.

Há o corpo feminino – lunar e cadenciado – da balada flutuante *Flor d'Amor* (2011). A tradição portuguesa da navegação em alto-mar do samba-bossa nova *Mar dos Sonhos* (2012), que traz o Brasil como “concepção festiva” de lugar. E a letra francesa de *Tulipes de Pyramides* (2012), que surge pela melodia do tipo *manouche jazz* dos ciganos franceses. Xiro gostava, desde pequeno, do violonista Django Reinhardt: a inspiração musical para esta criação. Vale dizer que, em Paris, “Pyramides” é o nome da estação de metrô que homenageia a pirâmide de vidro da entrada do Louvre. E há, ainda, a temática urbana da convivência tolerante da balada jazzística em dois tempos *Take it Easy* (2013). Ambiente sereno, reflexo de uma filosofia em que coexiste humanidade e natureza-cidade: amplo olhar focalizado em ponto de vista móvel.

Pororoca (2014) é tom praieiro e som amazônico de horizonte infinito para contrapor a bacia geográfica de Kyoto cercada por montanhas. Memória carioca, mundo colorido do Carnaval ou samba invocação ao piano estão narrados em *Bons Tempos* (2014) – a mais brasileira das canções –, que é dedicada aos momentos inesquecíveis com nossos pais. O dia dos namorados, comemorado no hemisfério norte em 14 de fevereiro, é o mote de *Ribeira* (2015), ambientação sonora que faz lembrar a cadência harmoniosa e estética da região do Rio Douro na cidade portuguesa do Porto.

Te Acompanho (2015) é daquelas letras emergidas naturalmente como sopro de amor, dedicada à Leila Kiyomura. A bossa nova *Kanpai Caipirinha Sake* (2015) celebra a noite primaveril em 2 de abril de 2015, que passei junto ao parceiro Xiro. Um alegre reencontro depois de oito anos no bar Caipirinha entre outros colegas (professores Joel Sene e Kiyokatsu Tadokoro) e a boa música. A bossa nova *Crepúsculo* (2016) faz lembrar algumas melodias italianas do festival de São Remo, na romântica experiência de contemplar o

pôr do sol à beira mar na cidade do Rio de Janeiro. A balada jazzística *Uki-yo e* (2016) reflete o mundo das águas e da arte, universos bem femininos, que se interligam à minha mãe (a melodia é inspirada por Xiro na canção *Dulce*). Sabe-se que a gravura japonesa do século XIX *Uki-yo e* gerou fascínio e transformou o Impressionismo.

A dupla com Xiro estimula o meu exercício de vocalista e intérprete. Há conexões entre a tessitura da voz cantante com o corpo e o tempo musical. A melodia das 16 canções autorais, independente das letras, busca levar o ouvinte a significados da cultura. As letras evitam a narrativa carregada, espetacular e dramática. E trabalham dentro do pressuposto da bossa nova: leveza e economia. Agradeço aos professores João Heredia (violão) e Sheila Minatti (vocal). E à generosidade criativa do artista Shiro Iyanaga.

TIMBRES MUSICAIS E FOTOGRÁFICOS

Não se pode falar da experiência pedagógica no Japão sem citar o meu livro *Entre Gueixas e Samurais* (AVANCINI, 2008). Lançado em 2008, durante as comemorações do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil, o produto editorial reafirma os laços entre duas nações irmãs, cujo processo cultural é iniciado com a chegada do navio *Kasato Maru*, no Porto de Santos, em 1908. O livro transcende o aspecto documental, principalmente pelo diálogo entre os discursos verbal e não verbal. Com 72 fotografias editadas em 12 capítulos, que representam os meses do ano, o livro privilegia o humano em flagrantes fotográficos do cotidiano sob a luz das quatro estações. O texto escrito não comenta as fotografias e, tampouco, as imagens ilustram as palavras. A autoria do projeto gráfico é de Marcela Souza, que traz conceitos japoneses para dentro do livro.

A escolha da cor vermelha da capa é uma clara referência ao Japão e por ser a nuance de maior contraste com o preto e branco da fotografia. Assim, o vermelho na abertura dos capítulos combinado com o uso do *kanji* – encomendado ao artista japonês Junichiro Eto – marca o ritmo do objeto editorial.

Mas além dos ideogramas faltava algo físico e concreto que remetesse à cultura japonesa. O uso do papel-arroz para abrir o livro leva o leitor à essa imersão, um clima que vai sendo construído como apoio às fotos delicadas.⁷

No ano escolar vivenciado no Japão (2006/2007), registro 3 mil negativos ou 85 rolos de filme TRIX Kodak (400 ASA, 36 poses). A estética da paisagem natural e urbana inspira a criação poética. Fotografo em preto e branco e desenvolvo o processamento fotoquímico no laboratório fotográfico da KUFFS: modo artesanal de revelar os filmes, copiar as folhas de contato e ampliar as fotos em papel fotográfico. A prática inclui o caminhar sem pressa com a câmera fotográfica a tiracolo e lida bem com a maneira antropológica de conhecer em detalhes a cidade de Kyoto, conforme ensina Roland Barthes. “É preciso orientar-se nela não pelo livro, pelo endereço, mas pela caminhada, pela visão, pelo hábito, pela experiência” (BARTHES, 2007, p. 51).

Kyoto (antiga *Heian-Kyo*), capital do Japão por mais de um milênio entre as eras *Heian* (794) e *Meiji* (1868), possui 17 sítios tombados pela UNESCO como Patrimônio Mundial. Dentre eles, o *Ryoanji*, o jardim de 15 pedras criado no século XVI pelo jardineiro e pintor Soami.

Quanto mais se observa, o tamanho das pedras parece adquirir uma escala monumental e o observador parece diminuir, como na descrição da experiência do sublime do romantismo alemão (GIANNOTTI, 2012, p. 40).

Kyoto lida simultaneamente com a tradição e a modernidade. E o prazer de fotografar as ruas advém de dois aspectos diferenciados da sociedade japonesa: igualdade social (os 20% mais ricos têm renda 3,4 vezes superior à dos 20% mais pobres) e sustentabilidade, principalmente pela preservação do meio ambiente.

7. Marcela Souza: depoimento ao professor Atilio Avancini em janeiro de 2014. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

A fotografia desafia parâmetros da realidade ao reduzir a duas dimensões a existência física de seres e objetos, além de deixar tato, odor e som de lado. Neste livro há a premissa da fidelidade dos recortes pelo viés da reportagem jornalística. O fotógrafo Cristiano Mascaro ressalta, ao assinar a contracapa do livro *Entre Gueixas e Samurais*, que a reportagem ainda exerce um dos mais importantes papéis na fotografia. Os flagrantes apreendidos nas ruas ganham movimento e animação. A fotografia não é somente uma história imagética, mas também uma experiência humana, um reencontro. Na reconfiguração da fotografia digital, as noções clássicas de autor e flagrante (do tipo momento decisivo) estariam descartadas?

Fotografo a partir de ângulos, texturas e composições diferenciadas. Dentre as fotos editadas, há aquelas que convidam à reflexão, seja pela magnitude da paisagem, seja pelo detalhe de gestos e rostos. Há uma intencionalidade na escolha de fotografar em preto e branco, pois a escala de cinzas destaca o uso prioritário das luzes naturais. A técnica aplicada se converte em padrão poético e silencioso da vida intimista.

O enquadramento, ângulo, foco e iluminação captam expressões e transmitem emoções. Como no dia em que faço o registro fotográfico de um saxofonista, em praça pública de Kyoto, em que o seu bagageiro da bicicleta é lugar para se ler partituras. É fácil lembrar esta imagem daquele sábado de manhã, quando atravessei de bicicleta uma ponte do Rio Kamo e escutei *Manhã de Carnaval* (1959), de Luiz Bonfá e Antônio Maria (AVANCINI, 2008, p. 63). A surpresa é que o músico é alfaiate e não sabia que a canção é brasileira. Teria havido coincidência entre as vibrações dos timbres musicais e fotográficos? Percebo que o saxofonista vivencia o lugar fronteiro *Ma* ao tangenciar, simultaneamente, o solitário e o solidário.

DISTÂNCIAS MENORES

“O primeiro é sempre aventureiro”, afirma o professor Ikunori Sumida.⁸ Depois de minha ida, seguem o caminho do Oriente os docentes da ECA: Dilma de Melo Silva, Joel La

8. Ikunori Sumida: depoimento ao professor Atilio Avancini em agosto de 2013. São Paulo, Projeto Intercâmbio com Universidades Japonesas.

Laina Sene, Célia Maria de Moraes Dias, Marco Garaude Giannotti, José Luiz Proença, Felisberto Sabino da Costa e Ivan Siqueira. Todos os professores difundiram a cultura brasileira e se enriqueceram com a experiência didático-pedagógica. A meta de aguçar a percepção dos estudantes japoneses fez estabelecer pontes culturais, colaborando com a pesquisa interdisciplinar e a internacionalização da USP.

Embora o descendente japonês (nissei, sansei, yonsei) tenha se enraizado e se adaptado no Brasil, o ensino acadêmico do professor brasileiro no Japão não é fenômeno fácil. Ao contrário, revela-se permeado de dicotomias. Diferente da vida latino-americana, o cotidiano japonês ensina que ser prevenido é estar sereno, pois gera autoconfiança. E a espontaneidade e o acaso podem se manifestar pela cuidadosa antecipação dos preparativos a serem realizados. A partir dessas condições nasce a disponibilidade interior. Compreende-se, portanto, a valorização da cultura nipônica pela pontualidade e pelo aproveitamento consciente do tempo.

No *ikebana* – arte da composição floral –, as plantas são dispostas no vaso como se estivessem em meio à natureza. E o segredo é a intenção do arranjo estético. Esta máxima é também a chave deste intercâmbio universitário. A aproximação pela interatividade com o Japão transcende a razão e o academicismo enrijecido, entreabrindo caminhos criativos e não usuais.

Internacionalizar significa ampliar fronteiras em direção ao outro e transformar o estrangeiro em familiar. Mas é também fonte instrumental para o tripé ensino-pesquisa-extensão. Ser ponte, portanto, é lidar com o humanismo sem fronteiras.

ATÍLIO AVANCINI

***Professor Doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.***

Referências

- AVANCINI, Atilio. *Entre gueixas e samurais*. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2008.
- BARTHES, Roland. *L'obvie et L'obtus: essais critiques III*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- BARTHES, Roland. *O Império dos Signos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- BONNIN, Philippe. *Vocabulaire de la Spatialité Japonaise*. Paris: CNRS Editions, 2014.
- GIANNOTTI, Marco. *Diário de Kioto*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- LEÃO, Nara. Entrevista. In: CHEDIAK, Almir. *Bossa Nova I*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1994.
- NAKAGAWA, Hisayasu. *Introdução à cultura japonesa*. São Paulo: Martins, 2008.
- OKANO, Michiko. *Ma: entre-espço da arte e comunicação no Japão*. São Paulo: Annablume, 2012.
- TATIT, Luiz. *O Cancionista*. São Paulo: Edusp, 2012.





II. Itinerários em Kyoto

Dilma de Melo Silva

Cheguei ao Japão em 31 de março de 2008. Colegas da KUFS esperavam em Osaka (professores Ikunori Sumida e Pedro Aires, e senhora Chica da Tunibra). Do aeroporto a Kyoto foi um trajeto de quase duas horas, percorrendo uma das mais importantes rodovias do país: casas, casas, casas. Uma verdadeira megalópole.

Primeiros dias no apartamento, conhecendo vizinhos, restaurantes, bairro, lojas, pequenos cafés, museus e templos.

Inesquecível a reunião com os responsáveis pelo prédio da minha nova casa, o *manager* e as duas senhoras da Associação de Moradores, explicando a esta estrangeira as regras da coleta de lixo, cores dos sacos e datas de recolhimento. Talvez o primeiro choque cultural. Anotei tudo com muita atenção e cumpri com rigor as orientações. As embalagens para cada tipo de resíduo são transparentes: lixo não reciclável, lixo reaproveitável, papel/papelão, garrafas *pet*, vidro, latinhas, cada qual na cor da embalagem certa e em dias diferentes de coleta na semana. As ruas são limpiíssimas, lavadas à noite por caminhões-pipa. Os proprietários varrem as calçadas na frente de suas casas.

Na primeira semana me associei à Cooperativa de Consumo de Kyoto, tendo direito a um cartão com número de associada e restituição de cota depois de ter gasto certo valor em compras.

As primeiras atividades na KUFS foram na abertura do ano letivo, com cerimônia formal no auditório principal da instituição. No ritual, todos os professores de beca e chapéu, alunos e familiares, combinando com a atmosfera bem formal e solene. Depois, as atividades regulares em sala de aula. Com ajuda atenta de Ryutaro Iki, aluno da pós-graduação, foi possível, durante os dois semestres, a comunicação inicial e regular nas aulas de conversação. Na pós-graduação as aulas fluíam com mais desembaraço e sem necessidade de explicações em japonês.

Fui assistir ao jogo do Sanga, clube de futebol de Kyoto, que tem cinco jogadores brasileiros, dentre eles Sidiclei de Souza, capitão do time. Terminei por ser convidada para jantar em sua casa e conhecer outros brasileiros da mesma equipe, todos evangélicos. Ele explica que os atletas são contratados no Brasil, com 16 ou 17 anos de idade e começam a ganhar salários elevados. Há o risco de “se perderem”, razão pela qual os companheiros encaminham os recém-chegados à Igreja, para que, com ajuda do pastor, encontrem o “caminho certo”. A maioria vive muito bem: casa, carro e família. Na KUFS, alguns alunos adoram o futebol do Brasil. Um deles, Akio Yoshida, coleciona camisas de times brasileiros. Foi ele o primeiro a me falar do Neymar, isso em 2008. E a bandeira do Corinthians em minha sala fazia muito sucesso com as turmas.

Uma vez por mês, em diferentes dias, ocorriam feiras nos templos. Consegui as datas de muitas delas e ia com alunos passar o dia admirando roupas, calçados, móveis antigos, louças, prataria, barracas de flores, comidas, bebidas – uma verdadeira festa. Comprei roupas de inverno, pratos de parede, taças, enfim... objetos curiosos e bem baratos.

Em sala de aula, conheci filhos de *dekasegui* que residem em Hamamatsu – cidade ao norte de Kyoto, na direção de Tokyo. Fui visitá-los em duas ocasiões. Em uma delas,

levaram-me para conhecer um pai de santo que tem um terreiro de umbanda com muitos adeptos, *nissei* ou *sansei*. Foi algo extraordinário participar de toques de umbanda, cantando pontos em português para pretos velhos, caboclos, pombas giras, mas sem tambores. As músicas eram gravações em CD. A religiosidade de matriz africana acompanhou os brasileiros até o outro lado do mundo: santos e santas, colares, enfeites, flores, exatamente como no Brasil. Uma surpresa. Não esperava encontrar adeptos de umbanda por lá. Depois soube que uma aluna da Universidade de Osaka desenvolvia pesquisa sobre o tema.

Em Kyoto, um local de encontro de brasileiros era o restaurante “Estrela”. Todo mês, uma dupla de músicos se apresentava, tocando bossa nova. Ocasão em que brasileiros se reuniam para comer churrasco. Outro local, em Gion, era o “Pastel do Brasil”, local minúsculo com duas mesas e cadeiras no balcão, oferecendo pastel e saladas. Era *point* dos alunos e de brasileiros residentes na cidade ou em visita.

Com a companhia indispensável de Tomoe Tsukada fomos assistir a um espetáculo de *Noh* num dos templos da cidade, relembrando os ensinamentos de Brecht, que encontrou nessa forma de arte elementos para sua teoria. Foi ao ar livre com muitas horas de duração. Vimos também uma peça de *kabuki* em um dos teatros mais antigos de Kyoto, dedicado a este tipo de espetáculo tradicional.

No verão ocorrem os festivais – *matsuri*, celebrações de origem xintoísta –, relacionados aos ciclos agrários (colheitas, semeadura). O xintoísmo existe por todo o país, e seus rituais dizem respeito à vida (nascimento, saúde, casamento, longevidade, prosperidade). Já no budismo, os rituais se relacionam à morte.

Nos templos existem ainda lembranças e amuletos da sorte, que podem ser ligados às práticas xintoístas relacionadas aos 7 protetores dos seres humanos: *Benzaiten* – arte, cura e compaixão (figura feminina); *Bishamon* – guerra e distribuição da riqueza; *Daikoku* – prosperidade; *Ebisu* – sinceridade, honestidade e trabalho; *Fukurokuyuu* – longevidade,

felicidade e sorte; *Hotei* – generosidade, alegria, bom humor; *Jurojin* – sabedoria. Ou, então, a situações bem específicas: proteção para o motorista, a fim de evitar acidentes, proteção para provas em exames difíceis nas escolas, para boa gestação ou parto e, assim... dezenas de outros.

A permanência em Kyoto ofereceu-me a oportunidade de conhecer com mais profundidade alguns aspectos da história da cultura japonesa que até então ignorava, apesar da sua significativa presença em nosso país, desde 1908, com a chegada ao porto de Santos da primeira leva de imigrantes, no navio *Kasato Maru*.

Após a abertura ao exterior, preconizada pela restauração *Meiji*, em 1868, os japoneses tentaram traduzir os conhecimentos acadêmicos de outros países estrangeiros por duas vias: por um lado, convidando professores europeus para lecionarem nas escolas e nas universidades japonesas; por outro, estudando línguas estrangeiras para, através delas, conhecer a estrutura política e administrativa desses países, sua cultura e seus conhecimentos científicos e tecnológicos.

No entanto, não houve, na época, convite para algum acadêmico português ou brasileiro participar deste processo. Conseqüentemente, não se estudava nas universidades japonesas a língua portuguesa, e ainda menos a cultura ou a história do Brasil ou de Portugal. O desconhecimento da nossa língua gerou os primeiros problemas quando da chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil. Os intérpretes japoneses que os acompanharam só falavam espanhol.

Foi preciso esperar meio século, mais precisamente em 1918, para que o professor João Abranches Pinto viajasse de Portugal para a Universidade de Estudos Estrangeiros de Tokyo, e lecionasse o português. Contudo, só no final da década de 1950 e durante os anos 1960, outras universidades introduziram também o estudo da língua portuguesa nos currículos acadêmicos. No caso, o Departamento de Estudos Luso-Brasileiros (DELB), da KUFS, foi fundado na sequência da visita do ex-presidente do Brasil, general

Arthur da Costa e Silva, em janeiro de 1967. Sua criação ocorreu numa época de intensa internacionalização do Japão, iniciada com as Olimpíadas de Tokyo em 1964 (em 1968, a Varig inaugurava sua primeira ligação direta com o Japão). Em 1971, teve início o curso de mestrado em Estudos Luso-Brasileiros.

Depois de várias décadas de ensino da língua portuguesa no Japão, acredito nesses objetivos que levam milhares de japoneses a estudarem: o aprendizado da língua portuguesa como instrumento de comunicação, quer para a simples comunicação com brasileiros e portugueses, quer para ingressar no mercado de trabalho (empresas japonesas no Brasil, etc.); o aprofundamento na área *studies* sobre América Latina, isto é, ser um brasilianista ou latino-americanista; a aquisição de um diploma universitário e/ou conhecimento intelectual. Da mesma maneira que nem todos os diplomados na Faculdade de Direito serão advogados, muitos estudantes formados pelo DELB realizam atividades profissionais sem qualquer relação com a nossa língua.

O uso da língua portuguesa pode ser ferramenta de trabalho em órgãos do governo japonês, como educação, segurança e ainda em inúmeras equipes de futebol com jogadores brasileiros que necessitam de intérpretes.

Mais recentemente, e num contexto específico, onde avulta a realidade de cerca de 330 mil luso-falantes japoneses (resultado do fenômeno da intensa emigração japonesa no Brasil), existem 5 universidades que conferem licenciaturas em língua portuguesa através de um departamento autônomo: KUFS, Universidade de Osaka, Universidade de Estudos Estrangeiros de Tokyo, Universidade de Tenri e Universidade Sofia. Outras 19 instituições de ensino superior ensinam o português como segunda língua estrangeira ou disciplina opcional, comportando na totalidade quase 2 mil estudantes de português. Tais universidades estão dispersas por todo o território japonês.

Quando cheguei em 2008, o DELB contava com 17 docentes e 272 discentes na KUFS, 3 alunos no curso de mestrado e 3 alunos no curso de doutorado. Os alunos apresen-

tavam a seguinte distribuição: primeiro ano, 67 (m. 35, f. 32); segundo ano, 70 (m. 42, f. 28); terceiro ano, 81 (m. 33, f. 48); quarto ano, 50 (m. 22, f. 28).

Durante a permanência em Kyoto, participei de inúmeras atividades de ensino na graduação e pós-graduação, tendo sido responsável por 12 disciplinas no 1º e 2º semestres. O planejamento das aulas que havia preparado no Brasil teve que ser abandonado. Passei a utilizar recursos mais simples, tais como, a conversação com diálogos bem comuns, usando jogos teatrais. Por exemplo: dois alunos convidam dois outros para irem ao cinema. Ou, duas alunas telefonam para um restaurante para reservar uma mesa. Outro(a) aluno(a) atende o telefone e dá as respostas. Usei bastante as notícias retiradas do jornal semanal publicado em Tokyo, em português. Era o ano da comemoração dos 100 anos de migração e havia sempre notícias de relativo interesse para as classes.

Tive ainda participação no processo seletivo de alunos para intercâmbio no Brasil, colaborando na elaboração de questões e na gravação da prova de compreensão oral; e auxílio na avaliação do concurso de oratória, em português, organizado pelo clube dos alunos de língua portuguesa.

Posteriormente, colaborei nas provas de proficiência de língua portuguesa, organizado pela Universidade de Lisboa, nos níveis Ciple, Caple, Deple, Daple. E nas provas de proficiência da língua portuguesa para estrangeiros, organizado pela Universidade de Brasília, Ministério da Educação (MEC) – Celpe-Bras –, que outorga o certificado de proficiência em português como língua estrangeira. O exame Celpe-Bras é realizado duas vezes ao ano, em abril e outubro; o certificado de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros é outorgado pelo MEC. Outras atividades acadêmicas poderiam ser citadas. Eventos acadêmicos na Universidade de Kyoto, organizado pelo Center for Integrated Area Studies (CIAS), no 1º semestre, sob o tema: *Los Paises andinos en la era posneoliberal: un estudio comparado de la dinamica del cambionsocial*. E, no 2º semestre, sob o tema: *Linkage of disparities: reorganization of power and opportunities in the globalized world*.

Fora de Kyoto, estive em um evento acadêmico na Universidade de Kobe, no 1º semestre de 2009. Ainda no ano de 2008, participei da comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil: *Representação da Cultura Brasileira e Relações nipo-brasileiras*, com a presença dos docentes convidados: professores José Luiz Proença (USP) e Elianne Ivo Barroso (UFF), no Instituto de Estudos Latino-americanos de Kyoto (IELAK).

Com o chefe do departamento, professor Sumida, publiquei os seguintes artigos em periódicos da KUFS: SILVA, D. M. e SUMIDA, I. “Justica Social x Ordem e Progresso”, e “Lula, Chavez, Obama: novas lideranças americanas no século XXI”. Revista *Cosmica*, Kyoto, 2009. Outra atividade realizada na KUFS, que me permitiu penetrar, um pouco, na densidade da contemplação da natureza, própria dos japoneses, foi a revisão da tradução do japonês para o português de um texto poético da embalagem dos doces *Yatsushiji*, feita pelo aluno Tomotaka Shibuyam, transcrita na sequência.

SHIGURE, CHUVA INTERMITENTE

Durante a manhã de hoje, a chuva caiu e parou muitas vezes. Depois o tempo ficou bom. Fazia sol quando saí e não levei guarda-chuva. Mas, infelizmente, como se esperava, começou a chover.

Meu quarto na pensão ficava bem perto de onde estava.

Assim, decidi esperar parar de chover debaixo do beiral da loja de doces *Yatsushiji*. Por muito tempo fiquei lá, olhando a chuva. Vi a água da chuva criar imagens diferentes. Muito misteriosas... Dizem que a chuva de outono é menor do que a de outras estações.

— “O senhor está aqui esperando a chuva parar?” Um homem, o dono da loja *Yatsushiji*, abriu a porta e apareceu ao lado do *noren*.

— “Sim, estou aqui esperando, esperando...”

Eu fiz uma medida e o dono disse que poderia me emprestar um guarda-chuva. Eu não tinha nenhum compromisso, e estava com o tempo todo livre. Então disse a ele que ia esperar e aproveitar para ver a paisagem após a chuva.

– “Tá bom, então, vamos fazer isso”.

Ele voltou ao fundo, e trouxe uma cadeira espreguiçadeira para mim. Eu me sentei na cadeira e começamos a conversar olhando debaixo do beiral.

– “Aahaha...” Eu suspirei, mas não foi de propósito.

– “Aahaha... isso mesmo...” O dono riu e entendeu meu sentimento.

Quando me sentei na cadeira para olhar, já tinha parado de chover.

A chuva de outono é muito curta, as gotas muito pequenas, por isso não percebi quando parou de chover.

– “Esse é mesmo um tempo de outono! Não é?”

– “É isso mesmo”.

Eu pensei em ir-me embora, mas ele tinha trazido a cadeira para mim. Assim, decidi sentar-me com ele para me divertir olhando a paisagem após a chuva, ao lado dele. O dono da loja serviu doces *Yatsushashi* e chá verde.

A paisagem de depois da chuva era muito linda... a superfície da rua refletia a luz do sol nas gotas de água que brilhavam muito. Uma mulher passou pela nossa frente e falou para nós.

– “Boa tarde, que coisa boa, não é?” Era a dona da pensão onde alugava meu quarto.

– “Boa tarde, mas a chuva já foi embora”.

— “Ah é... Mas, a chuva voltará logo... eu acho”. A senhora deu um sorriso para a gente e abriu a sombrinha.

Eu achei que não iria mais chover... Mas quando eu vi o céu, subitamente, ouvi a chuva tamborilando na sombrinha dela.

— “Voltou não é?”

— “Com certeza”.

Shigure, a chuva intermitente, é caprichosa. Eu vi de novo a água da chuva criando imagens diferentes. Por causa da chuva fria pude perceber o calor muito suave do chá.

— “Mulher entende mais de chuva do que homem”. O dono disse.

— “Somente as mulheres entendem o tempo do outono...”

A mulher foi embora com andar cadenciado, ao som suave da chuva tamborilando em sua sombrinha de “olho de tigre”.

Tive também a oportunidade de ousar escrever alguns *haikai*, depois de ter conhecido o poeta Matsuo Bashō, a quem é atribuída a criação dessa forma literária. Fui à casa de um discípulo dele em Kyoto, a “cabana dos caquis caídos”, onde está o Museu de Bashō e seus escritos, dos quais cito: “A vida é o caminho e não o ponto fixo no espaço, somos feitos a passagem dos dias, dos meses, dos anos”.

Dilma de Melo Silva

HAIKAI ESCRITOS EM KYOTO

NA DESPEDIDA
UM NOME GRAVADO
NO LEQUE SECO

BROTOS SURGINDO
ARAGEM AQUECIDA
PROMESSAS NO AR

VESTES MAIS QUENTES
MANHÃS ENSOLARADAS
CREPÚSCULOS FRIOS

BECOS MOLHADOS
GUARDA-CHUVAS ABERTOS
CHÁ QUENTE À ESPERA

UMA AUSÊNCIA
CREPÚSCULOS CINZENTOS
OUTONO CHEGOU

RUAS DOURADAS
FOLHAS SECAS CAEM
CAQUIS NA MESA

ÁGUA SUSSURANTE
VENTO UIVANDO FORTE
CARPAS DOURADAS

FOLHAS AO VENTO
PENSAMENTO LONGE
VAGA NEBLINA

CHUVA FINA CAI
ARCO-ÍRIS DE CARPAS
PRÓXIMO O ADEUS

NOUTRO HEMISFÉRIO
FICAMOS MAIS PERTO
DO QUE ESTÁ LONGE

Dilma de Melo Silva

HIROSHIMA MANTRAS BUDISTAS
ORIGAMIS NO RIO OTA
LÁGRIMAS SEM FIM.

ARROZ VERDEJANTE
CAMPOS DO IMPERADOR
COLHEITA FARTA

CARPAS DOURADAS
ÁGUAS BORBULHANTES
TEMPLO SAGRADO

LONGO ENTARDECER
EDAMAME NA MESA
SAKURA EM FLOR

DILMA DE MELO SILVA

*Professora Associada do Departamento de Comunicações e Artes (CCA),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.*





III. Olhar Paulistano

A ponte é somente para atravessar... ou como chegar ao Japão*

Joel La Laina Sene

Há um trecho do livro *Cidades Invisíveis*, de Ítalo Calvino, que me persegue. Já fui atingido por suas palavras em vários contextos e agora, quando inicio este relato, a imaginação do autor me vem à memória novamente.

Marco Polo descreve uma ponte, pedra por pedra.

Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? – pergunta Kublai Khan.

A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra – responde Marco – mas pela curva do arco que estas formam.

Kublai Khan permanece em silêncio, refletindo. Depois acrescenta:

Por que falar das pedras? Só o arco me interessa. Polo responde:

Sem pedras o arco não existe (CALVINO, 1990, p. 79).

Sou um viajante quase viciado na travessia, e nas transformações que o viajar nos impõe. Por isso Marco Polo seja eterno ídolo, mas não foi sempre assim. Morei toda minha vida na mesma região de São Paulo, nas proximidades da várzea do rio Pinheiros, se é

* Excertos da canção *A Ponte*, de Lenine, são aludidos pelo autor neste depoimento. (Nota do editor).

que o canal do Pinheiros algum dia pôde ser chamado de rio. Nas redondezas, há uma grande avenida marginal, e ainda existem os caminhos de ferro que antes levavam ao litoral e hoje interligam periferias. Na infância vivi à beira do mato, próximo a pastagens e campos de futebol, uma mescla de metrópole e província interiorana. Estudei na área central desta maior cidade da América do Sul e os translados no trólebus, ônibus elétrico, me transportavam diariamente por essas passagens entre o mundo moderno e o tradicional, nas “longas viagens perto de casa”, como diria Tonino Guerra, roteirista do filme de memórias *Amacord*, de Federico Fellini.

Na escola pública dos anos 1950 havia representantes de todas as etnias. Não era raro contar um bom contingente de descendentes nipônicos nas salas de aula. A peculiaridade dos olhos amendoados chamava a atenção, mas logo alguns atributos éticos como honestidade, perseverança, comprometimento com o próximo, nos levavam a respeitá-los sem pestanejar. Na vida adulta mantive o cotidiano pinheirense, bairro que ainda hoje se reconhece como reduto nipônico em São Paulo. Minha pequena rua conta com 50 casas e, pelo menos, dez dos antigos moradores eram de famílias japonesas. Conversei, antes de viajar, com meus atuais vizinhos, que me auxiliaram com histórias sobre a vida cotidiana no Japão. Próximo a minha casa havia uma Aliança Cultural Brasil-Japão.

No Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR), da ECA/USP, ensino fotografia e estabeleço parâmetros, que facilitam o aprendizado da linguagem fotográfica. Entendo ser viável pensar em termos estritamente visuais, e, portanto, se expressar em linguagem visual. A parte técnica ou a gramática da fotografia é fácil de se ensinar, já a poética depende do talento do aprendiz. O acesso aos recursos técnicos prescinde de uma indústria e a indústria fotográfica japonesa é largamente conhecida no meio audiovisual. Minha primeira câmera profissional foi uma Nikkormat. No curso de Cinema filmamos e fotografamos com as películas da Fujifilm. Até a “truca”, dispositivo para fazer fusões e outros truques, que operávamos no CTR, onde estudei nos anos 1970 e desde os anos 1990 voltei como professor e pesquisador, foi trazida e montada pelo próprio fabricante japonês, Ygashino san.

Essas referências não me apontavam para o extremo Oriente como destino de viagem. A Europa e os Estados Unidos tinham precedência, exatamente por nossa descendência familiar e cultural. Meu pai estudou por dois anos na Duke University. Meu irmão nasceu em Durham, Estados Unidos da América, e minha mãe tinha o sangue italiano de meus avós. Meus pais foram criados em Itápolis – *ita*, na língua tupi, quer dizer pedra, e *polis* é cidade, em grego. A miscigenada Itápolis também já foi chamada Boa Vista das Pedras. De lá os itapolitanos lançariam um olhar ambíguo, tanto para a paisagem agreste e dispersa como para o centro econômico cultural, que os trariam para a capital, e daqui para o mundo. Por isso me considero um brasileiro típico, urbano, paulistano, mestiço italiano e um arraigado local, como um interiorano e tímido caipira, ou melhor, um caíçara com os olhos sempre voltados para o mar atraído pelas navegações transoceânicas. E onde entra o Japão nessa história?

A PONTE É O ABRAÇO

Devemos retornar a 2005 quando, entre agosto e setembro, o fotógrafo Atílio Avancini, meu colega, amigo e professor da USP, teve a oportunidade de atender ao convite da KUFS. Acompanhei os procedimentos e os preparativos da viagem deste colega de ofício e reflexões acadêmicas e visionárias. Nós fotógrafos, viajamos até pela imaginação: a viagem ao Japão continuava a ser uma aventura virtual, viajei pelos olhos do colega. Dois anos depois, pleiteei a oportunidade mas, na ocasião, a professora Dilma de Melo foi muito bem escolhida e obteve a preferência em seleção concorrida.

Os professores que me antecederam prepararam as estradas e quando fui convidado para lecionar a Língua Portuguesa e Cultura Brasileira no ano letivo japonês de 2009/2010, as pontes de comunicação entre a ECA/USP e a KUFS já estavam plantadas e os caminhos, mapeados. Mesmo sendo uma aventura fascinante, a tarefa exigiu controle físico e emocional. Não foi fácil deixar casa, amigos, família, a rotina acadêmica e partir para o misterioso universo nipônico. Em janeiro de 2009, passei um mês frequentando a Aliança Brasil-Japão. O curso diário correspondia a um semestre.

Nele tive contato com a escrita *kanji*, *hiragana*, *katakana*, e com uma sonoridade onde não conseguia captar as mínimas nuances. Entendi o quanto seria difícil me comunicar apenas em português, um idioma de sonoridade e escrita tão diferente da língua materna dos alunos japoneses, naquele momento ainda incógnitos. Foi assim que busquei apoio em uma linguagem mais cotidiana e universal, ou seja, a fotografia, mais propriamente a cinematografia.

Em quase todas aulas da KUFS utilizei o audiovisual brasileiro como mote para encaminhar os diferentes temas. Na minha bagagem levei alguns livros e inúmeros DVD com documentários, shows de música popular, como Lenine e Marisa Monte, e filmes de ficção, sempre com conteúdos da cultura brasileira. Os exercícios filmicos dos meus alunos de cinema também foram de extrema importância, principalmente porque tratam de temáticas que interessam aos jovens brasileiros. Pois os jovens japoneses desmontaram grande curiosidade em relação aos nossos hábitos e costumes, em especial às relações pessoais e ao mundo do trabalho.

O que mais me interessava era fazer entender alguns detalhes contidos nas narrativas audiovisuais para identificar conflitos e propor soluções. Embora as culturas brasileira e japonesa guardem uma oposição essencialmente geográfica, do ponto de vista de humanidade, como diz Benedito Ferri de Barros, “temos as mesmas necessidades, os mesmos desejos, e se formos olhar para a parte mais nobre do homem, as mesmas aspirações e os mesmos ideais” (BARROS, 1988).

Conexões e acasos perpassavam o cotidiano antes de ir ao Japão. Minha companheira de ECA/USP e de vida, Maria Luiza, estava há alguns anos retomando as atividades artísticas. Desenvolvia experiências nas técnicas japonesas de desenho *sumie* e cerâmica *raku*, enquanto que, em Kyoto, há o Museu Raku, onde uma mesma família perpetua e desenvolve, há séculos, uma técnica milenar de transformação da terra. Ampliavam-se, portanto, os motivos para tornar real essa viagem inusitada.

MAS COMO É QUE FAZ PARA SAIR DA ILHA? PELA PONTE, PELA PONTE...

Como professor na área de imagem do curso Superior do Audiovisual, representar a USP revestiu minha estada no Japão de responsabilidade e desafios instigantes. Para encaixar a transposição das barreiras linguísticas, meu conjunto de DVD deveria mostrar um panorama significativo da cultura brasileira. Durante o ano letivo das universidades japonesas (de abril a março) foi possível experimentar critérios de avaliação muito diferentes. Do ponto de vista pedagógico, o desafio foi maior. No Japão, a academia parece ser etapa obrigatória para o mercado de trabalho, mas o interesse dos estudantes está vinculado à obtenção do diploma, fundamental para o posterior ingresso no meio profissional. Por outro lado, os estudantes nem sempre estudam em áreas próximas do seu interesse pessoal ou aptidão vocacional. Assim, a universidade torna-se apenas uma espécie de rito de passagem.

Para o jovem brasileiro, a universidade é uma conquista e a oportunidade de um futuro, que deverá conjugar vocação e competência para enfrentar a competição pelo primeiro emprego. A qualidade do estudante uspiniano e a alta inserção dos egressos são reconhecidas no meio profissional, exigente pela excelência acadêmica. O Japão também valoriza a educação, suas grandes universidades. E é uma das potências econômicas graças ao espírito organizativo primoroso. Esta é a postura a ser absorvida. Nossos jovens nipônicos estavam em um curso de línguas com uma particularidade de conhecer pelo menos duas grandes vertentes, ou seja, o português da matriz Portugal e o português da ex-colônia, hoje exportadora de bens culturais, o Brasil.

A cinematografia, meu ambiente de atuação no curso Superior do Audiovisual, é uma área bastante complexa, e que também exige atenção em direção a critérios racionais de produção. Envolve conhecimento e constante pesquisa. A preparação criteriosa de projetos, na área da captação de imagens, requer fluência na chamada linguagem fotográfica, bem como conhecimentos de história da arte, expressão poética e rigor nas técnicas específicas de captação, registro e exibição das imagens. O Brasil é um

país onde as carências materiais se multiplicam e os modos de produção ganham rótulos por vezes pejorativos, como o famoso “jeitinho brasileiro”. Há, no entanto, nesta fama algo também característico e positivo, que é a capacidade de improvisação. A criatividade parece ser fiel companheira das carências. É importante atentar para algumas de nossas reconhecidas virtudes no campo do esporte. Refiro-me, por exemplo, à prática do futebol, onde a organização tática está acessível a todas as equipes. Mas é exatamente na capacidade inventiva que se resolvem os impasses, e os equilíbrios monótonos.

Um dos campos do conhecimento em que arte e ciência se mesclam de modo evidente é, desde a invenção da fotografia, o mundo da comunicação audiovisual. Através das imagens e sons sincronizados e editados podemos narrar histórias e conhecer particularidades de universos exóticos. Desse modo, a viagem ao Japão esteve marcada literalmente pelo sentido do deslocamento. Desterrado de meu ambiente nativo, pude refletir sobre minha condição de cidadão paulistano. Estava fora da conhecida zona de conforto. Sei como sobreviver na desgastante São Paulo, e isso me deu forças para enfrentar o isolamento e a distância. Por fim podia respirar em Kyoto, uma das cidades mais tradicionais do Japão, e projetar em suas telas a vasta diversidade cultural do Brasil. Assim, todos os dias me transportava por imagens e sons de um lado ao outro da Terra. À noite sonhava como paulistano e pela manhã acordava como se fosse uma criança *nihonjin*, que acabava de nascer no Japão.

Durante o ano letivo universitário japonês participei de aulas, eventos acadêmicos, palestras e, oportunamente, escrevi um pequeno artigo sobre a cinematografia brasileira. Também pude auxiliar o Departamento de Estudos Luso-Brasileiros na preparação para que um dos maiores cineastas brasileiros em atividade fosse levado ao Japão, a convite da KUFS. Nelson Pereira dos Santos acumula qualidades únicas como intelectual e artista brasileiro. Nelson é um dos principais criadores de um dos mais profícuos e reconhecidos movimentos cinematográficos do Brasil, o Cinema Novo, movimento que tem um de seus marcos iniciais no filme *Rio 40 graus*, de 1955.

Nelson Pereira seguiu realizando obras-primas da cinematografia brasileira como *Vidas Secas*, *Como era gostoso o meu francês*, *Amuleto de Ogum* e mais de duas dezenas de filmes em 50 anos de carreira. Nelson, naquela altura, reunia material para seu documentário sobre Tom Jobim. Sua atividade profissional não ficou limitada a cinematografia. Foi professor universitário na Universidade de Brasília (UNB) e na Universidade Federal Fluminense (UFF), e ainda hoje é o primeiro e único cineasta a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Para a KUFS foram programadas uma palestra e uma entrevista gravada com Nelson. Este importante documento foi realizado pela professora Célia Dias (ECA), minha sucessora no convênio. Desse modo, creio que os estudantes e professores japoneses tiveram a oportunidade de manter contato presencial com um cineasta representante de uma parte significativa da cultura brasileira.

Em 2009, recebemos na KUFS outros dois eminentes pesquisadores. Em maio, o professor João Luis Vieira (UFF) ofereceu palestra sobre a influência de um estilo brasileiro na cinematografia internacional, desenvolvido a partir do filme *Cidade de Deus*. Em novembro, recebemos o professor Carlos Ascencio André (diretor da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra). O professor é especialista em seu tema: Luis de Camões. Precursor dos cronistas portugueses, Luis de Camões fez a elegia de sua pátria e cantou a lírica do coração português. Foi personagem ímpar da literatura em língua portuguesa, viajante de terras longínquas que esteve em boa parte das colônias portuguesas, tais como Macau, Goa e Moçambique.

CRÔNICA FOTOGRÁFICA

O cronista, na história, representa uma espécie de repórter dos primórdios dos tempos modernos. No período das grandes navegações, os europeus recebiam as notícias das terras longínquas por meio das crônicas. Ela tornou-se gênero literário de sucesso no Brasil, oferecendo ao público dos jornais e revistas textos de poetas e romancistas como

Machado de Assis, Mário de Andrade, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga. Nelson Rodrigues esteve presente nas minhas aulas, em textos, filmes e crônicas, posteriormente filmadas para a televisão com a direção de Daniel Filho. Esta série adaptou 40 crônicas e apresentou histórias de 10 minutos no programa dominical *Fantástico* (final dos anos 1990). Nos jornais, as crônicas escritas sob a epígrafe “A vida como ela é” foram acompanhadas com interesse semelhante ao que assistimos hoje pelas telenovelas. Em um dos cursos na KUFS analisamos várias das crônicas audiovisuais da série televisiva.

O espírito de observação criativa inspira tanto o cronista como o fotógrafo de ensaios. Por conta dessas semelhanças de pontos de vista, desenvolvo o conceito de “fotógrafo cronista”. Um fotógrafo é um cronista que observa e registra um fato, mas ao fazer o relato não tem uma pretensão apenas informativa, e sim uma intenção incorporada pela crítica opinativa. O fotógrafo consciente nos coloca no lugar de onde observou e enquadrou a cena, permite refletir através de seu ponto de vista e dá a oportunidade de compor nossa própria opinião. Durante este ano no Japão, o meu olhar de fotógrafo esteve a serviço da crônica. Realizei um conjunto imenso de imagens e séries fotográficas.

O Brasil é país continental e apresenta sotaques regionais, que mostram características culturais importantes para se entender a pluralidade do povo. Os estudantes japoneses pleiteiam, ao final do segundo ano, estágios em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Podemos dizer que estas cidades são muito diferentes entre si nos aspectos geográficos, arquitetônicos, urbanísticos e na formação cultural. Mesmo porque, são grandes centros de convergência e receberam, desde sua origem, gente de todo este país e do mundo. Sendo assim, quando nos perguntam se haveria diferenças, podemos dizer que não há, do ponto de vista linguístico, mas há muitas nuances e características regionais.

Os filmes projetados nas aulas condensavam várias camadas de leitura para o estudante japonês. A primeira camada dizia respeito ao visual. A caracterização dos personagens e cenários são, com certeza, exóticos para o jovem japonês. A segunda camada de leitura

é a oportunidade de ouvir uma diversidade significativa de timbres, dicções e sotaques. Palavras conhecidas poderiam ser reconhecidas e formuladas por diferentes emissores. A terceira camada é a conjugação da imagem e do som que caracteriza a essência do audiovisual. Um simples movimento de um personagem em relação ao outro pode conter significados que não estavam explícitos nas falas. Assim, a tarefa foi exatamente desconstruir esses instantes significativos muitas vezes mágicos e, por outro lado, buscar o sentido mais sutil da comunicação humana.

A narrativa audiovisual tem a virtude instrumental da revisão onde, ao recuperar as imagens mostradas e as palavras ditas, novos patamares de compreensão podem estar sendo estabelecidos. Por outro lado, somos seres audiovisuais por excelência. Para nos comunicar utilizamos a fala e o corpo em expressões faciais e gestuais. Quando estamos pessoalmente diante de outra pessoa, as alternativas de comunicação se amplificam. Por isso é imprescindível para o bom cumprimento das demandas de convênios de intercâmbio cultural, a presença física do professor visitante a lecionar o idioma através da sua cultura. Em tempos de alta tecnologia, a comunicação presencial continua insubstituível. Com a utilização dos vídeos em sala de aula, tínhamos a oportunidade de poder repetir os mesmos filmes e programas, de modo que o estudante pudesse experimentar a cada projeção as novas camadas do conhecimento fílmico.

Um exemplo foi a repartição em capítulos do longa-metragem *Abril Despedaçado*, de Walter Moreira Salles. Como não tínhamos condições de ocupar uma aula inteira com a projeção, o filme foi decupado, ou repartido, em aproximadamente 8 aulas, fracionado em trechos de 15 a 20 minutos. Tratávamos de entender os acontecimentos e as implicações para a história de cada trecho. Toda semana recuperávamos as informações das sequências anteriores e acrescentávamos mais um segmento. O trecho final do filme foi visto em uma sessão completa após todos os personagens serem conhecidos e serem percebidas as suas motivações, bem como a composição da obra no sentido audiovisual específico. Assim, em um sábado pela manhã, fizemos uma matinê com paçoca e guaraná, substituindo a pipoca e o refrigerante norte-americano. Na aula seguinte

revimos o final do filme, com os devidos comentários sobre os aspectos das narrativas culturais que emanaram da experiência.

Esta didática hoje é utilizada em minhas aulas na USP, principalmente por ser um modo que permite atender aos mais diferentes níveis de conhecimento. Meu assunto é a fotografia, a linguagem específica da imagem. O cinema é uma história narrada por imagens e sons, encadeados para termos uma boa leitura do enredo que está sendo contado. Ao separar apenas as imagens, verificamos como elas foram pensadas para que aquela história fosse contada. Revendo o filme em trechos, e analisando cada parte até o final, todos os alunos interessados pelo roteiro, direção, arte, som, montagem e produção podem entender quais as opções que foram engendradas pelos realizadores (roteiro, fotografia e montagem) para construir a história do ponto de vista puramente imagético. As fotos ou séries, realizadas por mim no Japão, têm influência da crônica. Pretendem ser narrativas, assim como propôs Henri Cartier-Bresson:

...se for possível, fazer fotos do “cerne”, bem como de faíscas dispersas do assunto, temos então uma reportagem fotográfica; e a página serve para reunir os elementos complementares que se acham dispersos através de várias fotografias (CARTIER-BRESSON, 1986, p. 9-20).

As câmeras utilizadas nessas fotografias variaram. Desde a minha chegada, em março de 2009, dispunha apenas de uma Nikon com a objetiva angular (35 mm) e três filmes coloridos. Os dois primeiros filmes fotografei na primavera e no verão. O terceiro foi terminado em fevereiro de 2010, no Kinkakuji, após uma nevasca. Em abril de 2009, comprei uma *snapshot*, da Canon, para os registros diários. Realizei duas ou três fotos interessantes com esta pequena câmera. Depois comprei uma Lumix 3, da Panasonic, que é uma câmera portátil com zoom bastante restrito no que se refere à teleobjetiva, mas com angular poderosa e luminosa da linhagem Sumicron da Leica. Com essa câmera realizei grande parte das imagens no Japão. Em setembro de 2009, meu filho Daniel trouxe a minha antiga Sony H7. Reassumir essa câmera foi positivo pois, a partir daí, tinha teleobjetivas da zoom Zeiss da H7.

ATRAVESSANDO PONTES, CONFLITOS E TENSÕES DAS INTENÇÕES

Estes comentários procuram desvendar as intenções no momento das tomadas fotográficas aqui apresentadas. Em 12 fotogramas, se pensarmos apenas no Domo, são 12 fotos praticamente iguais. O Domo de Hiroshima permanece, mesmo após meio século, e continua instigando a todos. Famílias com crianças passeiam tranquilamente por ali, naquela que seria uma das noites mais impressionantes de minha vida. O quente verão japonês deixa o clima nas ruas muito afável e amistoso. Os personagens, descaracterizados pela ausência suficiente de luz, são quase fantasmagóricos. Em alguns minutos a série estava pronta. Para mim foi uma releitura dos acontecimentos do passado e do presente. Outra série é homenagem ao fotógrafo Mário de Andrade (1993), em seu livro *Fotógrafo e Turista Aprendiz*, onde os autorretratos são mostrados por sombras.

Em Arashiyama, registrei minha sombra contígua a da minha companheira, também turista aprendiz nessa aventura no Japão. Em muitas fotos e séries, Maria Luiza me proporcionou a escala humana. Nos jardins do Palácio Imperial de Kyoto uso um falso movimento de câmera, conhecido na cinematografia como “passagem de foco”, como uma ponte de passagem imaginária, um devaneio de viajante.

JOEL LA LAINA SENE

***Professor Doutor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.***

Referências

ANDRADE, Mario de. *Fotógrafo e turista aprendiz*. São Paulo: IEB, 1993.

BARROS, Benedito Ferri de. *Japão a harmonia dos contrários*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1988.

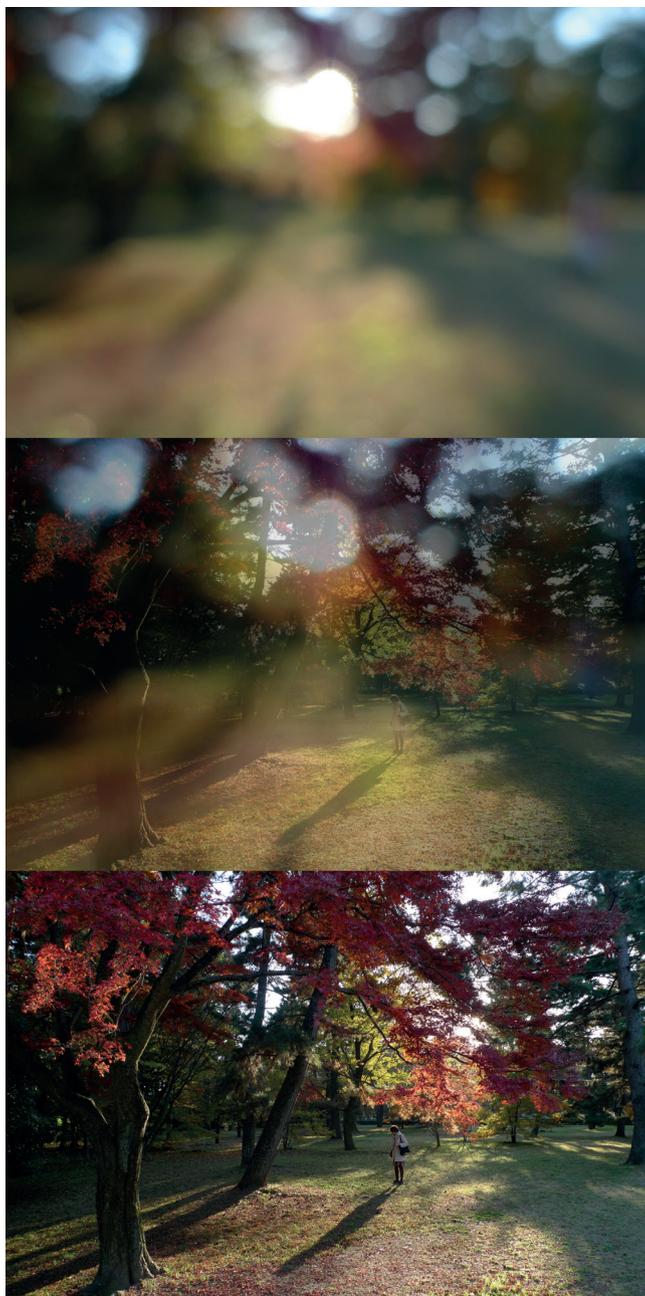
CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARTIER-BRESSON, Henri. L'instant décisif. *Revue Les Cahiers de La Photographie*, Paris, numéro spécial à Henri Cartier-Bresson, p. 9-20, 1986.

LENINE; QUEIROGA, Lula. A Ponte. Disponível em: <<http://letras.mus.br/lenine/88970/>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Bibliografia

CALABRESE, Omar. "Uno Sguardo sul Ponte". *Casabella*, Milano, nº 464, magg. 1981.





IV. Retorno de Saturno no País do Sol Nascente

Célia Maria de Moraes Dias

Um homem precisa viajar.
Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV.
Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu.
Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor.
Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto.
Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto.
Um homem precisa viajar para lugares que não conhece
para quebrar essa arrogância
que nos faz ver o mundo como o imaginamos,
e não simplesmente como é ou pode ser.
Que nos faz professores e doutores do que não vimos,
quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver

Amyr Klink

CARTA DE MOTIVAÇÃO: OBSERVANDO CONEXÕES COM O JAPÃO

A vida é o que fazemos dela.

As viagens são os viajantes.

O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.

Carlos Drummond de Andrade

Um e-mail enviado dois dias antes aos docentes da escola com a mensagem “Convite ECA – aulas no Japão”, informando a “abertura, em caráter excepcional, das inscrições até o dia 19/10/2009”, para participar da seleção para mobilidade docente no Japão, junto à KUFS foi o start para, no dia do professor, resolver me candidatar à bolsa. Para a seleção inicial, se solicitava uma “carta de motivação”. No processo de sua elaboração, fiquei um tanto nostálgica e acabei fazendo uma retrospectiva de alguns dos meus vínculos com o Japão. Lembrei-me de que, já no ginásio, da Escola Estadual de Educação Fernão Dias Paes, convidei tantas (e apenas) colegas nisseis para a minha festa de 11 anos. Um de meus tios fez o seguinte comentário: “a Célia Maria estuda numa escola japonesa?”

Ocorre que, nessa época de entrada na adolescência, eu era tímida e as orientais tinham interesses, hábitos e modos de ser que se pareciam mais com os meus. Essas amigas me acompanharam por todo o ginásio, depois diminuíram um pouco no colegial clássico (já que a maior parte delas, ótimas em matemática, foi para o científico). E, por fim, ao entrar na faculdade, na terceira turma do curso de Comunicações da nova Escola de Comunicações Culturais (nome antigo da ECA), não tinha quase mais nenhuma colega *issei, nissei, sansei* (ou “nãosei”, como diz meu amigo Mitsuru...).

O contato com o país do sol nascente foi insignificante ou inexistente no período das minhas duas graduações, Relações Públicas e Turismo. Mas, como profissional, quando trabalhava na Diagrama Comunicações, uma agência que cuidava de cursos e seminários de formação e desenvolvimento de executivos, eis que aparece um novo desafio.

Eram os anos 1980, despontavam a teoria Z, o *kaizen*, *kamban*, o Controle de Qualidade, os CCQs, e disseminou-se uma febre entre os executivos e CEOs, do mundo todo, para entender o modelo japonês de *management*. Foi um projeto que consumiu dois anos, mas conseguimos criar, *from scratch*, um programa para executivos bem-sucedidos que levou, por três anos consecutivos, brasileiros ao Japão. Era o Projeto Tokyo – o modelo japonês de administração e negócios.

Entre 1983 e 1985 fui inúmeras vezes a Tokyo para organizar, coordenar e acompanhar os grupos e eventos. Dessa experiência e das aulas ficou uma grande admiração pelas características profissionais dos nossos parceiros japoneses: um tempo interminável dedicado ao planejamento, mas que redundava, quase sempre, na garantia de implementação de qualquer ação, ou inovação; a extrema cordialidade e afabilidade no trato; o cuidado com detalhes e minúcias, super importantes para um evento; o jeito engraçado de ter mais de cem formas para “dizer não, sem dizer não”; a paciência para ficar “espremido” no metrô, e admitir e rir de que na Tokyo de 1985, já bastante apertada com o excesso de habitantes, *congestion is the name of the game*.

Posso dizer que, dos 14 países que conheci e visitei, o Japão é, ao lado da Itália, aquele em que acredito ter sido melhor recebida, no sentido de relações pessoa a pessoa. Ressalve-se o fato de que, na Itália, eu falava a língua e, no Japão, utilizávamos o inglês que, por não ser a primeira língua, nem para eles e nem para mim, tornava-se um código de comunicação fácil e acessível.

Em 1985, tive o prazer de visitar o professor Joseph Luyten da ECA. Ele estava, como professor-visitante, junto à Tsukuba University. Conheci as instalações da universidade, bem como a casa em que morava junto com minha amiga docente Sonia Bibe Luyten e as três filhas do casal, loirinhas, falando japonês e perfeitamente adaptadas ao país.

Tenho ótimas lembranças desse período, pois foi nessa ocasião que fiz uma consulta, com um ginecologista, pedindo uma receita de remédios para a concepção. Utilizando

os préstimos de uma tradutora consecutiva, saí do consultório carregando uma grande quantidade de remédios para descobrir, dias depois, que já estava grávida de meu primeiro filho. Faço sempre uma brincadeira com este filho, Marcello, dizendo que ele é japonês, pois foi lá no Japão que fiquei sabendo de minha gestação (é só brincadeira, pois meu marido não viajou junto comigo e, portanto, já saí grávida do Brasil). Todas essas histórias servem para explicar meu interesse em voltar ao Japão, de forma a poder levar até eles, com minha formação e experiência, um pouco do nosso país.

No planejamento, acreditei que nas disciplinas de graduação e pós-graduação, na área de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira, poderia trabalhar com variados temas de meu interesse e conhecimento, de modo a fornecer compreensão dos “nossos vários brasis”.

Num primeiro *approach*, em paralelo às aulas de língua portuguesa, pensei em começar a trazer aspectos variados da cultura que poderiam ajudar a compreender nosso imenso caleidoscópio. Acreditava que uma das disciplinas poderia denominar-se “Brasil - o olhar do estrangeiro” e, nesse curso, o primeiro documento que iria discutir seria a carta de Pero Vaz de Caminha, daí passando a algumas palavras do tupi-guarani, em uso na língua atual e também apresentar uma vivência de pintura corporal (arte *kusiwa*, dos índios *Wajapi*), patrimônio imaterial registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e de dança circular indígena. Completando a cultura imaterial, pensei na oferta de uma atividade sensorial e gustativa: preparar e degustar beiju (ou, mais modernamente, tapioca), um derivado da mandioca, tradicional alimento dos nossos habitantes do tempo do Descobrimento e, até hoje, comida nacional, como o arroz, para o Japão.

Aproveitando o fato de que, em 2010, ano em que fui ao Japão, iria se comemorar 110 anos do nascimento de Gilberto Freyre, um dos primeiros intelectuais a discutir o “ser brasileiro”, pensei em levar algumas de suas obras para discussão e pesquisa. *Casa Grande e Senzala*, publicado em 1933, apresenta novos conceitos para a formação da sociedade brasileira, considerando a mistura de “três raças”: índios, africanos e portu-

gueses. Do mesmo autor, se poderia ler, além de trechos desse livro, outros como *Açúcar - uma sociologia do doce* ou *Receitas de Bolos do Nordeste do Brasil*.

Essas fontes poderiam contribuir para uma melhor compreensão da formação da nossa sociedade. Por exemplo, como era a casa de engenho no Nordeste e, similarmente, também a fazenda de café, do Sudeste; como eram os hábitos de receber e hospedar viajantes; as comidas e modos à mesa; as festas. Planejei oferecer, neste módulo, um ou mais workshops de doces, preparando, ensinando a fazer e degustando brigadeiros, beijinhos, pé de moleque, paçoca, bicho-de-pé. A discussão poderia começar mais atrás, ainda em Portugal, com a história da famosa doçaria conventual, contendo quantidade excessiva de gemas de ovos (as que sobravam das claras, utilizadas para engomar o capelo das freiras), que originou, depois, a doçaria brasileira.

Complementando, faria ainda um módulo sobre “Patrimônio Imaterial - hábitos de recepção, hospedagem e alimentação”. Poder-se-ia oferecer para leitura e discussão os trechos de *História da Alimentação*, de Câmara Cascudo, bem como, do mesmo autor, *Rede de Dormir*, em que relata a mais correta forma de dormir, em redes de algodão, herança de nossos antepassados indígenas.

Os japoneses gostam muito de música brasileira, especialmente bossa nova (talvez por sua “batida” similar ao jazz, de que também são adeptos). Avaliei que seria proveitosa a leitura de letras (assim como a audição das músicas) de Tom Jobim, Vinícius de Moraes e Chico Buarque de Hollanda. Conectando outra vez à comida, analisar-se-ia as letras da canção *Feijoada Completa*, tema que foi explorado pelos dois últimos autores. Claro, ao final do módulo, teríamos uma experiência degustativa de feijoada, caipirinha e seus acompanhamentos.

Havendo interesse e disponibilidade de ingredientes, poder-se-ia preparar outros pratos das diversas partes do país, mostrando aqueles com maior influência indígena, como alguns tipos de peixes (alimento que os japoneses apreciam muito) do Norte, ou Centro-

-Oeste, servidos assados na folha da bananeira; ou receitas de influência africana - vatapá, comidas baianas; ou pratos portugueses - bacalhau, grão-de-bico.

Ainda pela vertente dos alimentos, pensei discutir os diversos biomas brasileiros, as regiões de plantio, formas de colheita, rituais, preparo. E aspectos da influência de imigrantes das principais etnias. Por exemplo, a grande afluência de italianos, árabes e japoneses em São Paulo, de alemães em Santa Catarina, bem como trazer para a discussão algumas de suas comidas mais representativas, com as devidas substituições e adaptações na chegada aos trópicos.

Por falar em tropical, achei que a leitura de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Hollanda, seria interessante para resgatar o entendimento do nosso “homem cordial”. Nossas cores, formas e sons podiam ser revistos, na música, dança e filmes com a interpretação de Carmen Miranda.

Um material interessante e contemporâneo a ser trazido para a discussão seria o projeto do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), denominado “Cara Brasileira” que, a partir de entrevistas com estudiosos de diversas áreas, identificou as formas, cores, imagens, sons e cheiros que melhor nos definem e que serviram, seguramente, para embasar o Projeto Aquarela da EMBRATUR.

Outras atividades culturais que planejei oferecer foram leitura e discussões de poesia, saraus com música, workshop de dança - como o samba de roda do recôncavo baiano (outro dos bens imateriais registrados pelo IPHAN) ou o forró. A poesia teria representantes do porte de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles e Cora Coralina e, na prosa, traria o texto de Rubem Alves e as crônicas do filósofo Mário Sérgio Cortella.

Em que pese minha formação e docência na área de turismo, certamente iria fazer parte dos debates assuntos relacionados à imagem atual do Brasil junto aos estrangeiros, nossos destinos turísticos em diferentes nichos e segmentos, bem como os eventos da Copa do Mundo de Futebol (2014) e das Olimpíadas do Rio (2016).

Gosto muito de sinais – a tal *serendipity* do inglês, ou a chamada sincronicidade – e, assim, foi muito interessante ler que a Organização das Nações Unidas para a Educação e a Ciência e a Cultura (UNESCO) havia nomeado o ano em que eu iria ao Japão, 2010, como o ano internacional para a Aproximação das Culturas.

A celebração é uma forma de estimular o desenvolvimento de ações para a promoção do conhecimento mútuo sobre a diversidade cultural, étnica, linguística e religiosa em âmbito regional, nacional e internacional, em defesa da paz (UNESCO, 2010).

Isso parecia fazer muito sentido em minha missão.

Repasso o texto que enviei para minha apresentação antes de minha chegada e que ficou postado no site da KUFS.

Espero que possamos ter bons momentos juntos, trocando ideias, em português, sobre aspectos da cultura brasileira, de nosso patrimônio histórico, nossas belezas naturais, o turismo e a hospitalidade; assim como ter vivências das festas, músicas, danças, gastronomia e cinema (KYOTO UNIVERSITY OF FOREIGN STUDIES, 2010).

NA PRÁTICA, A TEORIA É OUTRA – OU O PLANEJADO NÃO PODE SER REALIZADO COMO TAL

A primavera significa o renascer das quatro estações do ano, com o rouxinol cantando entre os galhos floridos da ameixeira. A cada ano a vida pode ser sentida e vivenciada desta forma, como se amanhecesse dentro do colorido das imagens. Sendo a primavera o renascimento, ela expressa o lúdico como a criança.

Hashimoto

Primeiros contrastes: saí de São Paulo no dia 29 de março de 2008, já se iniciando o outono, com 35 graus medidos, à noite, no aeroporto de Guarulhos. Estava muito animada de encontrar o Japão todo florido, em cascatas de *sakura*, na primavera. Ao chegar lá, sem agasalho, congelei. Estava um frio de 9 graus no meio da manhã!

Outra coisa que estranhei muito e, confesso, me deprimiu um pouco ao chegar, foi a ausência de cores. Tudo era cinza, as casas, os telhados que eu via do alto de meu apartamento, o céu, as bicicletas, os templos, as ruas, com as pessoas vestidas de cinza ou marrom.

Mais tarde, li num livro de um artista que a evaporação de grandes quantidades de água num país insular favorece a visão um tanto nublada e acinzentada da paisagem. Logo ao chegar eu me ressentia com as diferenças: a primavera sem sol e sem as cores das flores, árvores, casas, roupas e até do meio ambiente a que estava acostumada no Brasil.

E o que ocorreu a seguir na área acadêmica, a partir de minha chegada, foi também muito diferente do imaginado. Em primeiro lugar, os alunos não entendiam bem o português falado, com exceção daqueles que já haviam estado no exterior por um tempo, no Brasil ou em Portugal e, esses, eram poucos. Conseguiram ler, mas com dificuldade e muito uso de dicionário, o que inviabilizou meus projetos de leituras ou discussão dos textos mais avançados que eu havia preparado.

Lembro-me bem de que preparei a primeira aula da disciplina “Cultura Brasileira”, que ocorreria no início do mês de abril, colocando para os alunos ouvirem, traduzirem e cantarem a canção *Águas de Março*, de Tom Jobim. Sorrio, sempre, ao lembrar de quão equivocada eu estava e penso, com bom humor, que até hoje deve haver algum aluno procurando por mais uma palavra no dicionário para entender aquela miríade de elementos e significados presentes na linda letra.

Os interessantes vídeos sobre as matrizes do Brasil – tupi, portuguesa e afro –, que havia trazido, para minha frustração também não puderam ser utilizados. Darcy Ribeiro já estava doente e sua voz era muito baixa e rouca, os alunos não compreendiam nem 10%.

No que se refere ao comportamento, também tive de me adequar. Lembro de uma ocasião, bem no início das aulas, em que eu caminhava entre as carteiras verificando se os alunos precisavam de algo e, inadvertidamente, encostei na mão de uma menina que consultava o dicionário. Sua reação me assustou muito. Ela estremeceu, chacoalhou todo o corpo e ficou apavorada com o meu toque, como se tivesse tido um assédio, ou se tivesse tomado um choque.

Percebi que era hora de jogar tudo no lixo: textos, materiais, comportamentos usuais no Brasil e “partir para outra”.

CRISE (SABEDORIA EXPRESSA NO IDEOGRAMA JAPONÊS EM SUAS DUAS FACES: PERIGO/MEDO E CHANCE/OPORTUNIDADE) – OU O NOVO OLHAR SOBRE O JÁ CONHECIDO

A verdadeira arte de viajar..
A gente sempre deve sair à rua como quem foge de casa,
Como se estivessem abertos diante de nós
todos os caminhos do mundo.
Não importa que os compromissos,
as obrigações, estejam ali.
Chegamos de muito longe,
de alma aberta e o coração cantando!

Mário Quintana

Claro que tudo isso, à primeira vista, foi uma crise, pois ao me preparar para ir ao Japão, eu estava bem tranquila. Dava aulas na graduação e no mestrado há quase trinta anos, tinha experiência com todo tipo de alunos (hummm... será mesmo?).

Agora, eu precisava de uma solução e que fosse rápida, pois tinha aulas de manhã e de tarde, quase todos os dias, e muitos alunos compareciam até três vezes ao dia às minhas aulas. Com receio de me repetir para os alunos da turma da tarde, não podia fazer os mesmos comentários que havia feito pela manhã. O que passou a ocorrer, como rotina, eram os dias de semana dedicados às aulas já planejadas e aos finais de semana “dando tratos à bola” para tentar adequar e replanejar tudo novamente.

Alguns sites de filmes e documentários me foram valiosos nesse momento, bem como o material deixado pelo meu antecessor, o professor Joel Sene. A fim de torná-las menos expositivas, podia enriquecer as aulas, trazendo também imagens. Utilizei canções, das quais imprimia as letras, bem como poesias, além de obras de arte de renomados artistas brasileiros, pinturas que eu imprimia em cores e os fazia discutir e escrever sobre o que ouviam, liam ou viam.

Um material que interessou muito aos alunos foi uma coleção de quatro vídeos denominada *Tudo que é sólido pode derreter*. Consta de 13 episódios, foi gravada pela TV Cultura e explora o universo adolescente de forma bem-humorada através do cotidiano de Thereza, uma jovem que se envolve, de forma divertida e emocionada, com grandes obras da literatura em língua portuguesa. Além de oferecer um pouco de literatura, como *Senhora*, *Dom Casmurro*, *Macunaíma*, os alunos puderam satisfazer sua curiosidade ao ver na tela o comportamento, as vestes, o modo de falar, de se comportar e de namorar dos jovens brasileiros. Os jovens da série, em idade similar às deles, resultou em algo interessante para trazer à discussão. No dia de assistir e discutir *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, lhes prometi fazer a festa, com as vestes, os comes e os bebes. E assim fizemos fora de época, no inverno deles, em nossa última aula, com danças e tudo o mais, algo muito alegre. Utilizei também

algumas gravações, como *Haru e Natsu*, uma novela feita em ambos os países, bem como entrevistas e vídeos brasileiros com imigrantes japoneses e seus descendentes. Era para eles terem uma ideia de como ocorreu a imigração e a adaptação de seus ancestrais no Brasil.

Em conversas informais com alunos nos corredores ou na hora do almoço também andei sondando seus interesses e, então, passei a elaborar aulas com base em temas, como futebol e o grande ídolo Zico, sandálias havaianas, capoeira, biquíni, carnaval, Amazônia, frutas, peixes e outros animais, músicas, festas.

Um dos acertos foi voltar às minhas raízes e apresentar as aulas pelo viés do turismo, mostrando tudo a partir de contrastes. Partir das regiões do Brasil, onde se abordava, por exemplo, aspectos ambientais e culturais, geografia, relevo, rios, imagens, música, dança, árvores, pássaros, peixes, animais, comidas, frutas, bebida, costumes, festas, lendas, modos de falar, gírias, moda, datas comemorativas, expressões idiomáticas e ditados. Ideia valiosa, pois havia tanto a mostrar, que a cada dia se interessavam ou tinham curiosidade por alguns destes temas e eu levaria mais coisas nas aulas seguintes.

Posso dizer que, resumindo, quase nada do que planejei pôde ser realizado com eficiência, visto o enorme *gap* entre o que eu pensava e a realidade encontrada. Acredito que meu melhor desempenho, no sentido de uma boa relação ensino-aprendizagem, se deu quando passei a integrar nas aulas algum componente mais concreto, além do auditivo e visual, especialmente o degustativo com a apresentação de alimentos. Posso dizer que a aula de feijoada, em que a levei pré-preparada, nunca será esquecida. Foi servida com a poesia de Vinícius de Moraes, para ler e traduzir, e ainda um vídeo ilustrado com a música de Chico Buarque de Hollanda.

PARCERIAS EM EVENTOS, ARTIGOS, CAPÍTULOS E LIVROS

A vida é um livro,
e os que não viajam leem apenas uma página.

Santo Agostinho

Um dos aspectos que mais me empolgou foi a possibilidade de participar de parcerias. A primeira ocorreu, um tanto casualmente, com o professor Iyanaga. Comentava com ele como era interessante a diferença entre o gesto japonês e o brasileiro para “eu”. Certa vez apontei para um aluno, pedindo para que respondesse algo e indicou a ponta do seu nariz e disse: “Eu?” Respondi que meu ego estava no meio do peito, na altura da glândula pineal, e perguntei se o ego deles estava atrás do nariz. professor Iyanaga percebeu meu interesse e convidou-me para entrar no seu grupo de pesquisa comparativa do gestual japonês e português (de Portugal), do qual já fazia parte o professor José Rodrigues.

Ainda no primeiro semestre, participamos, os três (Iyanaga, Rodrigues e eu), de um evento na Universidade de Osaka, o Colóquio da Associação Japonesa de Estudos Luso-Brasileiros (AJELB), com o trabalho intitulado *Variantes dos gestos - português europeu e português brasileiro*.

Durante a realização do evento, tive a oportunidade de conhecer o professor Rogério Dezem, outro brasileiro com bolsa de mobilidade docente, mas junto à Osaka University. Fizemos amizade e pudemos participar, com artigos, de dois seminários internacionais na área de língua portuguesa, contando também com a participação do chefe do Departamento de Estudos de Luso-Brasileiros, professor Ikunori Sumida. Esta participação me trouxe de volta à minha formação, Comunicação Social, e aos estudos, que sempre me interessei, de comunicação não verbal. As pesquisas continuaram mesmo depois de meu retorno ao Brasil.

Particpei do grupo de pesquisa dos professores Shiro Iyanaga e José Rodrigues, entre 2010 e 2011, para adaptação de 30 diálogos do português europeu para o português

brasileiro e da elaboração de mais 5 diálogos, com os respectivos gestos brasileiros. Fiz também direção de filmagem de 20 diálogos para utilização nas aulas de Computer Assisted Language Learning (CALL). Já com o professor Kyokatsu Tadokoro tive maior aproximação e foi com quem mais escrevi e pesquisei.

Fui membro do grupo de pesquisa “Novas perspectivas sobre a mudança e a fixação da história mental: em busca do comportamento dos imigrantes nipo-brasileiros”, numa abordagem teórica e prática, que tinha como coordenador o professor Tadokoro. Participei do evento internacional “Vinte anos dos brasileiros no Japão”, promoção da Embaixada do Brasil em Tokyo. Com o mesmo docente, elaborei e publiquei um artigo em parceria “Reflexões sobre vinte anos de dekasegui brasileiros no Japão”, escrito em japonês e português.

Mas eis que chegou o verão, com calor de 35 a 40 graus e 90% de umidade relativa do ar. Férias, enfim!

Viajei a Bali, Lombok e Java com uma docente amiga, espanhola. Ao voltar, fiz mais uma parada num evento internacional, para o qual fora convidada por outro docente amigo, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH), da USP, o professor Ricardo Ricci Uvinha. Participei do Chuncheon 2010, World Leisure Congress, junto à Gangwon National University (Coreia do Sul), com o tema “Lazer e Identidades”.

Ao final de minha estada no Japão, com uma verba remanescente de pesquisa, contatei a University San Joseph, em Macau, para participar de um evento internacional de língua portuguesa, a *A lusofonia entre encruzilhadas culturais*. Seu diretor convidou-me a participar com uma palestra e um artigo.

Com o tema “Brasil, Brasis – ensino da cultura brasileira e da língua portuguesa no Japão atual”, o artigo foi publicado nos anais da conferência internacional *A lusofonia entre encruzilhadas culturais*.

Publiquei mais dois artigos, em periódicos “Experiências de ensino de língua portuguesa e cultura brasileira em Kyoto: um olhar paulista e urbano”. In *Bulletin of the Kyoto University of Foreign Studies*, edição português, japonês, inglês, impresso. E “São Paulo – símbolos, identidade e hospitalidade”. In *Bulletin del Instituto de Estudos Latino-Americanos de Kyoto* (edição português/japonês/inglês, impresso).

O SEGUNDO RETORNO DE SATURNO & PANTA REI – DEO GRATIAS! A CHEGADA AO BRASIL E NOVO CICLO

Uma longa viagem começa com um único passo.

Lao Tsé

A volta ao Brasil não me afastou dos parceiros japoneses, ao contrário, propiciou uma maior aproximação, inclusive com o meu colega professor Joel La Laina Sene, pois os docentes do Japão tinham uma verba para fazer um livro de gestos comparativos: Japão, Portugal e Brasil. Assim, passamos os meses de férias – janeiro e fevereiro de 2012 – em plenas gravações com alunos do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão (CTR) da Escola de Comunicações e Artes (ECA), até completarmos o trabalho.

Foi feita a adaptação coloquial e a gravação de 30 diálogos do português europeu para o português brasileiro, mais 5, que elaborei, no Brasil, com os respectivos gestos brasileiros. Em parceria com o professor Joel La Laina Sene, fizemos a produção, captação, *casting* e direção de filmagem, desses 35 diálogos, bem como um inventário de gestos mais usuais no Brasil, para envio ao Japão, onde foram publicados e estão sendo utilizados nas aulas de CALL.

Outro fato a destacar relativo aos docentes da ECA, que participaram desse convênio, é a conexão que é feita de um ano a outro. Ou seja, um professor que está no ano anterior, “planta” atividades que serão colhidas pelo seu sucessor e deixa materiais de

apoio e sugestões de aulas para serem utilizadas. Essa é uma colaboração bem importante e útil.

Foi o meu caso. Entrevistei e fiz a gravação da entrevista com a grande personalidade do cinema novo brasileiro, Nelson Pereira dos Santos, que havia sido previamente contado pelo professor Joel.

Entre agosto e setembro de 2011, após minha volta, publiquei outro artigo em parceria para evento internacional: DIAS, C. M. M.; DEZEM, R.; SUMIDA, I. “Entre idas e vindas: experiências de ensino da língua portuguesa no universo japonês”. *III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa “Unidade e Diversidade: múltiplos espaços da língua portuguesa”*, na Universidade de Macau (China).

Posso dizer que o balanço do ano no Japão foi positivo e de muito trabalho. Enquanto no Brasil eu costumava ministrar duas, no máximo três, disciplinas por semestre, junto à KUFS ofereci doze disciplinas na graduação e três disciplinas na pós-graduação; coorientei um aluno de pós-graduação junto com o professor Sumida; desempenhei variadas atividades, como elaboração de questões para o vestibular e para seleção do mestrado; coordenei a organização e participei da realização dos exames de português como língua estrangeira para todo o Japão; participei como júri do XXIX Concurso de Recitação em Língua Portuguesa para os estudantes universitários da região de Kansai, bem como a escolha de texto e ensaios para os alunos declamarem; participei do Open Campus, fazendo apresentações para divulgar o curso de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira para candidatos ingressantes no concurso vestibular DELB.

DOIS CONCEITOS

Somos todos anjos com uma asa só;
e só podemos voar quando abraçados uns aos outros.

Luciano de Crescenzo

RETORNO DE SATURNO

Saturno é um planeta lento, demora cerca de 29 anos para completar o ciclo completo em volta do Sol e se juntar consigo mesmo, ou seja, a formar uma conjunção.

Entre os 21 anos e os 29 anos e meio, a pessoa desenvolve o potencial de ser independente, buscando conquistar seu próprio espaço, estabelecendo uma identidade própria e chegar ao patamar desejado. Mas, se aos 29 anos a pessoa não consegue alcançar as metas estabelecidas, começa a primeira grande crise: é o primeiro “retorno de Saturno”

Graziella Marraccini

Sou um tanto esotérica e mística, assim que soube que iria passar um ano no Japão fui fazer o mapa astral. A terapeuta Graziella Marraccini trabalhava com *tarot* e explicou a questão da passagem de Saturno em nossas vidas.

Um pouquinho antes dos 59 anos, toda a história se inverte e o retorno de Saturno pode encontrar a pessoa num ciclo positivo, mesmo que novamente sendo importante. Tudo depende de como o indivíduo aprendeu a lição durante todo esse tempo.

Se ele foi responsável, trabalhou e poupou, viveu, amou, se multiplicou (condição geral a toda a humanidade), ele irá chegar à “melhor idade” realmente melhorado. Os frutos de toda uma vida costumam estar à disposição da pessoa, assim como a capacidade de produzir mais, resultando num sentimento de realização e confiança. Poderá então desfrutar de um período bastante criativo e muito gratificante.

Ocorre que eu estava vindo de uma fase difícil, em que fora desligada de um programa de mestrado, que me era muito caro, e havia conseguido expandir meu tempo para dedicação exclusiva na ECA. Minha viagem ao Japão coincidiu exatamente com essa mudança na idade e foi recheada de coisas novas e boas.

PANTA REI

Heráclito de Éfeso, filósofo que viveu por volta de 480 a. C., dizia que “tudo passa, nada permanece igual”. A expressão grega *Panta Rei* surge da noção de que tudo é móvel, transitório, passageiro. Para ilustrar essa afirmação, Heráclito usava a metáfora do rio: “não é possível banhar-se no mesmo rio duas vezes”.

Panta Rei é um conceito definidor de nossas vidas. Nossos corpos mudam, nossas ideias mudam, nossos empregos mudam... mudamos até de país! Enfim, nunca atravessamos o mesmo rio duas vezes!

Cabe a cada um lidar com o seu rio. Muitas vezes, sentimos medo da mudança, mas, enfim, percebemos que mudar é bom. *Panta Rei! Deo Gratias!*

O QUE CONSEGUI ENSINAR?

Viver é conviver. É se relacionar.
Somos seres de relação.
Somos incompletos e inacabados.
Somos incompletos porque sem o outro não existimos.
Não há sentido em pensar “eu e o mundo”.
É preciso pensar “eu como um pedaço do mundo”.
Esse deve ser o caráter relacional do ser humano.

Paulo Freire

Acredito que, ao fim e ao cabo, o que talvez eu tenha conseguido ensinar, de melhor, tenha sido a partilha de afetos, abraços e beijos. Lembrando da aluna que teve aquele susto ao inadvertido toque de mão, no último dia de atividades ela veio me abraçar, beijar e dizer que, quando pudesse, viria ao Brasil para me visitar.

Célia Maria de Moraes Dias

Nesse mesmo último dia de aula, em que tivemos uma perfeita festa junina fora de época, também pedi que os alunos endereçassem aos colegas, feedbacks positivos, uma dinâmica que costumo fazer e que consta do preenchimento de papeletas anônimas, que uns alunos endereçam aos demais, preferencialmente de todos para todos, completando a frase “o que eu mais gosto em você é...”.

Qual não foi a minha surpresa quando, ao fim da aula, peguei na cesta de feedbacks, uma porção de papeletas endereçadas a mim! Foi muito gostoso ler e reler tantos agradecimentos.

Domo arigato gozaimasu queridos alunos, linda Kyoto, antiga capital do país do Sol Nascente. Eu ainda voltarei um dia!

Compreender o “outro” é uma eterna construção em andamento. Acredito que minha missão de vida é ser uma aprendiz, por essa razão escolhi ser professora e fico feliz em dizer que, após essa experiência de um ano trabalhando e morando no Japão, sinto-me cidadã do mundo, posso morar ou estar bem em qualquer lugar em que estiver.

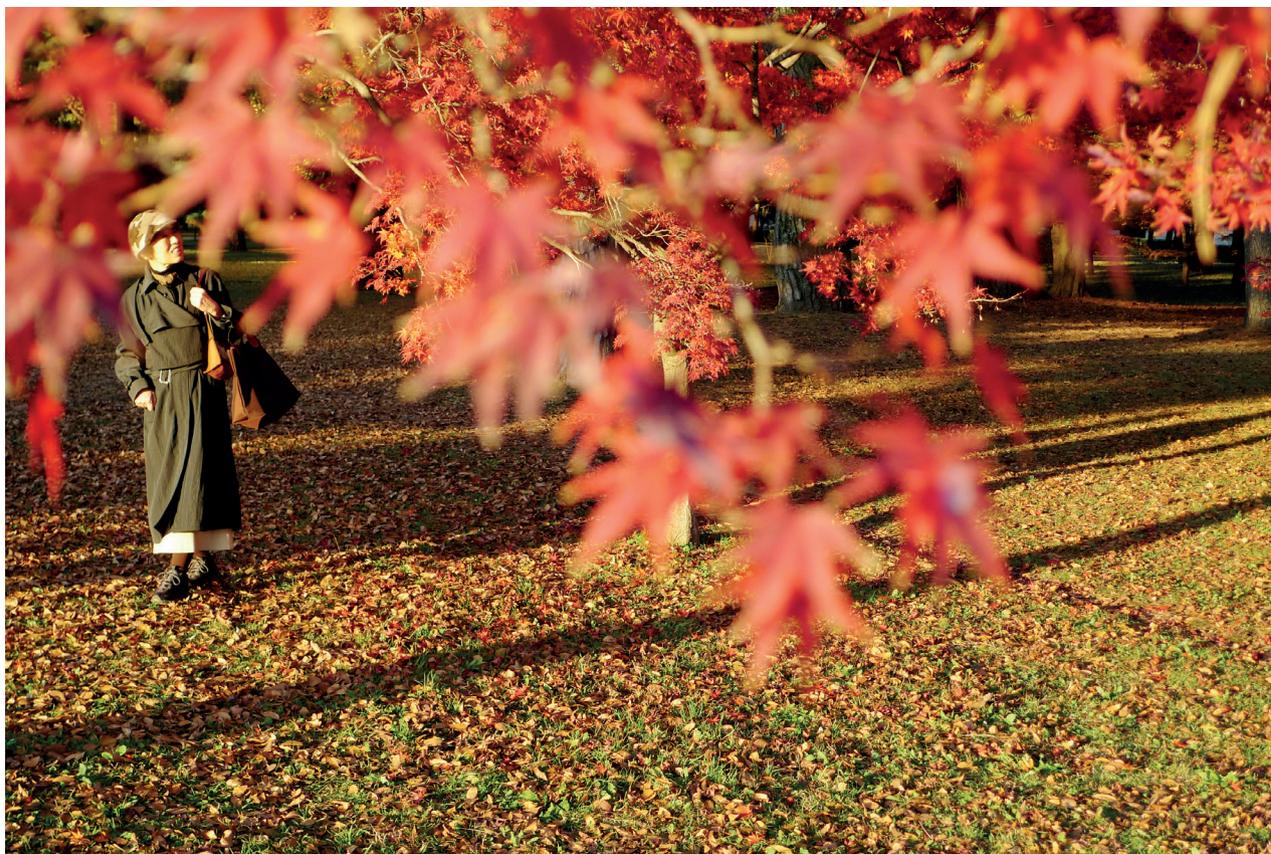
CÉLIA MARIA DE MORAES DIAS

Professora Doutora do Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (CRP), da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.

Referências

UNESCO. *Ano internacional para aproximação das culturas 2010*. [S.l.]: Unesco, 2010. Disponível em: <http://www.peaunesco-sp.com.br/destaque/ano_inter_aprox_culturas_completo.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2010.

KYOTO UNIVERSITY OF FOREIGN STUDIES. *Academic program for foreign students*. Kyoto: Kyoto University of Foreign Studies, 2010. Disponível em: <<https://www.kufs.ac.jp/en>>. Acesso em: 28 fev. 2010.





V. Um *tsunami* no jardim zen

Marco Garaude Giannotti

Em uma terra que treme, este jardim celebra o oposto, a experiência *zen* do Satori, do despertar para a vida. Num momento em que toda a nação se torna mais solidária devido a tragédia do terremoto, seguido por um tsunami que destróçou Fukushima, estas pedras são o exemplo da capacidade japonesa de procurar estabilidade quando “tudo que é solido parece se desmanchar no ar” a qualquer instante.

Diário de Quioto

Apesar de embarcar para o Japão vinte dias após o fatídico *tsunami* que ocorreu em março de 2011, a experiência que tive neste país foi surpreendente a cada instante e efetivamente mudou a minha forma de ver o mundo. Deparei-me com uma civilização que jamais havia pensado conhecer. Até então, como professor de pintura da USP, minhas referências sempre foram a arte americana e europeia. A arte japonesa só aparecia em sala de aula devido ao *japonismo*, ou seja, quando a arte europeia passou a ser fortemente influenciada pela cultura oriental no final do século XIX. Talvez a principal lição que tive nesta viagem foi que o mundo, afinal de contas, é mesmo redondo. O Oriente, que sempre me pareceu algo inalcançável, apesar de continuar assim sob determinados aspectos, se mostra agora mais humano. Viver em uma cidade onde as crianças, em

torno dos 6 anos de idade, começam a ir para as escolas sozinhas é algo comovente e admirável. Perceber grandes metrópoles, como Tokyo, que podem em alguns momentos ser silenciosas, limpas e de fácil acesso mediante o transporte público, é algo que deveria servir de exemplo para as grandes cidades brasileiras.

O fato de viver em Kyoto acentuava a experiência de estar na cidade mais tradicional do Japão, visto que foi a capital imperial por cerca de mil anos. Vale salientar que o imperador aqui é visto de maneira distinta dos reinados no Ocidente. Seu papel é mais do que simbólico e carrega consigo uma herança divina, mesmo que tenha abdicado deste poder após a Segunda Guerra Mundial. Logo à primeira vista, esta cidade milenar às margens dos límpidos rios *Kamo* e *Katsura*, circundada por montanhas, difere completamente da moderna Tokyo. Para quem está ao sul da capital atual, distante cerca de 600 quilômetros, as estações do ano são celebradas em templos budistas e xintoístas milenares. Durante a primavera, todos os japoneses cultivam o advento da primavera visitando os parques repletos de cerejeiras (*hanami*). Não se trata de uma espécie frutífera, foi desenvolvida exclusivamente para fins estéticos. Tudo que é belo carrega consigo sua dimensão efêmera, estas flores duram apenas duas semanas e celebram a passagem do tempo. As cerejeiras passam a ser progressivamente cultivadas, pois são de origem local, ao invés das ameixeiras, que vêm da China. Eram em particular admiradas pelos samurais, soldados indicados pelo imperador, mas que tinham grande poder e autonomia no século XII porque indicavam um modo de vida exemplar. Embora seu florescer seja breve, é belo; as flores caem em conjunto, pétala por pétala e dão lugar às folhagens que vêm a seguir.

Nota-se a presença constante de duas religiões que fazem parte da identidade japonesa: o xintoísmo e o budismo. A primeira tem uma origem propriamente japonesa, advém de mitos animistas e trata antes de tudo da vida cotidiana, do dia a dia. A outra advém da Índia, passou pela China e chegou ao Japão no século VI.

O budismo é importante na administração da vida após a morte. É comum que o japonês diga que não tem religião, mas que celebre em alguns momentos determinados ritos

xintoístas e que enterre seus parentes em cemitérios budistas. Já o xintoísmo adquire um papel proeminente a partir da restauração *Meiji* (1867), em que o Japão é reunificado sob o reinado de um único imperador. Pelo fato de ser identificado com uma religião do Estado e celebrar o nacionalismo, muitas vezes o xintoísmo entra em conflito com a filosofia budista, que advém do exterior e é, portanto, mais internacional, comum a países como a Índia e China. Os templos budistas pareciam ter maior autonomia e em alguns momentos buscaram se contrapor ao poder imperial. Em outros momentos, essas religiões se fundem, de modo que certas divindades xintoístas aparecem como manifestações do Buda.

No plano ético, a veneração da natureza e o sentimento de estabilidade grupal são princípios determinantes. A árvore celebrada pelos templos budistas é o pinheiro, pois suas folhas nunca caem e estão eternamente verdes. Kyoto é assim uma cidade entrecortada por dois mundos: o mundo glorioso do passado, com seus templos e jardins magníficos, e o outro que, um tanto descaracterizado pela influência ocidental, sempre nos dá a sensação de estarmos fora do lugar. Sob este aspecto, ela não difere das metrópoles contemporâneas. Estas contradições estão no âmago de quem permanece em terra tão estrangeira.

EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Estas breves considerações históricas precisaram ser feitas para entendermos aspectos culturais, que fazem os alunos japoneses ter um comportamento totalmente diverso do aluno brasileiro. A primeira coisa que se destaca é a timidez, salientada pela enorme dificuldade em aprender uma língua estrangeira. Talvez pelo seu aspecto insular, o Japão foi o país que mais se isolou do mundo ocidental, cerca de 250 anos, e só abriu seus portos forçado pela hegemonia militar americana.

Durante o ano em que estive em Kyoto, como professor-visitante da KUFS (entre 2011 e 2012), as características culturais, a começar pela enorme diferença linguística, restrin-

giram o escopo da minha pesquisa. Isso porque os livros de pintura japonesa, como também grande parte da informação sobre este assunto disponível nos museus e internet, estão em japonês.

A língua escrita consiste numa mescla de quatro alfabetos: *kanji*, *hiragana*, *katakana* e *romaji*. O primeiro veio da China no século V; os outros foram se tecendo a partir daí, justamente no intuito de transcrever uma língua oral, cujo aspecto fonético muito se distancia do chinês. O *romaji* não é escrito em ideogramas, mas com números e letras latinas. Foi importado do Ocidente. Logo, temos a impressão de que os alunos estão sempre a procura de um *kanji* adequado. Se o processo de alfabetização dura no mínimo sete anos e na verdade pode durar a vida toda, pois sempre há um ideograma diferente para novos conceitos e práticas, vejo como é difícil a empreitada de aprender uma língua estrangeira. O fato dos professores deste convênio terem advindo da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP se justifica justamente por aí: visto que tínhamos de ministrar as aulas exclusivamente em português, fomos obrigados, num certo momento, a recorrer a linguagens não verbais (música, cinema, fotografia, pintura) para nos fazer entender. Gafes, entretanto, são inevitáveis. Certa vez, entreguei à administração da KUFS recibos com um belo envelope branco com ornamentos negros que havia encontrado, mas que, na verdade, só deve ser enviado para comunicar a perda de um familiar.

Na verdade, acho que todos nós fomos obrigados a nos reinventar como professores. Tínhamos que nos tornar mais didáticos, o português deveria ser falado lentamente, os conceitos bem mastigados. A minha primeira aula foi, de fato, uma lição não para eles, mas para mim. Após tentar fazer com que lessem trechos da carta de Pero Vaz de Caminha, que relata a descoberta do Brasil, mostrei imagens de soldados portugueses e de índios brasileiros. Perguntei se eles se identificavam com alguém, a resposta foi um silêncio tumular, pois a pergunta não tinha nenhum sentido para eles. Para começar, são eles que vivem em um mundo milenar, muito antes do nosso país ter sido descoberto, logo, no máximo, são os índios que podem até se parecer com eles e não ao contrário. Tornou-se evidente que tinha que mudar radicalmente de perspectiva. Ao final do curso,

fazia ditados com *Fábulas de Esopo*. Recentemente, o professor Hosokawa me disse que este foi um dos primeiros livros traduzidos para o japonês pelos missionários portugueses jesuítas!

Outro aspecto marcante é a hierarquia e a formalidade presentes em todos os momentos da vida acadêmica. A cerimônia de abertura e o fim das atividades escolares são sempre celebradas como ritual de passagem, onde professores, pais e alunos cantam o hino do Japão e em seguida o da escola. A distância entre professor e aluno deve ser rigorosamente mantida. E mesmo quando os alunos são convidados pelo professor, cabe a ele pagar a conta. Alunos ingressantes devem se reportar aos professores e colegas mais velhos numa linguagem mais elevada, respeitosa e formal, assim como devem aprender a se curvar (sem jamais se tocar), de modo que a relação hierárquica seja sempre reiterada. A pontualidade das aulas é britânica e não há o famoso entra e sai dos alunos brasileiros.

O retorno ao Brasil se tornou um verdadeiro *tsunami*, pois foi difícil me acostumar com a vida caótica das nossas cidades. Depois de um ano indo trabalhar de bicicleta, sempre passando pelo interior de *Myoshin-ji*, famoso complexo de templos budistas. Aos poucos, Kyoto vai se transformando em nostalgia, saudades de um lugar tão distante, mas que marcou profundamente. Creio que a minha postura didática mudou por completo. A disciplina de pós-graduação “Encontros e Desencontros” foi um exemplo de como tentei absorver o que aprendi no Japão e mesclar com a experiência brasileira, tão vivenciada pelos imigrantes de diversos continentes e que fazem a nossa cultura tão multifacetada. Mas agora, ao falar de arte, sempre penso nos dois lados da moeda.

PESQUISA ARTÍSTICA: COLAGENS EM WASHI

Infelizmente o estudo do japonês me pareceu muito difícil para um ano de estadia. Seu aprendizado exigiria uma aplicação incompatível com as minhas atividades de professor e artista. Esta barreira, muitas vezes, não permitiu que pudesse realizar pesquisas

acadêmicas de modo aprofundado. Pelo fato de não poder ler, tudo se tornava imagem. Estes aspectos foram registrados fotograficamente durante minha estada. Publiquei uma série de textos para o jornal *O Estado de S. Paulo*, tentando descrever esta experiência intensa e profundamente visual, acentuada pelo fato de ter me tornado analfabeto durante um ano.

Mas, creio que a realização de colagens tenha sido o que sedimentou a minha pesquisa artística em Kyoto. Visto que não tinha um espaço apropriado para pintar, fiz quase que diariamente uma série de colagens com um papel japonês chamado *washi*. O papel, extremamente fibroso e transparente, permite uma série de sobreposições, conferindo um caráter de palimpsesto à imagem. Motivos japoneses clássicos permeiam estas colagens: pórticos (*tori*), pontes japonesas, jardins *zen*. Para quem ministrou um curso intitulado “Pintura e Colagem” na ECA, durante os últimos nove anos, esta foi uma oportunidade única de por mãos à obra.

Ao final da minha experiência no Japão, realizei um livro e uma série de exposições que lidam com a influência artística do privilégio de ter morado um ano em Kyoto. Apresento a seguir um breve relato desta experiência.

PENUMBRA¹, GALERIA RAQUEL ARNAUD, 2013

Penumbra é o ponto de transição entre a luz e a sombra. Trata-se de uma área iluminada à meia-luz. Retomo questões presentes do mestrado em Filosofia (1993), quando traduzi parcialmente a *Doutrina das Cores*, de Goethe. Na introdução do livro, Goethe afirma que as cores “são ações e paixões da luz”, ou seja, a cor nasce do embate entre luz e escuridão. Ao retomar uma concepção clássica, Goethe inaugura uma interpretação fisiológica da cor, que passa a ter uma importância enorme para os pintores a partir do Impressionismo. Pois a teoria física sobre o fenômeno cromático não trata propriamente da percepção da cor, fundamental para a interpretação de uma pintura. Além da obra

1. Quatorze telas de grandes formatos (2m x 2,50m) e pequenos formatos (40cm x 1m).

de Goethe, outro ponto de partida para a exposição foi *Em Louvor da Sombra*, de Junichiro Tanizaki, célebre escritor japonês do século XX. Nesta obra, o autor afirma que o aposento japonês é comparável a uma pintura monocromática (*sumi-e* – tinta à base de nanquim em gradações de preto e branco) em que os painéis (*shoji*) correspondem à tonalidade mais clara e o nicho (*tokonoma*) à mais escura. Ele lamenta a introdução da luz elétrica no Japão, analisando-a como mais um elemento ocidental exógeno que vem desconstruir a tradição.

DIÁRIO DE QUIOTO², INSTITUTO TOMIE OHTAKE, 2013

Trata-se de uma mostra documental, partindo da ideia de um caderno de anotações, feito durante minha estada em Kyoto. Nessa ocasião, foi lançado o livro patrocinado pela embaixada brasileira em Tokyo, com distribuição no Brasil feita pela editora Martins Fontes. O livro resulta de uma compilação de artigos que escrevi para o jornal *O Estado de S. Paulo* no período da viagem. Os textos abarcam uma série de aspectos da cultura japonesa que pude observar durante um ano todo. O fato desta exposição ter sido realizada no Instituto Tomie Ohtake, corrobora os laços culturais entre os dois países, principalmente devido à imigração japonesa no começo do século XX. Trata-se, em suma, da visão de um estrangeiro, descendente de imigrantes italianos, observando aspectos da cultura japonesa.

A exposição mostrava um pouco destes contrastes entre o Ocidente e o Oriente, na arte e nos costumes. Alguns textos lidam com a relação peculiar que os japoneses têm com a arquitetura, a natureza, a passagem do tempo; outros tratam das grandes transformações ocorridas nas cidades japonesas a partir do contato mais assíduo com Ocidente, a partir de 1868. O livro reproduz uma série de fotografias e colagens em papel de amoreira que apresentei nesta exposição.

2. Trinta e duas colagens e um monitor que acolhia cerca de cem fotografias.

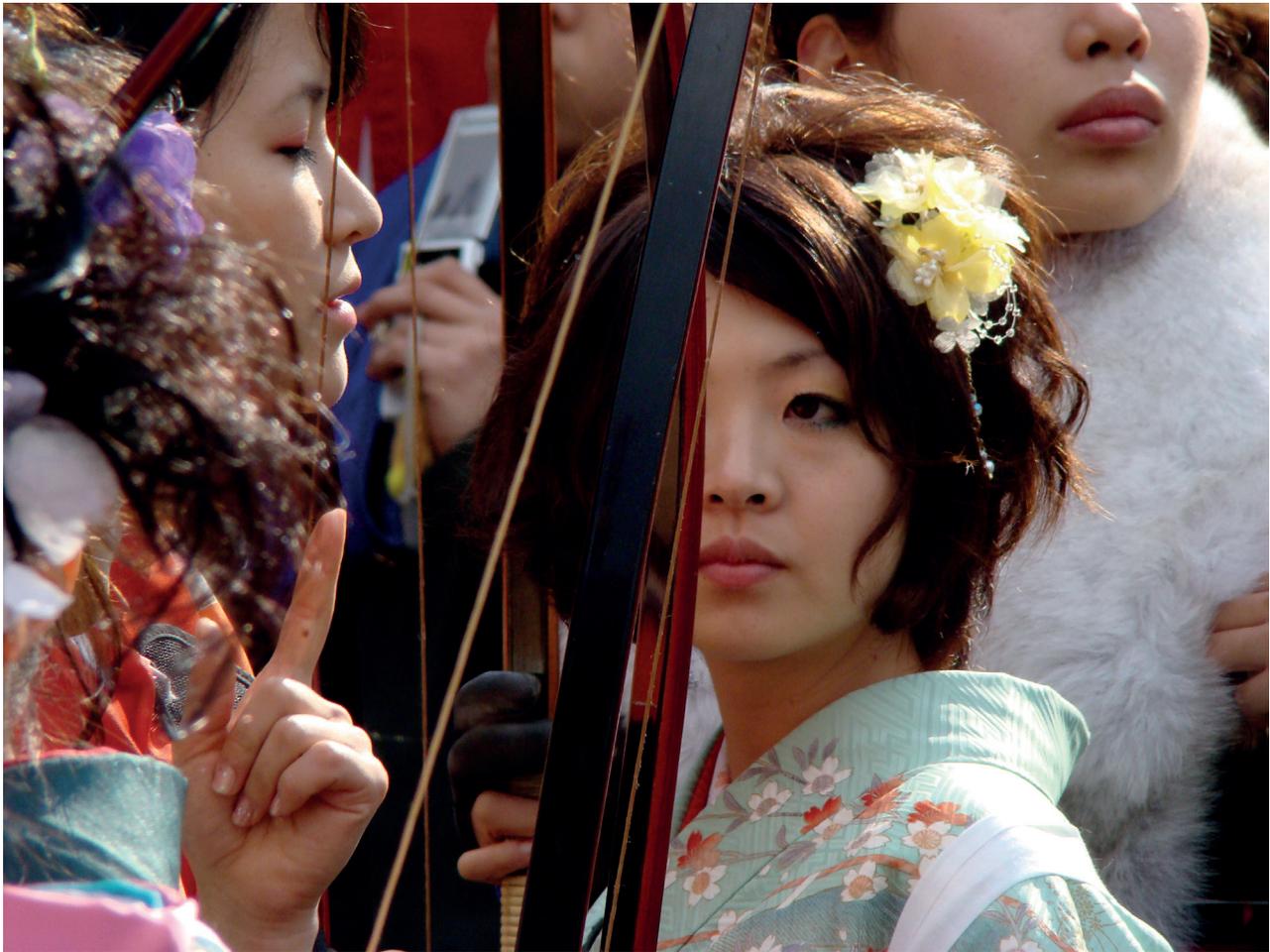
Marco Garaude Giannotti

ENCONTROS E DESENCONTROS - PESQUISA SOBRE O DIÁLOGO ENTRE A PINTURA OCIDENTAL E A PINTURA JAPONESA

Desenvolvida a partir da experiência adquirida no Japão, esta disciplina fez parte do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, no segundo semestre de 2012, na ECA. Teve por objetivo ampliar o foco da pesquisa voltada para a pintura contemporânea, partindo de novos paradigmas, como a pintura japonesa em contraponto com a pintura brasileira contemporânea.

MARCO GARAUDE GIANNOTTI

*Professor Associado do Departamento de Artes Plásticas (CAP),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.*





VI. O avesso do mundo

José Luiz Proença

Nós não controlamos as viagens,
mas, pelo contrário,
são as viagens que nos dominam

Steinbeck, Viajando com Charley

São palavras que, de modo canhestro, aspiram a enveredar pelo avesso das coisas, admitindo-se que elas tenham um avesso, nem sempre perceptível mas às vezes curioso ou surpreendente.

Drummond, O Avesso das Coisas

NA AUSÊNCIA DO *HAIKAI*, AFORISMO

Está aí o modo de o poeta definir aforismo. Quem sabe a única forma de ver este Japão da era dos *mangá* não está ainda no *haikai*, a poesia intraduzível que cobra, além do poeta, a arte desenhada do *kanji*? E, na impossibilidade do ser, segue o avesso do aforismo, uma fuga planejada e canhestra das asas da poesia para os pés empoeirados da prosa.

POLIDEZ

“Vocês não entenderam?”

“Sim”, unânime.

Os alunos não tinham entendido. O “não” ofende?
(O “sim” é o nosso “não” nas perguntas com verbo no negativo).

Há uma diferença no gesto do “não”. Cruzam os dois braços em frente do peito, como um “x”, em vez de, como nós, movimentar lateralmente as mãos com o dedo indicador levantado.

SER, ESTAR

“Hoje é frio no Japão”. Um só verbo e dois sentidos.

LIÇÕES DE ESCRITA

Conselho para o trem-bala a Tokyo. *Nozomi* é o mais rápido. Na volta o colega japonês apresenta a filha.

“Esta é Nozomi”.

“Esperança, um bonito nome, o mesmo do *shinkansen*”.

“Não, o *kanji* é diferente”.

Há muitos nomes iguais, mas o *kanji* é diferente.

RADICAIS

O processo de compor *kanji* está no radical. Um coração embaixo de um teto – paixão. Um coração no meio do *kanji* duradouro: amor.

GRAMÁTICA

O estudo da gramática no aprendizado do japonês é muito intenso. Também nas línguas estrangeiras a dedicação é idêntica. Estudantes há, que conhecem o subjuntivo como ninguém e têm enorme dificuldade para as falas mais corriqueiras. Quem sabe mais cultura e menos gramática?

ANDORINHAS

O japonês é uma das cinco línguas mais difíceis do mundo. Desde os primeiros anos de estudo, as escolas são muito exigentes e as famílias participam muito da vida escolar.

Os filhos de brasileiros tiveram muitas dificuldades nas escolas japonesas. Os pais, por problemas com a língua e por trabalharem muito, não podiam acompanhar os filhos em casa. Houve muito abandono escolar. Virou um problema social no país. Um feliz documentário, *Andorinhas Solitárias*, aborda a questão com muita propriedade.

“Quero ensinar japonês para crianças brasileiras” (universitária).

“Estudo português para ajudar os imigrantes brasileiros aqui no Japão” (universitária).

“Quero fala português para ajudar brasileiros nos terremotos” (universitário).

FAMÍLIA

Hoje, já há muitos filhos de brasileiros nas universidades e filhos de japoneses que viveram no Brasil.

“Minha avó viajou ao Brasil e me contou várias coisas”.

“Meu pai trabalhou no Brasil”.

ESCOLA

O interesse mais recente pelo Brasil e as antigas ligações com Portugal também influenciam nas opções do vestibular.

“Com dezesseis anos li um livro sobre o Brasil e vi que tinha muitas raças e culturas”.

“Com doze anos fiz um trabalho sobre Portugal e quis conhecer a língua”.

“Porque eu gosto de um guitarrista português”.

“Minha terra, Kagoshima, tem muitas histórias com Portugal”.

PILOTOS

Surpresa. E não é que os japoneses são bons motoristas! Dirigir naquelas ruelas estreitas, só com muita paciência e respeito. Talvez o volante à direita?

CALÇADA VIRTUAL

Nas ruas estreitas, um piso único. Carros, pedestres e ciclistas dividem o mesmo espaço delimitado pelo desenho das faixas. Cuidado! Tem poste no meio do caminho.

O CONTRÁRIO DAS CHAVES

Tudo que abre, fecha. Tudo que fecha, abre.

COM O EU NO NARIZ

Nosso “eu” enfático, aquele de apontar e estufar o peito quase existe por lá. É mais suave e o dedo vai para o nariz. Do coração para a cabeça?

HANAMI

Há muito, na China, as pessoas contemplavam flores. No século VI, o Japão abraçou o costume com fervor. Hoje, principalmente na primavera, lentes poderosas de câmeras supermodernas, apoiadas em tripés, pegam qualquer leve movimento das flores do *sakura*. Os fotógrafos ficam horas esperando pela melhor cena.

SHASHIN

Japonês fotografa tudo. Piada de colega japonês conhecedor do espírito brasileiro.

“Quantos portugueses precisam pra trocar uma lâmpada?”

“Três, um segura a lâmpada e outros dois rodam a escada”.

“Quantos japoneses precisam para trocar uma lâmpada?”

“Dois, um segura a lâmpada e outro fotografa”.

MANGÁ

Não é só de quadrinhos que vivem as livrarias sempre cheias. Gente sem dinheiro aproveita, o tudo disponível ao consumidor, para ler de graça.

SESTA

Japoneses são consumidores vorazes e metuculosos. Provam tudo. Mas, na folga do almoço, aproveitam para tirar uma soneca nas inúmeras cadeiras de massagem expostas para prova nos grandes magazines.

PRATELEIRA

Nunca entre num grande magazine sem saber o que comprar. Os produtos são tantos, as marcas são tantas, que o jeito é voltar outra vez. A vantagem é que você pode tocar tudo, experimentar tudo.

MADE IN JAPAN

Várias indústrias nos últimos tempos transferem-se para países com mão de obra barata. Mas o mesmo produto, *made in Japan*, custa mais caro. E os japoneses preferem.

IMPÉRIO

Não há dúvida que os japoneses são patriotas. Identificam-se com o imperador. Mas muitos não cantam com entusiasmo o hino do país. E há um movimento contra a realeza que começa a se ampliar.

Por outro lado, nas cerimônias acadêmicas os hinos das universidades são cantados com toda a força dos pulmões.

TRILHA DO SOL

Um país de muitas festas. Mudança de estações, datas religiosas (templos situados em parques esplendorosos e com enormes construções). Tudo é motivo de comemoração. Um país de eventos!?

GION MATSURI

Este é o maior festival de Kyoto. Quase o Carnaval. Os bairros preparam carros alegóricos enormes que carregam grupos musicais. Pesam cerca de dez toneladas. Durante a construção podem ser visitados. Puxados por festeiros, as rodas são fixas e as manobras

são feitas em cima de varas de bambu molhadas. Uma multidão aplaude admirada. Não há canto, só música instrumental. Não é o nosso Carnaval.

“Os japoneses também dançam?” (músico).

“Não, os japoneses não dançam. Os negros costumam perguntar por que os japoneses não conseguem dançar” (Sobo, *Uma Saga da Imigração Japonesa*).

“Eu gosto do espírito dos brasileiros” (universitário).

“Quando ouvi bossa nova, me emocionei” (universitária).

OBON

Festa dos mortos. Um dos grandes feriados do Japão. Nos primeiros dias de setembro milhões saem das grandes cidades e retornam à cidade natal. Os espíritos retornam aos lares. Três dias depois voltam ao mundo dos mortos. O fogo é o principal símbolo do *Obon*.

TRABALHO

As férias dos trabalhadores começam com dez dias e crescem paulatinamente até vinte dias, mas só depois de seis anos na empresa. Assim, como o *Obon*, há mais dois longos feriados, o primeiro de ano e a *Golden Week*, no final de abril e início de maio.

DEKASSEGUI

Os imigrantes compraram, primeiramente, roupas de trabalho. “Ele acreditava que, mesmo sendo pobre, poderia ser um pobre feliz” (Sobo, *Uma Saga da Imigração Japonesa*).

“Com horas-extras, tiro até 350.000 yens (3.500 dólares) por mês. Onde ganharia isso no Brasil?” (engenheiro trabalhando como repositor de peças em linha de montagem).

“Quero trabalhar no Brasil, Angola ou Timor Leste para ganhar bastante dinheiro” (universitário).

“Trabalhei com brasileiros e eles me ensinaram muitas coisas” (economista).

“A maioria das atividades é executada com vestimentas próprias. Nas lojas tipo ‘faça você mesmo’, roupas para jardinagem, pequenos consertos. Até as donas de casa têm um avental próprio! Pelo jeito todas usam a mesma roupa”.

“Nos esportes, os mesmos procedimentos. Todos os praticantes com roupa completa, nada de calção ‘meia-boca’ com camiseta qualquer. Só mesmo o paramento apropriado para beisebol, futebol, basquete, vôlei”.

“Entrar nos ônibus nos fins de semana, quando as escolas promovem disputas esportivas, um inferno. Por falta de espaço, todos trazem de casa os equipamentos. As sacolas ficam enormes. Cada passageiro carrega também sua mochila. Ocupam o espaço de duas pessoas”.

INDIVIDUALIDADE 1

No meio da trilha, um cesto no chão.

“Não é de sua mulher?” (pergunto ao índio).

“É...”

“E você não vai pegar?”

“Não sei se ela quis deixar aí” (Orlando Villas-Bôas, programa *Roda Viva*, da TV Cultura em 19/4/1993).

INDIVIDUALIDADE 2

Na sala de aula.

“O que você sabe do Brasil?”

(Silêncio).

“Professor, ela não fala” (universitária do lado).

“Ela é muda?”

“Não, tem vergonha!”

INDIVIDUALIDADE 3

As mulheres confeccionavam vasilhas na beira do rio. Uma tirava o barro. Outra moldava e outra finalizava. No final, um menino índio, com uma pequena vara na mão, destruiu tudo.

“Por que não tira a vara do menino?” (pergunto ao índio).

“Mas ele quer fazer assim (mãe índia)”. (Orlando Villas-Bôas, programa *Roda Viva*, da TV Cultura em 19/4/1993).

INDIVIDUALIDADE 4

No meio do shopping, os filhos correm soltos nos corredores (mães vigiam ao longe).

Na seção de brinquedos, os filhos detonam (mães esperam pacientes).

Na loja de 100 yens, os filhos derrubam prateleiras (mães compram concentradas no corredor ao lado).

TRABALHAR OU PROCRIAR

No Japão, dos 25 aos 29 anos, 74,7% das mulheres trabalham. Dos 30 aos 35, 11,5% deixam o emprego e dos 35 a 39 anos, 9,2%.

RURAL E URBANO

A partir de 1888, o centro de gravidade da sociedade brasileira sai do rural e vai para o urbano. (Sérgio Buarque de Hollanda, *Raízes do Brasil*).

No meio dos edifícios japoneses, pequenos nacos de terra em terrenos espremidos. Em fins de semana, famílias inteiras cultivam legumes e flores. Rural e urbano se confundem?

HARAKIRI/SEPUKU

Trinta mil pessoas suicidam-se por ano no Japão. No Brasil, cinco mil. Havia um código de honra entre os samurais.

DIÁLOGO POSSÍVEL

Na sala de aula.

“O professor não sabe japonês, por isso posso progredir o meu português. Eu quero falar mais com você. Mas agora estou feliz porque você me fala!” (universitária).

BOSSA

Há no Japão um som ambiental constante. Consultórios, bares, restaurantes, supermercados, quase só tocam bossa nova. Nara Leão e João Gilberto dominam o cenário.

“É agradável para mim ouvir o português. Trabalho numa churrascaria onde aparecem muitos brasileiros, gosto de conversar alegremente com eles e ouvir a música brasileira.”

OBEDIÊNCIA

“Quando era estudante no ensino médio minha professora recomendou estudar português” (universitário).

“Meu pai disse: faça português” (universitária).

SANTOS E BEATOS

Nagasaki não é só o lugar onde explodiu a segunda bomba atômica. É também o lugar das chegadas dos portugueses em 1543. Levaram as armas de fogo que acabaram unificando o país, e o catolicismo. No Japão há 450 mil católicos e 434 santos e beatos. Uma feroz e formal perseguição aos cristãos durou mais de duzentos anos. No Brasil, há 123 milhões de católicos e 12 santos e beatos.

“Lavradores pobres de trigo e batata, viveram como gado, trabalharam como bestas de carga e morreram como tais. O motivo pelo qual nossa religião (catolicismo) entrou como água em terra seca é que ela dá a essas pessoas um calor humano que nunca encontraram antes. Pela primeira vez conheceram homens que as trataram como seres humanos. Os sacerdotes budistas simplesmente as trataram como gado” (Shusaku Endo, *O Silêncio*).

“O Japão é o país do Oriente mais próximo do cristianismo” (São Francisco Xavier, *O Xavier para os Japoneses*).

“Quero estudar português por causa da importância dos portugueses em minha terra” (universitária).

AVENTURA

Para muitos estudantes japoneses, nosso país ainda é uma grande Amazônia. Talvez influência dos belos e longos documentários de TV exibidos nas madrugadas.

José Luiz Proença

“Brasil tem recursos abundantes. O país tem muitas possibilidades. Queria ir à zona tropical, ao rio Amazonas e encontrar indígenas. Ainda vou pescar pirarucu, tambaqui, pacu, piranha, tucunaré, no Amazonas” (dono de restaurante em Kyoto).

“Apesar das ameaças que havia no Brasil, os vilarejos rurais de qualquer parte do mundo, comparados ao Japão, eram como um agradável clima de primavera. (Sobo, *Uma Saga da Imigração Japonesa*).

LATINO-AMÉRICA

No festival internacional de Kobe, realizado anualmente, o desfile de uma escola de samba japonesa. A porta-estandarte gostaria muito de vir ao Brasil e só conhecia Carnaval pela TV. Uma camiseta amarela uniformizava os passistas. No peito, os dizeres “Brasil paraíso tropical” atravessava um mapa verde da América Latina.

NOVOS TEMPOS

Narrativa da vinda de imigrantes japoneses partindo de Kobe para o Brasil em 1930.

“O alojamento é como um local onde juntam montes de folha secas, sopradas pelo vento. E estas folhas, quando chegarem ao Brasil, brotarão de novo a partir das folhas secas” (Shusaku Endo, *O Silêncio*)

JOSÉ LUIZ PROENÇA

***Professor Doutor do Departamento de Jornalismo e Editoração (CJE),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.***





VII. Eu, um pedaço do mundo: recortes de uma experiência no Japão

Felisberto Sabino da Costa

COMISSÃO DE FRENTE

Quando criança, em Minas Gerais, *Nihon* se apresentava como o (um) outro lado do mundo. Dizia-se que se cavássemos um buraco profundo iríamos sair no Japão. Acolhi em mim essa possibilidade mágica, e agora aqui estou, vendo o Brasil como o (um) outro lado, tecendo experiências, recortes como um desfile de uma escola de samba, compondo o meu próprio Carnaval. Essa é a maravilha de uma esfera azul, não há lado, apenas perspectivas a partir de onde se encontra. A comissão de frente, tal como um mestre de cerimônias, com o seu dançar elegante, introduz o desfile na avenida, e é por meio dela que principio este relato.

O Japão, como a Indonésia e as Filipinas, é um país arquipélago, constelação insular que não pode ser vista sob uma perspectiva uniforme. Dos povos *Ainu* (ou *Ezo*) no norte do país aos habitantes do antigo reino de Ryukyu, no sul; de Sapporo a Naha, da neve de Hokkaido às temperaturas cálidas do trópico de câncer, em Okinawa, descortinam-se paisagens culturais polifônicas. A melodia vocal de Kansai não é a mesma de Edo, nelas cada corpo exerce o seu encanto e as suas singularidades.

Ao se apropriarem do que lhes é externo, os japoneses fazem disso parte da sua cultura, uma espécie de atributo mestiço que opera de forma suave e delicada. Algo proveniente de muito tempo atrás, como os kanji, ideogramas oriundos da China, os quais, junto ao *hiragana*, *katakana* e *romaji*, compõem escritas imagéticas que se fundam na mescla, ou seja, na assimilação do outro. Nas artes da escrita, o *shodo* implica o corpo e lida com o risco em mais de um sentido, dado que é preciso “pintar o quadro” numa única vez. Escritura cinética que é a expressão de um instante, o *shodo* não se pauta por retoques ou retornos. Esse foi o caminho que busquei: permitir ao corpo ser atravessado pelo transiente, e fazer de cada aula um encontro, tal como um *shoka* que desenha numa folha em branco.

À primeira vista, pode parecer estranho, mas Kyoto pode ser comparado ao Rio de Janeiro em muitos aspectos. Antiga e bela capital do país, Kyoto abriga a nostalgia de um tempo imperial e, ao mesmo tempo, se lança para o futuro. É uma cidade ousada, que se reinventou com a mudança da capital para Tokyo. Há turistas estrangeiros por (e de) toda parte, diversidade de falas do mundo que acorrem aos seus sítios turísticos. As pessoas de Kyoto são sociáveis e acolhedoras. 京都 (Kyoto escrito em forma ideogramática) fascina pelas diferentes maneiras de dizer. É cercada por montanhas, compondo uma natureza que a abraça e faz parte da sua efervescência diurna. A água flui em toda a cidade. Em Kyoto (*Koto*), constato o que Kawabata dissera sobre as mulheres: elas andam com sombrinhas no verão.

A velha capital milenar é também conhecida por adotar algumas inovações ocidentais, antecipando-se às demais metrópoles como Tokyo e Osaka. Mais uma característica das pessoas de Kyoto, talvez (KAWABATA, 2006).

Tradição e contemporaneidade mantêm Kyoto num equilíbrio tensionado. Foi nessa cidade que Yoko Ono se doou a cada espectador, pela primeira vez, para que a sua melhor roupa fosse cortada, feita pedaços na emblemática performance *Cut Piece*, em julho de 1964. É também em tal cidade que ofereço o melhor de mim para ser recortado

e levado como experiência. Durante um ano, atuando como professor no Departamento de Estudos Luso-Brasileiros da KUFS, vivi Kyoto. No que se segue, recorto um tempo que não pretende ser cartilha, mas trilhas que reflitam esse agora e talvez não mais caibam num outro tempo. Cada vez mais, experimentamos a velocidade no falar, as palavras têm sido encurtadas, aceleradas intensamente. Assim, falo de uma voz atual, nessa linha tênue que liga as palavras às coisas.

CARRO ABRE-ALAS

Se o abre-alas é o local em que tudo começa numa escola de samba, onde ela exhibe seu símbolo em destaque e pede passagem, *o-hanami*, apreciação das cerejeiras em flor, é a estação primeira em Kyoto. São com as flores da primavera, *sakura*, que as aulas começam. Nessa época de alegria compartilhada, as pessoas acorrem aos templos, santuários e parques para festejar o efêmero. As cerejeiras de ramos pendentes parecem sombrinhas que se desfazem ao vento, paisagem de uma semana, talvez.

Se iniciar as aulas junto à temporada da *sakura* traz esperança, espírito renovado, ao mesmo tempo propõe uma questão: como conciliar o calendário escolar japonês nesses tempos de crescente globalização?

É perceptível, nos alunos, o entusiasmo do começo, uma espécie de floração contaminada pela estação. As pessoas se deliciam com a chegada da primavera. Admirar paisagens nas flores é algo que se liga à impermanência, ao espírito japonês que festeja o aspecto movente da existência. “As flores têm vida. Uma vida curta, mas não há dúvida de que vivem, no ano seguinte, formarão botões e desabrocharão, é a natureza...” (KAWABATA, 2006). Simbolicamente, este é o primeiro impacto, um início imerso em algo que celebra o transitório, a vida e a morte como dois lados de uma moeda atirada num *saisenbako*. A tempestade da cerejeira, formada pelo rodopiar das pétalas que caem como flocos de neve, nos revela: vida é acontecimento, a existência é tênue.

Tal como os japoneses, fui acometido por sensações que me afluíram ante às nuances dessas flores que sonham. Um exercício do olhar contaminado por uma alegria melancólica: “o ser humano, filho de Deus, é uma criança abandonada” (KAWABATA, 2006). Em meus ouvidos, pairavam sons de uma cuíca, mas uma certeza havia: a felicidade de estar ali, naquele momento, naquele começo, naquela cidade.

ALAS

É possível conviver com professores de vários países, não apenas nas universidades de estudos estrangeiros, instituições que parecem ter sido uma criação japonesa. Em minha experiência, destaco o trânsito com os portugueses e os japoneses que falam à maneira brasileira e à lusitana. É salutar essa mistura sonora, esses jeitos de falar uma língua e partilhar vivências. Futuramente, pudesse haver, na KUFS e em outras instituições nipônicas, a presença de mais falares, como o de Angola e o de Moçambique, contribuiria para a extensão e a riqueza de uma espécie de pátria nominada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), dado que compartilhamos a língua e também outros campos de realidades. Porém, isso não significa se esquecer do galego, crioulo, emakhuwa, umbundo, tétum, tupi-guarani e tantas outras vozes que coabitam esses territórios.

Nesse sentido, Mia Couto nos diz que Moçambique e Brasil

sofrem das mesmas doenças e têm os mesmos remédios em graus diferentes. Temos a nosso favor sociedades que estão plenas de vitalidade e diversidade; gente que não tem medo de se tocar e não tem vergonha do seu corpo (KUNIIICHI, 2013).

Palavras como vitalidade, diversidade e corpo são chaves para adentrar os estudos de uma língua, revelando sua complexidade a partir das culturas de cada país, que são as nossas maiores riquezas, o alimento que nos faz verbo.

As turmas, como em qualquer outro lugar, tal qual alas numa escola de samba, apresentam uma roupagem que as distingue e, ao mesmo tempo, interligam-nas ao todo. Assim, há que apreciar o conjunto e os componentes de cada ala individualmente, perceber as suas faces secretas, forjar chaves para acessá-las.

MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Na ambiência universitária, a relação professor e aluno é um enfrentamento, no sentido de colocar-se frente ao outro e o que esse arranjo possa implicar. Assim, podemos traduzir esse enfrentamento como um jogo de corpos que requer que ambos se comprometam, pois não se trata de pergunta e resposta, ação e reação, ensinar e aprender de forma unívoca, mas de ações compartilhadas.

Há um ditado que diz “dançar conforme a música” e, nesse contexto, mestre-sala e porta-bandeira, quando dançam, não executam os passos isoladamente, o jogo se dá numa solidão-conjunta, numa codependência dos corpos, nas estratégias e negociações dançantes postas pelos dois. Agir em sintonia não necessariamente indica partilhar o mesmo tônus corporal ou ser simétrico, mas provê a sinergia que liga um ao outro. Acostumado a sambar ou gingar com os alunos brasileiros, tive que repensar o ditado, buscar outra configuração para essa expressão que, geralmente, refere-se a algo adverso. Nesse caso, não se trata de adversidade, mas do diverso. Tive que empreender um exercício para (des)aprender, compor um outro passo, buscar outro ritmo. Não me refiro tanto por estar num outro país, numa situação ou cultura diferentes, mas, principalmente, tive que me dar conta dos nossos automatismos e trabalhar a ruptura. Elaborar outra dança e convidar os alunos a dançar. Eu não estava no meu cenário habitual, vestia outra máscara, a de professor de cultura brasileira que imbricava também o português. Desse modo, as aulas tinham como substratos o falar, o ouvir e o entender/interpretar, tendo como território de exploração as artes cênicas, o meu campo de trabalho na ECA/USP. No teatro, o jogo ocorre na relação, portanto, torna-se fundamental a seguinte premissa: “eu como um pedaço do mundo, não apenas estou no

mundo, mas com o mundo” (FREIRE, 1999, p. 47). Assim, tal como dissera sobre Kyoto, tive que me reinventar nessa relação. Em determinadas situações, como um mestre ignorante.

BATERIA

Às vezes, costuma-se dizer que os alunos japoneses são tímidos quando comparados aos brasileiros. Pessoalmente, eu não diria tímidos, mas que eles detêm outra forma de ser e de se relacionar com o mundo. Poderíamos dizer que “tecido para *kimono* se compra com os olhos, quem quer comprar com a boca não tem olhos” (KAWABATA, 2006). Nesse sentido, é pelos olhos que o jogo acontece, olhos que sorriem e que conversam no silêncio, de onde o mundo entra e sai. Eles não se furtam a participar do processo, a operar quando chamados, a falar quando preciso.

A bateria é o coração de uma escola, é onde tudo pulsa, vibra e reverbera nos corpos. De onde provém a cadência, harmonia dos sons e dos instrumentos. É uma mescla de instrumentos e de sonoridades leves (tamborim, agogô, pandeiro, cuíca) e pesadas (caixas e surdos). Em meu desempenho, as classes eram compostas, em média, por 26 alunos. Na sua aparente homogeneidade, descobrem-se as sutilezas, 26 ritmos diferentes, tal como a música “Ron-kon-tiki-tir” do Festival de Gion. O professor é o mestre da bateria que estimula esses corpos a vibrarem, a soar música conjunta. Os interesses são diversos, há alunos que ali chegam movidos por vários fatores. No período em que ministrei aulas na KUFS, grosso modo, o universo era assim constituído: os filhos da imigração do retorno; logo, o português é uma ponte que os liga aos pais, *nikkeis* que empreenderam o caminho inverso. Alguns desses alunos nasceram no Brasil e foram para o Japão quando ainda eram crianças, outros já nasceram em tal país. Há os que são movidos pelo contato (amizades) com as colônias de nipo-brasileiros, outros pelas perspectivas de trabalho nas empresas japonesas instaladas no Brasil, outros porque acharam a opção mais fácil para entrar numa faculdade, outros porque precisam de um diploma com algo que os distinga no concorrido mercado

japonês. Há ainda aqueles que chegam por meio do afeto, sem ter nenhuma relação com o Brasil ou Portugal, foram cativados, de algum modo, pelo jeito de ser (os povos) desses países.

As cidades de Osaka, Kyoto e Kobe são três grandes centros de uma conturbação com cerca de 18 milhões de habitantes. Há um movimento intenso nas manhãs e no entardecer, nas inúmeras entre-cidades dotadas de uma extensa malha ferroviária. Muitos alunos, para chegarem às faculdades em Kyoto, vêm de longe, como, por exemplo, de Shiga-ken, onde há um contingente expressivo de brasileiros. Há que se considerar ainda que, além dos estudos, uma parcela significativa exerce trabalho temporário, nominado *arubaito* (o bico), envolvendo atividades de vários setores. Essa mistura de corpos, tal como numa bateria, deveria ser tocada.

ENREDO E SAMBA-ENREDO

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer? O que pode esta língua? (VELOSO, 2014)

As formas de tocar ou compor um samba-enredo são muitas, não há receitas para isso, mas indicações, aquecimentos prévios. Recorrendo a um “palavrar” frequente nas artes cênicas e nas artes do samba, realizei ensaios para a minha vinda a Kyoto. Uma preparação do corpo, mais intuitiva que deliberada, que se traduziu em buscar, em São Paulo, aquilo que me dissesse mais de perto o que é a minha língua, a cultura da cidade onde vivo, que fosse distante dos cartões postais. Busquei, por meio de registros visuais, textuais e sonoros, acolher a São Paulo que me movia (e move), naquilo que podemos considerar tradição e modernidade nesta metrópole. Tradição que se distancia de uma linha contínua no tempo e antes se configura por um acontecer que é experienciado em camadas. Encontrei uma imagem possível que abarca essa preparação ao visitar um jardim de um templo japonês. Nele, não havia centro, o espaço (e o tempo) se articulava(m) em camadas, era possível escolher qualquer parte para apreciá-lo. São

jardins internos que florescem envoltos pelo corpo-templo. Assim, preparar-me foi constituir um jardim potencial para que florescesse na relação com os alunos, na qual a improvisação foi fundamento do processo pedagógico.

Ministrar aulas de Cultura Brasileira, tendo como base estudos de uma língua e as artes cênicas, é uma tarefa complexa. Ao refletir sobre a cultura, Bosi nos diz que o “reconhecimento do plural é essencial, tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes” (BOSI, 2001). Nesse sentido, quando se fala de cultura brasileira ou português brasileiro há que se considerar a pluralidade. No meu caso, brasileiro-mineiro-paulistano. Foi por esse tecido que me orientei e desviei juntamente: “minha pátria é minha língua!” (VELOSO, 2014). É interessante observar que há uma ponte estabelecida por dísticos inscritos tanto na KUFS quanto na ECA. Enquanto na sala da congregação desta última encontra-se “a minha pátria é a língua portuguesa”, de Fernando Pessoa, na entrada principal da primeira tem-se *pax mundi per línguas*.

Durante dois semestres letivos, muitas foram as experiências elaboradas, dado que cada aula, como dito antes, configurava-se como um encontro, no sentido de descoberta, de navegarmos para o mesmo porto, de enfrentamento e confluência. O programa foi elaborado tendo-se como referência a assimilação da diferença, mestiçagem que incorpora peculiaridades dos dois lados, sendo os dois, não os fundindo, compondo tessituras não hierarquizadas (PINHEIRO, 1995). Valendo-me de uma metáfora gastronômica, diria se tratar de um *chanpuru* pedagógico, mistura de ingredientes que articula sabores sem fundi-los.

Os alunos foram convidados ao exercício da escrita, da escuta e da fala tendo como suporte as experiências individual e conjunta. A escritura, aqui entendida num sentido amplo, abarca experiências com a palavra, o corpo, a imagem, a sonoridade ou o silêncio. São formas de escrever e inscrever o mundo de cada qual, realidade que se manifesta pela concretização de possibilidades. Palavras que, tal como expressa Pessoa, são

sensualidades incorporadas, corpos tocáveis, escuta de outros (PESSOA, 1989, p. 357). A ideia de experiência é fundamental nesse sentido, pois não se trabalha uma cultura abstrata, livresca, mas uma que se vivencia no dia a dia, que aporta simultaneamente a tradição e a contemporaneidade. Kuniichi, ao se referir à tradução de autores como Deleuze e Guattari para o japonês, diz que “traduzir a voz, a carne e os ossos de um pensamento é o que desejamos e tentamos, experimentando o impossível” (KUNIICHI, 2013). Calcada na experiência, a palavra tradução agrega outros sentidos e se endereça ao corpo, porém sintonizada com aportes similares.

Fundado no conceito de dramaturgia, inspirei-me, por exemplo, em experiências que trouxessem breves histórias de vidas, fatura de exercícios remotamente inspirados em LEJEUNE (2008) ou práticas em diálogo com ZUMTHOR (2007). Essas experiências de mundo, por meio da leitura e da escuta, são performances, exercícios de natureza comunicativa que engendram o corpo, produzindo distintos gêneros de discurso. Busquei estimular a capacidade do uso da linguagem poética e cotidiana, valendo-me de estratégias, como depoimentos, criação de peça radiofônica ou realização de exercícios envolvendo danças brasileiras e jogo com objetos. Enfim, procedimentos inspirados em processos artísticos que traziam em si a questão: o que pode essa língua? (Pen)última flor do Lácio (in)culta e bela?

PUXADOR DO SAMBA

No sambódromo, diz-se que o intérprete canta em média 65 vezes durante o desfile e adentra a avenida com seu grito de guerra: “Olha a Beija-flor aí, gente!” (ARAÚJO, 2003). Eu, como professor-puxador-do-samba, ao lançar o meu grito de guerra – *Minasan, hajimemasho!* – durante 90 encontros, em cada semestre, não me pautei pelo acúmulo do conhecimento. Mas como articulá-lo, como deixar pistas no corpo ou pedaços de memória que pudessem ser acessados? Com o decorrer do tempo, foi-se instaurando uma cumplicidade, espécie de *isshin-denshin*, em que dizíamos através do silêncio.

ALEGORIAS E ADEREÇOS

Em julho, o calor do Gion Matsuri me soa como um Carnaval, pelo entusiasmo das pessoas, pelo espírito contagiante, pela celebração. No desfile dos carros alegóricos (*yamaboko*), fui apresentado às cores do verão de Kyoto e, mais uma vez, à memória do Rio de Janeiro sem o vento marinho. No *naginataboko*, carro onde vai o *Chigo*, um menino-deus paramentado com maquiagem branca, sobrancelhas desenhadas, batom nos lábios, vestindo trajes de épocas imperiais, porta em si um mundo de imagens que nos envia às artes da cena no Japão. Alegorias que evocavam um estar em casa aqui e lá, proximidade e distância simultaneamente.

“A metáfora sempre foi a melhor maneira de explicar as coisas”, diz SARAMAGO (1997). Numa ambiência que envolve as artes cênicas, ela pode explicar como haver desdobramentos imprevisíveis. O fato é que a imagem, de toda espécie, é um instrumento poderoso para explicar não somente as artes no Japão. Num simples flunar pelas ruas de Kyoto, percebe-se o fascínio que a imagem convoca, traduzida numa estética minimalista e delicada. Porém, há outros lados neste lado do mundo. Em determinadas ruas de Tokyo e Osaka, a atmosfera criada pelas figuras nos imerge numa espécie de realidade virtual frenética, como um imenso *pachinko & slot* a céu aberto. A profusão de neons, luzes, telas, sons, vozes gravadas e ao vivo (*irasshaimase*) ecoa de toda parte e revela um Japão tecnológico, porém distante do estereótipo que se costuma atribuir ao oriental, seja na vida diária ou em momentos solenes.

Algumas vezes, eu descobria as cidades por meio de derivas, buscando o contingente, deparando-me com o não premeditado. Há algo *fashion* que perpassa a paisagem cotidiana das cidades: nas calças dos trabalhadores da construção, no corte dos ternos de toda espécie, na elegância das medidas, nos corpos longilíneos das novas gerações, enfim, há um toque cênico no lidar com as coisas. Entretanto, *kyotoites* ou *tokyoites* também enfrentam a rotina diária trabalho-casa distante do *glamour* propagado em telas, disputando territórios em metrô e trens lotados. Em meio à efervescência coti-

diana, em que a palavra *sumimasen* é uma espécie de salvo-conduto, encontram-se espaços instauradores da calma, como os templos e santuários.

No xintoísmo, a vida humana não é dissociada da natureza, há uma existência compartilhada da qual ela participa, uma tessitura em que tudo se conecta e se relaciona: deuses, homens, animais, rochas e plantas. Já no zen-budismo, impermanência e relatividade constituem um mundo complexo e transitório, que não se assenta na dualidade. Também nesse caso, a mistura se faz presente. A tendência sincrética experimentada pelas duas religiões as dota de um caráter peculiar no país. Rituais xintoístas são preferidos quando se trata de casamentos ou nascimentos, já em relação a eventos fúnebres, são eleitos os ritos budistas.

Na virada do ano costuma-se visitar ambos, como uma ponte entre o ano que termina e o que começa. Esses modos de perceber o mundo conferem um caráter singular às estruturas das artes cênicas e, por atuar nessa área, eu, como parte disso, me sentia como se fora um amigo próximo do *rakugo*, por exemplo. O artista se apresenta num palco nu, geralmente, tendo como objetos de jogo uma toalha (*tenugui*) e um leque. Este, conforme a situação que advém, é punhal, lança, prato ou *hashi*. Tal como acontece no *nogaku*, o leque é um objeto portador de outras realidades, criando um mundo imaginário em que há vários objetos num só objeto, como diria BRECHT (1991), ou há muitos homens num só, nos dizeres de MÜLLER (2003). Há também a possibilidade de o leque ser um objeto que engendra mundos transitórios, universos possíveis tornados visíveis pelo movimento. Em objetos de uso no cotidiano, podemos também experimentar transformações que nos mudam, como acontece com o *furoshiki*, com suas maneiras de embalar as coisas. Metamorfoses que não acontecem somente nos objetos, mas nos corpos que testemunham o ato, como parte daquilo, e também naquele que o executa. Em classe, exercícios concebidos a partir dessas ideias foram momentos de prazer e invenção. Como, por exemplo, o aprender pela gustação, em que o *hashi* se metamorfoseava em vários objetos. Seguiu-se a este um jogo de saborear palavras, pinçando-as, simbolicamente, com o *hashi*, de um texto sobre o pequi, elaborado pelos índios Kuikuro.

EVOLUÇÃO

O *Momiji* celebra as cores do outono. Mais do que um decorrer do tempo, pensar a aula como experiência refere-se a lidar com a temporalidade, aos (des)acordos que são feitos com o tempo. Não há natureza inerente ou fixada nessa experiência. Novamente, estamos falando da impermanência e do improviso. No outono, as folhas são pinturas de matizes encarnados. Os bordos se despem quando finda a temporada.

CRONOMETRAGEM

As cores do inverno anunciam a minha última estação em Kyoto. Durante o Carnaval, é verão em São Paulo, o desfile transcorre em até uma hora e cinco minutos; no Rio, uma hora e vinte. Perfiz o meu trajeto em 365 dias. Encontro a primavera de Kyoto mais uma vez. No Hirano Jinja vai começar a temporada da *sakura*. É a natureza...

DISPERSÃO

Se antes de a escola entrar na avenida há a concentração, quando o desfile acaba, advém o caos maravilhoso da tarefa realizada.

Um ditado tcheco diz que a aquisição de uma nova língua corresponde à posse de uma nova alma. Não aprendi o japonês como desejava, porém, experimentei linguagens, o que me fez ganhar uma nova alma. As possibilidades de experienciar o *noh* e o *kyogen* foram os *kami* que proporcionaram essa aquisição. Como diz o dançarino Ushio Amagatsu, “as palavras arte e alma ressoam e vibram em torno da vogal a que todas as línguas do mundo têm em comum” (AMAGATSU, 2000). *Noh* e *kyogen* vibram em meu corpo.

À maneira de *Sei Shonagon*, coisas que tornam um dia agradável: andar de bicicleta pelas ruas de Kyoto, tomar *matcha* e comer um *wagashi*, visitar um jardim *zen*, ir a um *izakaya*, experimentar uma sequência *kaiseki* e tirar os sapatos ao entrar em casa.

EU, UM PEDAÇO DO MUNDO

Findo o desfile, os portões se fecham para a entrada de uma nova escola. Terminada essa experiência, afirmo: há um outro dentro de mim que age. *Otsukare sama desu!*

浜

Costa Sensei

FELISBERTO SABINO DA COSTA

**Professor Associado do Departamento de Artes Cênicas (CAC),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.**

Referências

- AMAGATSU, U. *Dialogue avec la gravité*. Paris: Actes Sud, 2000.
- ARAÚJO, H. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.
- BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BRECHT, B. *Teatro Completo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991. v. 5.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- KAWABATA, Y. *Kyoto*. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.
- KUNIICHI, U. "Traduire des Voix". Disponível em: <www.cairn.info/revuemultitudes-2007-2-p.153.htm>. Acesso em: 03 jul. 2013.
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Coleção Humanitas).
- MÜLLER, H. "O Horácio". In: KOUDELA, I. D. *Heiner Muller: o espanto no teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PESSOA, F. *Livro do Desassossego*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

Felisberto Sabino da Costa

PINHEIRO, A. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. São Paulo: Universidade Metodista de Piracicaba, 1995.

SARAMAGO, J. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VELOSO, C. *Língua*. Disponível em: <<http://letras.mus.br/caetano-veloso/44738/>>. Acesso em: 03 jan. 2014.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac & Naif, 2007.

Bibliografia

HEBMÜLLER, P. “Fronteiras que criam vizinhanças e não muros”. *Jornal da USP*, São Paulo, p. 8-9, 28 jan. a 03 fev. 2013.

PINHEIRO, A. *Aquém da identidade e da oposição: formas na cultura mestiça*. São Paulo: Universidade Metodista de Piracicaba, 1995.

VIOLA, P. da. “Foi um rio que passou em minha vida”. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/paulinho-da-viola/48054/>>. Acesso em: 27 abr. 2014.





VIII. Descobrindo o Japão...

Ivan Siqueira

ALLEGRETTO

Si la vie n'est qu'un passage,
sur ce passage au moins semons des fleurs

Montaigne

Era primavera...

Fazia frio e as ruas se deixavam cobrir pelas tênues tonalidades compassadas entre o branco e o vermelho das cerejeiras. Multidões organizadas ondulavam-se pela geometria desconhecida da cidade capital em busca do melhor foco para tentar imobilizar em lentes imaginárias a fragilidade e a fugacidade dos pontos de luz, que pairavam na copa do céu das pequenas grandes árvores. Enquadramentos graciosos e suaves almejavam delicadamente fragrâncias diminutas. O singelo onipresente e a beleza fugidia brincavam de arquitetar sinuosas máscaras de múltiplos sentidos pelos milenares caminhos que cadenciam os mil templos de Kyoto. Olhares fremidos nas têmporas dos samurais do século XXI – o vislumbrar da brevidade da vida e da morte galopante a cada flor que

Ivan Siqueira

se desprendia do *hanami* para sucumbir no chão gelado e uniformemente acolhedor. A noite caía em silêncio. Almas de outras eras cintilavam luzes presentemente invisíveis em signos cifrados num ordinário templo xintoísta em uma esquina atemporal que escuta os sons da cidade. Findando-se o dia, e depois do espetáculo das luzes espectrais das cerejeiras, as envergonhadas luzes artificiais iam chamejando com mesura as pegadas dos samurais armados de espadas digitais. Acocorada em uma elipse dourada, uma provável figura mais que centenária quando em vez lançava o seu olhar no espaço vazio cheio de gentes globalizadas e, depois de uma pausa de mil compassos, obtemperava: *Hai, arigatou gozaimasu!*

Depois de uma pequena longa viagem num tempo distante e desconhecido, mas visceralmente contundente, cheguei ao Japão no último dia de março do ano da graça de 2014.

TEMA E VARIAÇÃO

If you told to a man in a language he understands, that goes to his head.

If you talk to him in his language, that goes to his heart

Mandela

Um convênio de cooperação entre a KUFS e a USP estabeleceu a vinda de docentes da USP para lecionar Língua Portuguesa e Cultura Brasileira. O convênio não prescrevia a necessidade de fluência na língua japonesa. Mas eu considerei que algum aprendizado do japonês poderia facilitar a comunicação com os alunos e a vida cotidiana. Contudo, aterrissei no Japão sabendo não mais do que uma dezena de frases elementares. O pensamento que me perseguia era o de que seria bem mais difícil mediar a aprendizagem de uma língua e cultura estrangeira tão diferentes se eu não investisse minimamente na compreensão do modo pelo qual os alunos pensam, sentem e tecem as suas analogias. Seria também uma espécie de contrapartida ao esforço e interesses deles pela nossa cultura.

Passado esse breve e intenso semestre, percebo que o aprendizado da língua requer uma dedicação à cultura japonesa bem maior do que imaginava. O encontro com hábitos visceralmente estranhos reforçou ainda mais a noção de que língua e cultura conformam uma amálgama só artificialmente dissociável. No centro da cultura está a língua. A extensão dessa problemática não abarcaria igualmente às dificuldades dos japoneses aprendizes do português? Então, nos intervalos disponíveis comecei a escalar o Monte Fuji da língua japonesa...

Diferentemente das outras línguas com as quais estamos mais habituados, o *nihongo* não tem um alfabeto, mas três: *kanji*, *hiragana* e *katakana* (MAKINO, 2013). Eu diria que o primeiro é um sistema fechado, sendo rara a criação de novo *kanji*. Dos aproximadamente 40 ou 50 mil existentes, o Ministério da Educação no Japão prescreve como meta para o ensino básico o simbólico domínio de 1.945 ideogramas. Dentre outras coisas, o *hiragana* é usado para as representações fonéticas do *kanji*, semelhante ao nosso ba-be-bi-bo-bu de outrora em ordem diversa: ka-ki-ku-ke-ko. O *katakana* representa basicamente os mesmos sons do *hiragana*, mas com outros símbolos gráficos, os quais são utilizados com exclusividade nas transcrições de palavras estrangeiras. Mas, ao contrário do *kanji*, trata-se de um sistema aberto que incorpora novas palavras dentro do modelo fonológico do japonês: “interneto”, “pasopoto”, “repoto”, “paasento” (do inglês: *internet*, *passport*, *report*, *percent*). Em síntese, o *hiragana* é a porta de entrada à escrita do idioma para os falantes nativos; o *katakana* marca explicitamente o que não é originalmente vernacular; e o *kanji* é a viga central da língua (nomes, verbos e adjetivos), servindo também para sublinhar a progressão dos períodos, uma vez que não existe pontuação na língua japonesa.

Embora seja emprestado do chinês, há muitas leituras possíveis para um mesmo ideograma, não raramente diverso do sentido da língua chinesa, a exemplo do *kanji* (水) *sui* na pronúncia chinesa antiga e *mizu* na japonesa, ambos significando “água”, mas no Japão “água de beber”. Porém, a expressão água do mar usa *sui* para “água”, ou seja: *kaisui* (海水).

O modelo fonológico da língua japonesa emprega um conjunto de sons muito próximos, mas com diferenças substanciais na escrita – o que contribui para o esclarecimento do sentido peculiar dos conceitos. O resultado é a produção de melodias conexas que soam extremamente ambíguas: *shijo*, *nijo*, *sanjo*, *nishioji* – nomes de avenidas que conduzem à KUFS, ou como dizem por aqui, Kyoto Gaidai, onde as aulas do convênio acontecem e também muito do meu aprendizado da cultura nipônica.

A curiosidade pela arquitetura me levou a descobrir que existem aproximadamente 700 variedades de telhados em Kyoto, cujas denominações encontram amparo no termo *jigawara* e suas três variações *onigawara*, *nokigawara* e *keraba-gawara*. Naturalmente há outras distinções, mas completamente oblíquas para não iniciados...

VARIAÇÃO II

Na busca por elementos que me desnudassem algo de essencial do *modus vivendi* nipônico, cheguei às narrativas e às deidades fundadoras da mitologia japonesa: *Izanagi no Mikoto* (masculina) e *Izanami no Mikoto* (feminina), responsáveis pela criação da “deusa sol” e depois do “deus lua” (MARRA, 2002). Assim, como no alemão (*Die Sonne, der Mund*), em japonês, sol tem gênero feminino e lua masculino. Comecei a conjecturar mais de perto as dificuldades dos alunos com a língua portuguesa.

As normas, os valores e a experiência que produziram o padrão de normalidade no Japão são inteiramente estranhos às narrativas dominantes no mundo ocidental. O pecado original, o egoísmo e a ganância fundadores do ideário cristão não têm sentido numa sociedade que não exalta a competição fundada na crença do mérito. Sabe-se da influência do budismo na formação da cultura japonesa – “toda vida é sagrada” – e as heterogeneidades entre humanos e natureza é “diferença de qualidade”, não de “essência”. Essência essa que seria uma só, relativa ao modo harmônico estoico de um “universo interconectado”, não na acepção “digital” vigentemente impressa na era da *web*.

Um outro fio dessa complexa teia cultural advém do acúmulo de sentido das notórias experiências geradas durante a era dos xogunatos, os quais governaram o Japão entre 1185 e 1868 com a tônica dominante de moldar toda a nação segundo um único padrão do que seria ser japonês. Por isso a expressão *anmoku no ryokai* (não precisa nem falar), visto que todos sabem o seu lugar e o que esperar de cada um. Durante esse período, atravessar os limites territoriais entre Kansai (Kyoto) e Kanto (Tokyo) sem autorização implicava pena de morte. Curiosamente, a sociedade de castas, o rigoroso ordenamento moral baseado em Confúcio e a procura por um código de conduta tão perfeito, que pudesse ser esquecido, não impediram o *quartier des plaisirs*, nem na Kyoto do período Edo (1615-1868) e nem na vicejante (BOUISSOU, 2014). Mas o extraordinário é ver que da junção harmoniosa da volúpia e da nobreza nasceu um *pathos*, que encara a inexorabilidade da crueldade do mundo a partir do contraponto de uma existência em que a beleza da vida está justamente na fugacidade e na impermanência das coisas.

Em japonês, uma palavra que expressa essa ideia de uma estética dos samurais conjuntamente com os valores budistas é *iki* (DE MENTE, 2004). Eis provavelmente uma das fontes do refinamento ordinário (*wabi sabbî*), que o cotidiano expõe com delicadeza milimétrica, perfazendo um arco que vai dos arranjos florais ao alimentar-se com o *hashi* – à necessidade da comida se impõem o equilíbrio e a parcimônia que os “pauzinhos” exigem.

Logo se vê que essa aparente simplicidade não se confunde em nada com facilitação, daí os intrincados códigos e rituais da cerimônia do chá; os três alfabetos e os vários modos de grafar o *romaji* (alfabeto romano); a separação das expressões segundo a ocasião, sexualidade dos envolvidos, idade e relações sociais. Não por acaso, a escrita dos ideogramas chineses foi adotada inicialmente como marca de distinção entre os nobres japoneses na Idade Média. Paradoxalmente, a constatação de jamais ter sido mais bem-recebido, com a consciência de que a hospitalidade facilmente pode modular para a hostilidade e a discriminação. Esse intervalo menor se apresenta em tempo forte e sem disfarces nos locais que abertamente recusam serviços a forasteiros, mas não sem o obséquio do aviso em inglês.

RONDO

Para mim, o aprendizado da língua japonesa propõe um desafio análogo ao esforço de entender a organização das ruas. Mapas não bastam, é preciso se harmonizar com o local. Apenas as ruas principais têm nomes, mas inexistem números visíveis nos logradouros, ainda que os algarismos indo-arábicos sejam plenamente utilizados e aceitos. Nas localidades “mais” públicas (serviços, entretenimento e comércio) há nomes e placas, mas não números demarcando cada indivíduo. Obviamente, existe um sistema subjacente, mas não estou seguro de que mesmo os japoneses consigam resultado proficiente sem a ajuda do *GPS* (*Geographical Positioning System*). Para estrangeiros, o modelo se mostra inacessível, como se observa na persistente aflição diária dos turistas com mapas, celulares, aplicativos, *sumimasen*, *kudasai* e completamente perdidos! Pode-se andar pelas ruas do centro com o apoio dos sinais mais explícitos, fora dele a navegação é interdita, incerta.

Há uma simetria perturbadora de edificações no centro e nos bairros. Tudo parecendo muito semelhante, de modo que o alcance e a ajuda das placas são mesmo bem relativos se o local não é conhecido de antemão. E quando é, um desvio no olhar impõe severas dúvidas à certeza. Foi esse o sentimento em todas as cidades que conheci (Kyoto, Nagoya, Tokyo, Shinagawa, Hiroshima, Osaka, Kobe), incluindo estações de trem e de metrô. Em todas essas cidades, templos, torres, aquários, universidades e muitos museus de *mangá*. O morador tem praticamente tudo na sua província e adjacências. Ninguém pode reclamar da falta de um princípio unificador – os mestres do passado trabalharam bem nesse quesito.

Uma mesma nota é entoada nas escolas básicas, nos mesmos horários de entrada e saída, nos uniformes e nas malinhas *zen* nas costas das crianças, na porção diária de *kanji*, no espaço para o beisebol. E na inflexibilidade do turno completo e obrigatório estipulado pela letra fria e máxima do *kanji* “lei” (mas apenas para os cidadãos japoneses). *Nissei*, *sansei*, *yonsei*, *gossei* não têm esse direito/obrigação. E o resultado

devastador dessa interpretação para a comunidade brasileira aqui é bem conhecido lá longe: *ijimé* (*bullying*, que não poupa nem a realeza), ausência, gravidez precoce, jovens fora da escola, drogas, crimes, encarceramento (perpétuo, pena de morte...), choro de pais, lamentos, arrependimentos, desesperança. Difícil não recordar das lições de Sêneca, *Sobre a Brevidade da Vida*: “ninguém nasce e vive impunemente”, e “a vida é curta para quem desperdiça o seu tempo” (SÊNECA, 2006). Tudo porque “as coisas estão no mundo, minha nega”, como cantou Paulinho da Viola. No entanto esse aprendizado tão óbvio e imprescindível é igualmente dos mais difíceis e demorados, como se fugisse para as harmonias nas esferas toda vez que o nosso cavaquinho propõe um chorinho singelo.

CIRANDA

Eu quase que nada não sei.
Mas desconfio de muita coisa

Guimarães Rosa

O paradoxo de Heidegger de que é preciso entender primeiro (*verstehen*) antes da interpretação (*auslegung*) ganha contornos interessantes aqui (HEIDEGGER, 2006). Ele acerta quando sugere que as coisas começam a se tornar visíveis como “objeto de especulação” logo que a inter-relação existente entre todas as entidades do mundo é violada (*seinsfrage*). Mas isso se assemelha a um princípio. Como entender a totalidade das coisas em cada objeto sem a amnésia conceitual do “Ser no Tempo” (*Sein und Zeit*)? O Japão oferece uma perspectiva com ingredientes bem afetos a algumas das necessidades mais candentes do século XXI – equilíbrio. O aumento expressivo no contingente de estrangeiros que vem para cá visitar templos talvez indique isso. Estando aqui por motivações de trabalho, observo a riqueza das fecundas experiências que são proporcionadas no calendário das festas populares profundamente religiosas sem religião.

Outras sonoridades, outras cadências, outras cores, outros modos de combinar, de escutar, recortar, compor, pensar, sentir, olhar e enxergar. Muitas complexidades ainda, mas algum sentido parece querer se anunciar em modo maior. O outono já nos acompanha, a temperatura cai a cada dia. O sol chega tarde e vai embora cedo. O clima vai se assemelhando ao mês da chegada, abril. Mas ainda não é tempo das cerejeiras, quando o ciclo se completa e outro se inicia. Parte significativa da travessia foi contemplada, entretanto “outras notas ainda vão entrar, mas a base é uma só”. A sensação de que “chegar e partir são dois lados da mesma viagem”.

Na KUFS, as aulas transcorrem mais rapidamente, os alunos já se arriscam a improvisar algumas brincadeiras e comparações entre o português e o japonês. O sinal fechado do início veio cedendo ao encanto dos ritmos e da batida do samba, da bossa, do baião, da embolada, do frevo, do forró, da capoeira, da catira, do chamamé, do *rap* e do *funk*; do ritmo dissoluto de Bandeira, da mineiridade universal de Drummond, dos retratos de Rubem Fonseca, dos concertos sonoros de Guimarães Rosa, da simplicidade cortante de Carolina de Jesus e outros muitos poetas, cineastas (Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha, Joel Zito Araújo), e tantos artistas brasileiros. Apresentar a cultura das distintas regiões tem sido uma tarefa prazerosa e, ao mesmo tempo, uma oportunidade fascinante para refletir sobre os mistérios e as misérias do Brasil.

Cheguei a improvisar com alguns alunos e o professor Iyanaga alguns sambas e bossas entre tamborins, violões, piano e palma da mão. O poder da música brasileira é difícil de mensurar. Uma força que amolece, alegra, esquenta e coloca a gente a mexer – ainda que parcialmente descompassadas – num tempo saboroso propício ao humano. Infelizmente a literatura brasileira encontra grandes dificuldades por aqui, há raras traduções e praticamente nenhuma divulgação, além de parcos materiais didáticos de qualidade atualizados. Com o cinema, a abordagem é relativamente mais fácil.

Nos 50 anos da bossa nova, em 31 de março de 2008, Carlinhos Lyra foi entrevistado no programa *Roda Viva* da TV Cultura (LYRA, 2008). A certa hora, correlacionou o sucesso

da bossa nova no Japão à existência de uma grande classe média. Minha impressão é que o sucesso da bossa se deve mais à congruência dos seus elementos internos à cultura japonesa: minimalismo, valorização do silêncio, contenção vocal, extrema sofisticação revestida de simplicidade, introspecção e ritmo moderado. O dado novo é que a geração dos atuais 20 anos, aparentemente, se interessa por andamentos mais acelerados, e com propostas diferentes da contenção – *rap*, samba... Coisas da idade, do tempo.

IVAN SIQUEIRA

**Professor Doutor do Departamento de Informação e Cultura (CBD),
da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP.**

Referências

BOUISSOU, Jean-Marie. *Esthétiques du Quotidien au Japon*. Paris: IFM/Regard, 2014.

DE MENTE, Boyé Lafayette. *Japan's Cultural Code Words: 233 key terms that explain the attitudes and behavior of the Japanese*. Tokyo: Tuttle Publishing, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2006.

LYRA, Carlinhos. Carlinhos Lyra: depoimento sobre os 50 anos da bossa nova (31 mar. 2008). Programa Roda Vida, TV Cultura.

MAKINO, Seiichi; TSUTSUI, Michio. *A Dictionary of Basic Japanese Grammar*. Tokyo: The Japan Times, 2013.

MARRA, Michele. *Modern Japanese Aesthetics*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2002.

SÊNECA. *Sobre a Brevidade da Vida*. Porto Alegre: L&PM, 2006.





Índice iconográfico

Joel La Laina Sene



capa
Shimogamo-jinja
Kyoto



p. 6
Vento de inverno
Kyoto



p. 11
Hirano-jinja
Kyoto



p. 20
Jovens no trem
Osaka



p. 24
Preparação do Matsuri
Kyoto



p. 39
Passagens subterrâneas
Tokyo



p. 40
Família
Myajima, Hiroshima



p. 53
Doze Domos
Hiroshima



p. 54
Família fotográfica
Kinkaku-ji, Kyoto



p. 67
Passagem de foco
Kyoto



p. 68
Entre amigos
Tsu, Mie



p. 87
Jardim do Palácio
Kyoto



p. 88
Kitayama
Kyoto



p. 97
Arqueiras
Kyoto



p. 98
Trem
Osaka



p. 111
Momiji
Kyoto



p. 112
Fantasia Maico
Kyoto



p. 127
Grande salto
Kyoto University of
Foreign Studies, Kyoto



p. 128
Passarinho solitário
Kitano Temangu, Kyoto



p. 138-139
Passagem da Filósofa
Kyoto

eca50 ANOS
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



Kyoto, 16 de agosto de 2009

Este livro foi composto em Gotham e impresso pela Imprensa Oficial do Estado sobre papel couché fosco 150 g/m² (miolo) e papel tríplex 300 g/m² (capa) em dezembro de 2016.

